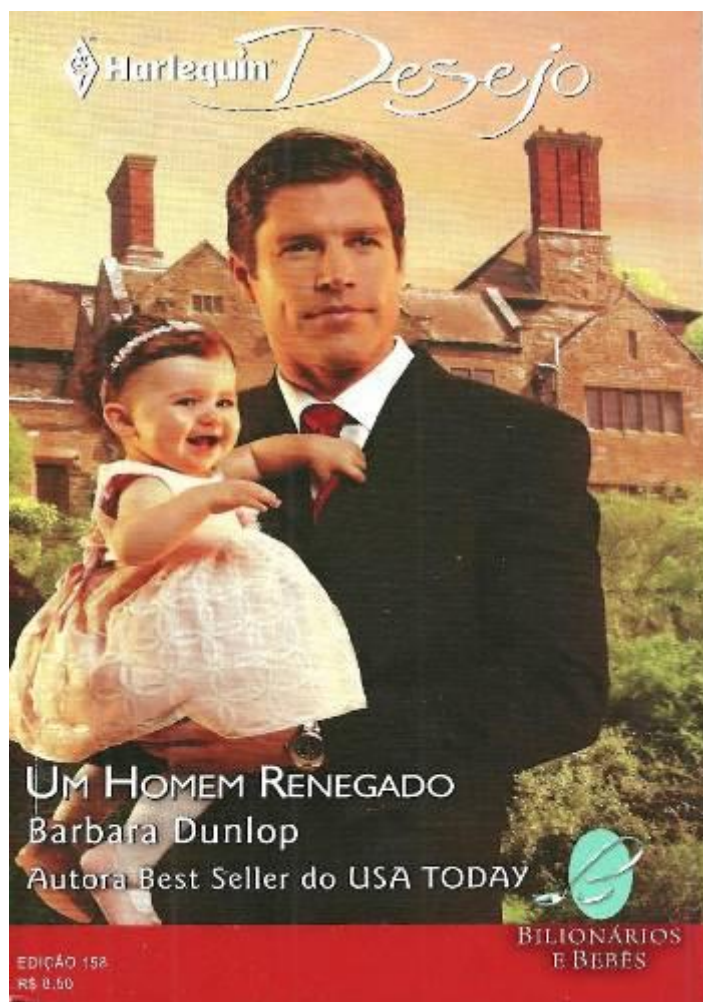


Um Homem Renegado

BILLIONAIRE BABY DILEMMA

Barbara Dunlop



Um bebê vale bilhões...

Família e poder eram tudo para Lucas Demarco. Ao descobrir que compartilharia com Devin Hartley a custódia de sua sobrinha órfã, ele só viu uma saída: reverter a situação. Especialmente porque ela desprezava todos os Demarco! No entanto, Lucas havia subestimado Devin.

Ela acreditava que para ele o bebê era somente uma peça em seu jogo de dominação. Mas Lucas tinha interesse verdadeiro em criar a sobrinha. Convencer Devin de suas intenções não seria fácil, principalmente quando seu desejo por ela começava a ficar fora de controle e prestes a torná-los amantes!

Digitalização: Projeto Revisoras

Revisão: Cassia



Projeto Revisoras



Tradução: Deborah Mesquita Barros

Harlequin

2011

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados.

Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: BILLIONAIRE BABY DILEMMA

Copyright © 2011 by Barbara Dunlop

Originalmente publicado em 2011 por Silhouette Desire

Arte final de capa: núcleo-i designers associados

Editoração eletrônica: ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500.

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornal e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para: Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Lucas Demarco era um homem que gostava de certezas. Gostava de solidez e de controle. E faltava cada um desses elementos essenciais no que seu primo Steve Foster estava propondo.

— Basicamente Brasil — disse Steve. — Mas East Palites é uma área de comércio livre para toda a América do Sul. Pacific Robotics seria pioneira em alta tecnologia.

Lucas levantou seu caiaque molhado e o remou sobre a cabeça e começou o caminho de volta do cais particular em Puget Sound para a casa de barco.

— A situação política é muito instável.

— Eles não irão nacionalizar o setor de alta tecnologia — disse Steve enquanto o seguia num terno de trabalho. — Isso seria suicídio.

Lucas pôs o caiaque sobre a grama do lado de fora da casa de barco e desenrolou uma mangueira do jardim.

— Certo.

— Se nós não fizermos isso, Lucas, alguém mais fará.

— Que façam — replicou Lucas, tirando seu colete salva-vidas que estava sobre a roupa de mergulho. Era uma tarde, quente de maio, mas a temperatura do oceano ainda era fria o bastante para causar hipotermia a uma pessoa. — Eu não me importo em ser o segundo.

Steve plantou as mãos nos quadris.

— Esta não é sua decisão.

— Nem sua. E um empate significa que continuamos com a posição atual. — E tudo bem aquele empate em particular. Mas Lucas sabia que eles precisavam resolver a situação de sua sobrinha órfã, Amélia, e tinham de fazer isso logo.

Ele e Steve possuíam cada um, 45% da Pacific Robotics, tornando os dez por cento de Amélia a chave para a corporação.

Lucas sabia disso, assim como Steve e diversos advogados, executivos da empresa e concorrentes. Quem controlasse Amélia seria o voto de minerva em cada decisão da corporação Pacific Robotics dali em diante.

Lucas e seu irmão, Konrad, haviam colocado seus corações e almas na corporação bilionária. Enquanto Konrad estava vivo, e no controle das ações da filha, Amélia e a corporação estavam seguras. Mas, com a morte de Konrad, Lucas precisava da guarda permanente de sua sobrinha bebê para ter controle de decisão. Essa era a única maneira de protegê-la dos exploradores que tentariam usá-la, e a única maneira de assegurar o futuro da Pacific Robotics.

— Filho da mãe! — xingou Steve.

Lucas abriu a torneira externa, apontando a mangueira de água para o deck do caiaque, a fim de tirar o sal do barco.

— Sorte que minha mãe não está viva para ouvi-lo dizer isso.

— Vou contestar o testamento de vovô — prometeu

Steve, erguendo o tom de voz. — Não pense que não provarei o que Konrad fez.

— Konrad se casou e teve um bebê — disse Lucas, reprimindo a onda de dor que sentiu ao mencionar o nome de seu irmão morto. Mas, tornando-se pai de Amélia, Konrad tinha cumprido as condições do testamento do avô deles, e garantido a herança para o lado Demarco da família, em vez dos Foster irresponsáveis, que estavam mais interessados em férias do que em relatórios e balanços gerais.

Embora Lucas tivesse suas próprias preocupações sobre a velocidade com que Konrad se apaixonara e se casara com Monica Hartley, nunca as compartilhara com Steve.

E acreditava que Konrad estivesse no mínimo muito perto de amá-la quando eles haviam se casado.

Em todo caso, aquele era um ponto discutível. Como primogênita Amélia era herdeira do avô deles. Steve já insistira num exame de DNA, cujo resultado provara que Konrad era pai de Amélia.

Lucas virou o caiaque e começou a jogar água no casco azul brilhante.

— Então, quando será a audiência sobre a guarda temporária? — perguntou Steve.

Monica morrera no acidente de avião com Konrad, e a irmã dela, Devin Hartley, estava lutando contra Lucas pela guarda de Amélia.

— Na próxima semana.

Steve assentiu uma expressão perspicaz nos olhos.

— E se Devin vencer? Bingo. Lá estava.

— Fique longe de Devin — Lucas o avisou. Não que pretendesse perder.

Steve estreitou os olhos para o sol se pondo sobre as montanhas de Bainbridge Island.

— É um país livre.

— Eu falo sério — disse Lucas, fechando a torneira. — Não se meta com Devin Hartley.

Ela parecia uma mulher decente, um pouco desleixada, e definitivamente mais emotiva do que Lucas teria gostado. Ainda assim, havia algo inerentemente sensual no jeito como ela se movia e sorria. Os olhos azuis haviam brilhado na noite do casamento de Konrad, como se ela estivesse guardando um segredo, e ele se pegara querendo descobri-lo.

Lucas sabia que sua reação tinha sido ridícula. E finalmente descartara essa ideia. Até agora. Não que isso importasse. A questão era que não permitiria que Steve tentasse ficar amigo de Devin na esperança de abrir uma filial da Pacific Robotics na América do Sul.

O sorriso de Steve era dissimulado e confiante.

— Se ela vencer, nada irá me impedir de apresentar meu caso.

Lucas guardou a mangueira.

— E você chamou a mim de filho da mãe.

— Neste caso, eu o chamo de covarde e sem imaginação.

— E eu o chamo de imprudente.

— Então, nós concordamos ou discordamos?

— Fique longe de Devin.

— Diga-me, Lucas, quem morreu e o transformou em rei?

— Vovô.

— Não. Ele morreu e transformou Konrad em rei. — Steve pausou. — E sabe; eu poderia ter vivido com aquilo.

Lucas desceu o zíper de sua roupa de mergulho, tentando não se surpreender pelo ataque direto.

— Está dizendo que preferia que eu tivesse morrido em vez de Konrad?

— Estou dizendo que Konrad era um homem melhor. Ele era como eu. Sabia como o jogo funcionava.

— Konrad não era nada como você. — Konrad podia ter tido uma personalidade impulsiva, mas não era trapaceiro. Era honesto, e pensava nos interesses da família. Steve, por sua vez, não era confiável.

Steve deu um passo à frente.

— Esta é uma era de diversificações globais, Lucas. Precisamos expandir. Os que fizerem isso irão prosperar. Os que não o fizerem murcharão e morrerão.

— E aqueles que perderam seus bens industriais para um golpe de estado?

— Pelo menos, tiveram a coragem de tentar.

Lucas removeu o macacão impermeável preto e pendurou-o num cabideiro externo.

— Existe uma diferença entre coragem e estupidez.

Steve riu.

— Isso é o que os covardes dizem para si próprios.

Lucas controlou sua frustração. Ao mesmo tempo, sentiu uma onda de solidão. Steve tinha sido um imbecil pela maior parte de sua vida, mas Konrad sempre estivera por perto para transformar o comportamento de Steve numa piada.

Lucas e Konrad tinham conduzido suas próprias vidas. Konrad passara a maior parte do tempo em seu apartamento em Bellevue. E, durante o último ano, estivera obcecado em reconquistar sua esposa. Mas, até perder o irmão, Lucas não percebera o quanto contava ter alguém que entendesse as pressões de administrar a empresa, alguém que risse das fraquezas dos parentes que possuíam laços tão fortes através dos negócios da família.

— Talvez você queira se juntar a mim — disse Steve.

— E talvez você queira começar a usar o cérebro em vez de confiar em ambição cega.

— Então suponho que o verei na audiência.

— Você não está convidado.

— Este é um país livre.

Quando Lucas recusou-se a reagir ao óbvio desafio, Steve meneou a cabeça e foi em direção à mansão.

Lucas suspirou. Sempre se esforçara para não brigar com seu primo irritante. Konrad tinha sido o diplomata da família, convencendo um Lucas adolescente de que ele não poderia ganhar de Steve usando as próprias mãos. Mas, sem Konrad agora, Lucas sentia muita vontade de tentar.

Com Amélia finalmente tirando sua soneca, Devin Hartley foi para a sala de estar de seu chalé à beira do lago, recolhendo brinquedos do chão, assim como cobertas, livros e revistas espalhados pela sala. Desde que Amélia começara a engatinhar no mês anterior, segurava-se nos móveis mais baixos e puxava tudo que conseguia então Devin mandara proteger tomadas e quinas para a segurança do bebê. Mesmo assim, por volta de meio-dia, o lugar parecia uma zona de guerra.

— Tudo silencioso? — perguntou sua vizinha Lexi quando ela abriu a porta de tela do terraço.

Devin sorriu e gesticulou para que Lexi entrasse. A mulher tinha pouco mais de 40 anos, com três filhos que já haviam saído da cidade para trabalhar ou fazer faculdade.

Lexi perdera o marido seis anos antes, num acidente de barco. E sua empatia e sua compreensão tinham ajudado Devin a suportar as terríveis semanas depois do acidente de avião de Monica e Konrad.

— Conseguiu dormir a noite passada? — perguntou Lexi, entrando e fechando a porta. Os mosquitos já estavam do lado de fora, e as abelhas, atraídas pelo jardim e flores selvagens, começavam a tornar sua presença conhecida.

— Seis horas seguidas — respondeu Devin com um sorriso satisfeito. Dormir era algo raro ultimamente.

Lexi abaixou-se para pegar alguns brinquedos e depositou-os na caixa de madeira no canto da sala.

A decoração de Devin era simples: duas poltronas, um sofá listrado e algumas mesinhas e abajures que não combinavam. A pequena lareira de pedra não era usada em anos, e um tapete estampado levava à cozinha e ao deck com vista para o lago.

Mas o chalé era limpo e aconchegante, e Devin o adorava. Sendo perto do lago, era um lugar perfeito para Amélia brincar. Os quartos eram compactos enquanto a cozinha era brilhante e alegre. Pela maior parte do ano, o clima era quente o bastante para que as refeições fossem feitas no deck, que Devin decorara no ano anterior com uma linda mesa, cadeiras almofadadas e uma churrasqueira a gás.

— Você tem tempo para um chá? — perguntou Lexi.

— Com certeza. — Devin esperava que Amélia dormisse por no mínimo uma hora.

— Alguma novidade sobre a guarda temporária?

— Somente que estou com medo da audiência. — Devin suspirou. — Não sei por que não podemos simplesmente deixar as coisas como estão.

Faltava menos de dois meses para a audiência que decidiria a guarda permanente de Amélia, mas, por alguma razão, Lucas Demarco subitamente decidira que queria custódia temporária. O advogado dele mandara uma carta ameaçadora, forçando Devin a ir a uma audiência na semana seguinte.

— Você sabe por que ele está fazendo isso — disse Lexi, dobrando um cobertor de bebê.

— Sim, eu sei.

— Para se aproximar de Amélia.

Devin assentiu em concordância.

— Esta é a minha grande vantagem sobre ele no momento.

— Boa sorte para ele, eu diria — murmurou Lexi. — Ele não parece adequado para ser pai.

Lexi vira Lucas apenas uma vez, no casamento de Monica. Mas elas haviam lido histórias sobre ele, descrevendo o homem de negócios implacável e solteiro mulherengo sexy que era. Era óbvio que Lucas só estava interessado em Amélia porque a garotinha tinha herdado ações da Pacific Robotics. E controlar a criança daria a Lucas a maioria das ações da empresa, então suas decisões seriam finais.

Na maior parte do tempo, Devin sentia-se confiante que qualquer juiz perceberia isso. Mas, às vezes, quando sua confiança vacilava e a vida parecia difícil, temia que Lucas pudesse ganhar o caso e tirar-lhe Amélia.

Enquanto Lexi ia para a cozinha, Devin reprimiu seu medo. Pegou as últimas bonecas do chão e endireitou uma pilha de revistas.

Uma batida soou à porta.

Lexi espiou ao redor da parede da cozinha, a expressão intrigada. Ninguém batia à porta de Devin. Na pequena comunidade de Lake Westmire, as pessoas geralmente atravessavam o deck frontal, abriam a porta deslizante de vidro e entravam. Se quisessem ser formais, telefonavam antes de ir.

Sentindo-se levemente constrangida em jeans surrado, camiseta desbotada e descalça, Devin foi para a porta que ficava nos fundos da sala. Olhou pela pequena janela retangular, e reconheceu vagamente o homem parado na varanda. Abriu metade da porta e tentou descobrir o que era familiar sobre ele.

Ele tinha estatura média e cabelos loiro-avermelhados. Estava de terno e parecia ter aproximadamente 35 anos, embora o rosto redondo lhe desse uma aparência infantil.

— Posso ajudá-lo?

O homem estendeu a mão e ofereceu um sorriso amigável.

— Steve Foster. Nós nos conhecemos no casamento de Konrad e Monica. — O sorriso desapareceu. — Minhas condolências por sua perda.

— Obrigada — respondeu Devin, apertando-lhe a mão, enquanto tentava lembrar-se dele.

Então lembrou. Steve Foster era primo de Konrad. Ela recolheu a mão.

— Sinto muito por sua perda, também — murmurou Devin, embora considerasse a família Demarco parcialmente responsável pela morte de sua irmã. Se não fossem tão gananciosos e desconfiados, não teriam entrado em pânico por causa das ações de Amélia.

Konrad não teria ficado tão desesperado para reconquistar Monica, e Monica nunca teria entrado no avião naquela noite.

— Espero não estar incomodando — continuou ele afavelmente.

— Você precisa de alguma coisa? — Ela podia ouvir Lexi aproximando-se, presumivelmente para avaliar a situação.

— Eu vim me desculpar — ofereceu Steve. — Em nome de minha família. Entendo que Lucas tem atormentado você.

Devin não sabia o que responder. Lucas era a maldição atual de sua vida. Mas não tinha certeza pelo que Steve estava se desculpendo.

A chaleira apitou atrás dela, e os passos de Lexi desapareceram rapidamente dentro da cozinha.

— Acabo de saber sobre a audiência da guarda temporária.

Bem, isso respondia a uma pergunta. Mas ela ainda não sabia por que ele estava lá.

Steve pigarreou.

— Eu posso... — Ele gesticulou para o interior da casa. — Tenho uma oferta para você.

— Não estou interessada — replicou Devin. Não confiava em nenhum dos Demarco, ou nos Foster, principalmente quando tentavam ser

gentis.

— Eu gostaria de compensá-la pelas ações de Lucas.

Devin estudou-lhe os olhos azuis-claros.

— Por quê?

Ele parecia sincero.

— Porque ele a está ameaçando terrivelmente. Lucas tem cinco advogados caros no caso. Conheço estes homens, e francamente, Devin, você não tem chance.

Medo contorceu o estômago de Devin. Mas sua desconfiança não diminuiu. Não havia razão para que Steve a avisasse sobre Lucas. A família Demarco queria Amélia e, Steve era um deles.

— O que você quer? — demandou ela, friamente.

— Eu acabei de lhe dizer. — Ele encontrou-lhe os olhos sem piscar. Se aquilo era uma farsa, Steve era excelente ator.

Era possível que estivesse sendo honesto?

— Por que você se importaria?

Devin ouviu Lexi se aproximar mais uma vez. Era bom saber que sua amiga estava por perto, mesmo que não estivesse numa posição melhor que Devin para contratar advogados caros.

— Eu me importo porque sou um, ser humano decente. E estou fazendo mais do que apenas avisá-la. Estou aqui para lhe oferecer os serviços de uma excelente firma de advocacia. Bernard e Botlow trabalham para mim, e você pode usá-los na próxima audiência. Sem nenhum custo, é claro.

Devin piscou para o homem.

Lexi abriu mais a porta.

— O que está acontecendo aqui?

Steve viu Lexi, e pareceu desconcertado por um segundo.

— Olá. E você é?

— Sou amiga de Devin.

Ele voltou sua atenção para Devin.

— Posso entrar por um momento?

— O bebê está dormindo — disse ela.

— Eu falarei baixinho. — Ele esperou, então olhou para Lexi. — Estou aqui para oferecer serviços legais, nada mais. Vocês podem checar a firma de advocacia. Os advogados têm excelente reputação, e não me envolverei no caso de nenhuma maneira.

Ele olhou para Devin.

— Meu primo está sendo injusto com você. Lucas está levando vantagem no processo, e quero que você tenha tanta chance quanto ele.

Devin não queria pensar sobre o primo de Steve, Lucas. Ele era Demarco da cabeça aos pés. E isso significava que era devastadoramente bonito, sexy, seguro de si e poderoso.

A combinação deveria ser irritante. Era irritante. Mas também era excitante, e Devin se descobrira tendo de lutar contra uma atração sexual pelo homem que se tornava mais ameaçador a cada dia. Pensou sobre sua advogada em Beach Drive. Hannah era maravilhosa. Era brilhante e trabalhadora, e oferecera honorários bastante baixos para Devin. Mas não era especialista em Direito Familiar.

— Você poderá dizer "não" após me ouvir — insistiu Steve.

Devin olhou para Lexi. Sua amiga deu de ombros de maneira quase imperceptível, e Devin decidiu arriscar. Afinal, Steve estava certo sobre uma coisa: ela poderia negar a proposta a qualquer momento. Parecia haver pouco risco em ouvir o que ele tinha a dizer.

Lucas acompanhava os movimentos do carro de Steve através de um rastreador, e, quando o dispositivo ficou parado por meia hora nos arredores de Lake Westmire, ele soube que suas suspeitas estavam confirmadas, e suas ações, justificadas.

Deixou a mansão rapidamente, e foi para a garagem que hospedava seu Bugatti preto.

Fez o trajeto de uma hora em quarenta minutos, passando a imagem na tela do radar que sinalizava o Porsche de Steve vindo na pista contrária ao longo da estrada sul de Seattle. Seu GPS o levou para a estrada litorânea de Lake Westmire, então para um caminho de cascalho atrás de um chalé branco compacto, que obviamente dava vista para o lago.

Lucas parou, desligou o motor e desceu do carro baixo.

A escadaria era curta, e levou-o a um deck estreito que provavelmente dava numa varanda com vista para o lago. De frente para a estrada, havia uma porta pintada de azul.

Ele bateu.

Após alguns minutos, Devin espiou através da pequena janela, franzindo o cenho antes de abrir a porta.

— Lucas? — exclamou ela, obviamente intrigada por sua presença.

— O que ele queria? — Lucas perguntou sem preâmbulos.

— Perdão?

— Steve. O que ele queria?

— Não sei do que está falando.

Sem ser convidado, Lucas entrou no pequeno hall e encostou-se contra a parede pintada de amarelo, deixando poucos centímetros entre os dois. Estava desapontado por ela ter mentido. Mas, então, o que sabia sobre Devin?

— Steve esteve aqui — afirmou ele.

Ela não respondeu.

— É assim que você quer jogar? — persistiu Lucas. — Irá olhar nos meus olhos e mentir?

Devin piscou os longos cílios sobre os olhos profundamente azuis, camuflando seus sentimentos.

— O que você está fazendo aqui?

— Diga-me o que ele queria? Steve tentou fazer, um acordo? — Se Lucas entendesse as táticas de Steve, estaria em melhor posição para neutralizá-las.

— Não sei do que está falando.

Lucas a olhou intensamente.

— Eu vi o carro dele.

— Estava me espionando?

— Não. — Na verdade, ele estava espionando Steve. — Mas sei que Steve esteve aqui e quero saber o que ele lhe falou.

Abrir uma fábrica na América do Sul não era uma

decisão para ser tomada impulsivamente. Steve teria pintado para Devin um cenário de lucro, encobrindo todos os riscos. Ter de justificar sua estratégia corporativa internacional para uma mulher cuja experiência profissional era autografar seus livros de auto-ajuda enlouquecia Lucas.

Devin balançou cabeça, os cabelos morenos curtos movendo-se de leve com o movimento.

— Isso não é da sua conta.

Lucas sentiu sua pressão sangüínea subir.

— Então, você admite que ele, esteve aqui.

— Isso também não é de sua conta.

— Droga, Devin — gritou ele.

O choro de um bebê veio de dentro da casa. Devin bateu a palma da mão contra a porta aberta.

— Viu o que você fez?

Lucas instantaneamente percebeu que Amélia estava lá.

É claro que Amélia estava lá. Morava lá.

Devin virou-se e adentrou a sala, descalça seu jeans justo marcando o traseiro bem formado. Lucas ignorou a vista, e aproveitou a oportunidade para fechar a porta e segui-la para dentro da casa. Não iria embora sem respostas.

Devin reapareceu na sala de estar, com Amélia chorando sobre um de seus ombros.

Ela acariciou as costinhas do bebê enquanto olhava para Lucas.

— Muito obrigada.

— Eu não sabia que ela estava dormindo.

— São três da tarde. O que pensou que ela estivesse fazendo?

Lucas não tinha idéia, e não fazia sentido tentar adivinhar.

— Se você apenas me contar o que Steve falou...

O choro de Amélia se tornou mais vigoroso, e Devin começou a balançá-la.

— Você é muito abusado, Lucas Demarco. Aparecer aqui...

— Steve foi muito abusado vindo aqui pelas minhas costas.

— Ele me ofereceu ajuda.

Lucas deu uma risada irônica.

— Steve nunca ajudou ninguém em sua vida inteira.

Amélia gritou, quase estourando os tímpanos de Lucas. Ele deu-lhe um olhar irritado.

— Você não pode fazer alguma coisa...

Para seu choque, Devin inclinou o bebê contra o peito dele.

Lucas automaticamente estendeu os braços para segurar a criança.

— O que...

— Tente você — disse ela.

Amélia deu uma olhada para o rosto de Lucas e abriu a boca para berrar. Lágrimas escorriam pelos cantos dos olhinhos fechados, e o pequeno rosto estava vermelho pelo choro.

Devin foi em direção à cozinha.

— Aonde você vai? — demandou Lucas,

apavorado.

— Pegar uma mamadeira.

— Mas... — O bebê se contorcia em seus braços, mas ele estava com medo de segurá-lo mais perto. O pequeno nariz escorria, e baba brilhava no queixo da menina.

Ele estava usando um terno Savile Row, pelo amor de Deus!

Então ela subitamente parou de chorar. Amélia enrijeceu o rosto se contorcendo enquanto ela parecia fazer força. O cheiro que preencheu o ar segundos depois quase o fez vomitar. Lucas respirou pela boca, olhando freneticamente ao redor da sala, procurando um lugar para colocá-la.

Felizmente, Devin emergiu da cozinha.

— Boa menina — brincou ela, pegando a criança dos braços de Lucas e aconchegando-a contra si, parecendo nem se incomodar com o cheiro.

Lucas deu um passo atrás, silenciosamente reconhecendo a bravura de Devin.

— Você precisa ser trocada, querida? — ela perguntou para o bebê.

Quando Devin deitou Amélia no chão e pegou uma sacola azul de fraldas, Lucas foi para uma janela aberta.

— Você gostaria de trocá-la? — ofereceu Devin docemente. — Uma vez que está lutando pela custódia, seria bom que adquirisse alguma prática.

Atônito com aquilo, ele respondeu:

— Ela terá uma babá.

Devin tirou a calça cor-de-rosa de Amélia, revelando uma fralda branca.

— Você não pretende trocar as fraldas dela?

Lucas virou-se, olhando para o deck de madeira, e para o gramado inclinado que levava às águas calmas do lago. O vizinho de Devin tinha um cais, com um elegante barco atracado. Algumas casas eram visíveis ao longo da margem da praia, com jardins bem cuidados enquanto uma abundância de verde cobria os morros atrás. Era um lugar muito bonito.

— Espero que isso não seja necessário — respondeu ele. — Para isso existiam babás.

— Pronto, meu anjinho — murmurou Devin, e Lucas olhou para onde Amélia estava sobre pés descalços gorducho às mãos agarrando os cabelos de Devin para equilíbrio.

Devin recostou sua sobrinha contra o sofá e deu-lhe a mamadeira, a qual o bebê prontamente levou à boca.

— Por que você quer a custódia? — Ela levantou-se, sua camiseta estava amassada e manchada. Não era de admirar que optasse por roupas simples. Ele podia imaginar o que Amélia faria em linho e seda.

Entretanto, as roupas simples não escondiam a linda figura. Ela era baixa, talvez 1,65m. E a ausência de saltos a fazia parecer ainda mais baixa. Mas as pernas eram bem torneadas, a cintura, fina, e os seios, arredondados em perfeita proporção com tudo o mais.

— Você não parece particularmente interessado em Amélia.

— Ela é uma Demarco.

— E daí?

— Eu tenho uma responsabilidade.

— Não pode ao menos ser honesto?

— Estou sendo honesto. — Ele devia ao seu irmão manter Amélia segura. Se Lucas tivesse morrido e deixado uma filha, não esperaria outra atitude de Konrad.

— Você quer os dez por cento que Amélia tem da Pacific Robotics, Lucas. Não se importa com Amélia como pessoa.

— Você está muito enganada sobre isso.

— Farei o que você pedir pela empresa — disse ela. — Prometo não interferir.

Ele gostaria que pudesse acreditar nela.

— O que Steve disse?

— Eu não posso lhe contar.

Lucas suspirou.

— Eu sei o que ele disse. Steve lhe oferecera um acordo.

Se ela ganhasse a guarda de Amélia, ele a recompensaria por apoiar seus planos de expansão na América do Sul.

— Então, por que me pergunta?

— Eu queria saber se podia confiar em você.

Devin aproximou-se.

— Você está mentindo. Nunca confiará em mim. Quer informação para usar contra mim.

Ela estava perto.

Ele queria informações para usar contra Steve.

— Vejo que isso não está nos levando a lugar algum.

— Estou bem à sua frente, Lucas. Já sei por semanas que não chegaremos a lugar algum.

Ele estudou-lhe os olhos azuis, notando os cílios escuros, as bonitas sobrancelhas arqueadas, o pequeno nariz reto, os lábios sensuais e a pele cremosa. Ela era uma linda mulher. Também era irascível e apaixonada, tornando-a uma oponente frustrante.

Mas ele derrotara oponentes frustrantes antes. E venceria aquela batalha também. Ela podia saber trocar fraldas, mas Amélia precisava de mais que abraços e um traseiro limpo.

Era uma Demarco. Um dia controlaria uma porcentagem significativa da corporação bilionária.

Amélia precisava de instrução, conselho e experiência, assim como da segurança que acompanhava sua posição futura na vida. Lake Westmire podia ser um bom lugar para criar a maioria das crianças. Mas não era o bastante para Amélia.

CAPÍTULO DOIS

Devin estava mais do que satisfeita com o advogado que Steve lhe providenciara para a audiência da custódia temporária. O homem expôs seus pontos à juíza de maneira concisa e eloqüente, descrevendo o laço de Devin com Amélia, como Devin estivera presente durante o nascimento da criança, e que Amélia

vivera na casa de Devin desde que saíra do hospital. Ele apresentou cartas de amigos e vizinhos, falando sobre as habilidades maternas de Devin e sobre o óbvio amor que ela sentia pela sobrinha.

Apontara a falta de experiência de Lucas como pai, os planos dele de contratar uma babá para todos os cuidados do bebê, e o fato de que ele passara muito pouco tempo com Amélia desde o nascimento dela. Reconhecia as preocupações com a segurança para uma criança de uma família tão rica, mas apontou que havia muitas opções para garantir a segurança de Amélia.

Devin nunca pensara na possibilidade de que alguém seqüestrasse Amélia para resgate. Isso ainda acontecia na América?

Ela achou que ele tinha feito um excelente trabalho, e pensou que eles venceriam.

Mas então, no último minuto, o advogado de Lucas levantou-se para se dirigir à juíza.

Ele reconheceu o elo de Devin com Amélia, falou sobre a portabilidade da carreira de Devin como escritora de livros de auto-ajuda, então sugeriu o que chamou de solução conciliatória... Que Amélia e Devin morassem temporariamente na mansão Demarco.

Amélia poderia estar com Devin, mas também contaria com a segurança da propriedade.

Devin olhou para Lucas. A expressão presunçosa dele disse-lhe que aquilo estivera planejado o tempo inteiro.

Ele sabia que não poderia vencê-la agora, então surgira com uma estratégia para lhe roubar a vitória. No momento em que a guarda permanente fosse considerada, Lucas teria construído um elo com Amélia. E Devin perderia sua maior vantagem.

Ela abriu a boca para protestar, mas sabia que não havia saída. Qualquer argumento que usasse a faria parecer inflexível. Talvez aquela mesma juíza decidisse sobre a guarda permanente, e Devin não podia perder pontos com ela.

— Srta. Hartley? — perguntou a juíza, a mão indo para o martelo.

O advogado de Devin falou:

— Não podemos causar esse tipo de perturbação na vida de Amélia, que já perdeu a mãe. A casa da Srta. Hartley é o único lar que ela já conheceu.

A juíza olhou para Devin.

— Você é escritora? Trabalha em casa?

Devin assentiu.

— Tem outros filhos?

Devin meneou a cabeça.

— Você se opõe à solução conciliatória?

Devin reconheceu a pergunta ardilosa. A seguir, a juíza lhe perguntaria por que ela se opunha a uma maior segurança para Amélia. Ela meneou a cabeça em rendição.

A juíza bateu o martelo.

— A custódia temporária fica com a Srta. Hartley, com a condição de que ela e a criança residam na mansão Demarco.

O advogado de Devin inclinou-se e sussurrou para ela:

— Sinto muito.

— Você não poderia ter previsto isso.

- Lucas é um bom estrategista.
- No meu bairro, chamamos isso de manipulador.
- Sim. — Ele guardou os arquivos de volta na pasta. — Mas funciona.
- Funciona — concordou Devin. E só podia culpar a si mesma por aquilo.

Subestimara Lucas. Agora se certificaria de que isso nunca mais acontecesse.

- Devin? — Lucas atravessou a sala de audiência, parando à sua frente.
- Você me deixou sem saída.
- Sim.

Devin olhou para cima.

- Você joga sujo.

Ele nem sequer piscou.

- Somente quando é necessário. Eu jogo para vencer.
- Isso não é um jogo, Lucas. — O futuro de uma garotinha estava em risco. Amélia não era uma peça de xadrez para ser jogada à conveniência dos adultos em sua vida.

- Por isso é necessário — disse ele. — Quanto tempo vai levar para fazer as malas?

Ela se levantou para confrontá-lo. Usava saltos de cinco centímetros, mas gostaria de estar um pouco mais alta. Ele tinha bem mais de 1,80m, os cabelos bem cortados, e emanava puro poder em seu terno impecável.

- Você quer saber quantos dias? — perguntou ela, sarcasticamente.
- Quero saber quantas horas.

Devin o olhou, vendo que ele falava sério.

- Quando você diz "pula", as pessoas geralmente perguntam "de que altura"?
- Eu tento não dar esse tipo de ordem, a menos que seja necessário.

Ela recusou-se a ser intimidada pela atitude autoritária dele.

- Preciso de uma semana.
- Sem problemas.

Devin piscou em surpresa.

- Eu levarei Amélia comigo agora, então aguardaremos sua chegada.
- Não seja ridículo.

Lucas voltou-se para o advogado de Devin, que estava observando a troca com óbvio interesse.

- Bill? Há algum período de implementação na ordem da juíza?
- Não — admitiu-o com um olhar apologético para Devin. — A ordem começa a valer imediatamente.

Lucas voltou sua atenção para Devin.

- Quanto tempo você vai levar para arrumar as malas?

Ela não podia deixá-lo vencer novamente. Vasculhou o cérebro por uma resposta.

Então, ocorreu-lhe que o homem estava blefando, e ela relaxou.

Em vez de responder, Devin tirou seu celular da bolsa e ligou para Lexi.

Lexi atendeu no primeiro toque.

- Como foi?
- Tudo bem, Lexi?

Houve uma pausa confusa.

- Tudo... Mas o que aconteceu?

— É um pouco complicado.

— Por quê?

— Pode aprontar a cadeirinha de carro e a sacola de fraldas de Amélia?

— Claro — disse Lexi.

Devin inclinou o celular para baixo do queixo, dirigindo-se a Lucas.

— Você tem um banco traseiro naquele carro esporte, certo?

Ele estreitou os olhos.

— Lucas está indo apanhá-la.

— Não me diga que ele conseguiu a custódia.

— Não. — Devin manteve a voz nivelada. — É só uma visita. — Ela observou Lucas.

Tinha visto a reação dele diante do choro de Amélia, o medo e o desgosto pela fralda suja. Ele não ia querer colocar-se numa posição em que estivesse sozinho com o bebê.

Mas, em vez de render-se, Lucas pressionou um número em seu telefone.

— Serviço de Babás Beauchamp? — Ele prendeu o olhar de Devin enquanto falava.

— Preciso de uma babá dentro de uma hora.

Devin praguejou baixinho.

— O que foi isso? — perguntou Lexi.

— Estarei em casa em uma hora.

— A cadeirinha do carro?

— Eu explico quando chegar aí. — Devin terminou a ligação.

— Eu ligo de volta — murmurou Lucas ao seu celular. Então guardou o telefone no bolso e olhou para Devin. — Então, quanto tempo você vai levar para arrumar as malas?

Lucas observou enquanto dois membros dos empregados da casa levavam os últimos pertences de Devin e Amélia para o andar de cima da mansão, Demarco. Estava completamente escuro agora, e Devin lhe informara, minutos atrás, que já tinha passado da hora de Amélia dormir, antes de fechar a porta do quarto do bebê diante do seu rosto.

— Eu lhe avisei para não confiar nele — disse Byron Phoenix, entrando no foyer que saía do hall e levava ao grande salão e ao estúdio.

— Eu nunca confiei nele — respondeu Lucas, virando-se para o segundo marido de sua mãe falecida, Byron, que estava vestido em seu jeans usual e camisa. Havia mechas grisalhas em seus cabelos castanhos. Ele segurava um drinque na mão.

— Ele pagou o advogado para ela? — O olhar de Byron seguiu a escada para o segundo andar, onde Devin e Amélia estavam em quartos anexos.

— Eu devia ter contado com essa possibilidade — admitiu Lucas. — Pelo menos, Amélia está finalmente em casa.

— Assim como a mãe urso Devin Hartley — apontou Byron.

— Ela é um problema. — Lucas ganhara hoje, mas então Devin também ganhara.

Byron inchou o peito largo.

— Nós atiramos em intrusos no Texas.

— Se atirmos em intrusos, aqui em Seattle você estaria morto anos atrás.

— Você sabe que eu amava sua mãe.

Levara alguns anos, mas Lucas aprendera a respeitar que o barão de gado texano fazia sua mãe, Crystal, feliz.

— Naquela época, todos chamavam você de

intruso — apontou Lucas.

— Você está defendendo Devin?

— Não. — Lucas não pretendia tomar o lado de Devin. Ela seria um problema para ele, principalmente com Steve lhe pagando advogados.

Olhou para o copo de Byron e decidiu que um drinque era uma boa idéia. Foi em direção ao grande salão, o qual era acessado por um painel de madeira e um corredor alinhado por retratos. Byron o seguiu, perguntando:

— Qual é o seu próximo movimento?

— Uma vez que Devin equiparou-se à minha maior vantagem sobre ela... Recursos legais... Suponho que terei de equiparar-me à maior vantagem dela sobre mim.

— Você vai pôr uma peruca e um avental?

— Engraçadinho.

O homem grande sorriu.

— Foi o que pensei.

— Amélia a adora.

Byron sorriu quando eles adentraram a sala suavemente iluminada.

— Lucas Demarco, o tio do ano?

— Quão difícil isso pode ser? Contratarei uma babá para as tarefas desagradáveis, mas posso ler um livro para a criança, construir-lhe um castelo, ou brincar de pega-pega.

— A menina nem anda ainda.

— Você sabe o que quero dizer.

Byron tornou-se pensativo.

— Você sabe que Bernard e Botlow tiveram negócios antigos com a Pacific Robotics, certo?

— Estou ciente. — Lucas olhou para as janelas que davam vista para o terraço de concreto, o gramado da propriedade, e as luzes dos navios em Puget Sound abaixo.

— Talvez a Corte considere isso um conflito de interesses.

— Ou eles podem me considerar um obstrucionista por tentar tirar o apoio legal de Devin.

— Dando o voto de compaixão a Devin — concluiu Byron.

— A jovem tia doce — disse Lucas, uma imagem da beleza de Devin brilhando em sua mente enquanto ele servia-se de uísque. — Trabalhadora autônoma sustentando-se num chalé à beira do lago, numa pequena comunidade bucólica com animais de estimação e mesas de piquenique. Certamente ela frequenta reuniões da prefeitura e assa biscoitos para boas causas. Amélia claramente a adora. A última coisa que queremos é torná-la uma vítima ainda mais compassiva.

— Uma vítima compassiva? — soou a voz de Devin.

Lucas virou-se.

Ela começou a atravessar o salão, os passos confiantes, os ombros erguidos. Usava calça de cotton, camiseta larga e tênis brancos.

— Pelo menos você não me chamou de patética — desafiou-a.

Byron deu um passo à frente, estendendo a mão.

— Byron Phoenix. Prazer em conhecê-la.

— Advogado? — perguntou ela, apertando-lhe a

mão brevemente.

Byron riu.

— Família estendida.

Devin arqueou as sobrancelhas numa pergunta.

— Ele foi casado com minha mãe — explicou Lucas.

— Você tem um padrasto?

— Eu tinha 22 anos quando eles se casaram. Nós não brincamos de pega-pega.

— Eu poderia ter lhe ensinado a laçar bois — observou Byron, rindo.

— Aceita um drinque? — Lucas ofereceu para Devin.

— Não, obrigada. — Ela olhou para o pátio da janela. — E não preciso do seu voto de compaixão. Planejo derrotá-lo de maneira justa. Há algum lugar ao ar livre onde eu possa correr?

— Ouviu isso? — disse Lucas para Byron. — Ela vai correr. A mulher parece ser um modelo de todas as virtudes. Suponho que você é abstinência e vegetariana também?

Devin o fitou com desdém. Então o surpreendeu, tirando o copo da mão dele e dando um grande gole.

— Eu não sou modelo para nada — disse ela, devolvendo-lhe o copo.

Byron não pôde conter uma risada.

— A mulher definitivamente tem coragem. Uma pena, Lucas. Uma moça submissa teria facilitado muito a sua vida.

— Durmo melhor quando corro — disse Devin. — E, uma vez que não tenho o luxo de minha própria cama, e que Amélia deve acordar às quatro da manhã, eu gostaria de correr ao redor do terreno, se possível.

— Uma das empregadas pode passar a noite com Amélia — Lucas ofereceu.

Devin meneou a cabeça.

— Não deixarei minha sobrinha com empregadas.

— Retiro minha crítica anterior — disse Lucas. — Você não é um modelo de virtudes, é uma purista.

— Só estou tentando sobreviver. — Por um segundo, um flash de dor brilhou nos olhos dela.

Lucas sentiu uma onda de empatia. A irmã de Devin podia ter partido o coração de seu irmão, e talvez Devin culpasse Konrad pela morte de Monica, mas ambos tinham sofrido uma perda terrível.

Então ela piscou, e sua adversária estava de volta.

Ele terminou o drinque.

— Eu lhe mostrarei onde você pode correr.

— Apenas aponte. Eu acho o caminho.

Mas Lucas já estava indo trocar de roupa.

— Encontre-me no deck da piscina. No andar de baixo, passando a cozinha.

Devin não sabia por que tinha esperado. Afinal de contas, não se perderia na propriedade. O grande jardim era bem iluminado, e provavelmente cercado. Havia luzes até a torre do terceiro andar. A água brilhava na piscina, luzes submersas iluminando as profundezas azuis. Ela admirou os decks e jardins que cercavam a piscina.

Espreguiçadeiras e mesas estavam espalhadas ao

redor. Guarda-sóis cobriam mesas de jantar enquanto aquecedores a gás eram posicionados estrategicamente entre os móveis. Era óbvio que a família Demarco passava muito tempo lá.

— Pronta? — Lucas descia os degraus de madeira do deck superior para o deck da piscina. Estava de short, tênis e uma camiseta com o logotipo do time de beisebol Seattle Mariners.

— Não preciso de babá — ela o informou, tentando valentemente não notar a definição dos bíceps poderosos e ombros largos. Ninguém jamais acusara os homens Demarco de serem sem atrativos. Com olhos escuros, maxilar forte, narizes aristocráticos, Lucas e Konrad freqüentemente agradeciam a capa de Seattle Entrepreneur. A imagem urbana e sexy tinha atraído Monica para Konrad no início.

Monica apaixonara-se por Konrad à primeira vista, e, embora mais tarde tivesse ficado furiosa com Konrad por ele tê-la enganado, nunca deixara de amar o marido.

— Quantos quilômetros você quer correr? — perguntou Lucas.

— Aproximadamente três.

— Isso é tudo?

— Oito então. — Isso significava que iria dormir mais tarde, mas valeria a pena mostrar para Lucas que não ela era fraca.

Ele deu de ombros.

— Por aqui, então. — Lucas apontou para um caminho de terra que descia o morro em direção a Puget Sound. Ao mesmo tempo, acenou para a casa atrás de si. Devia ser algum tipo de sinal, porque o caminho foi iluminado, realçando o gramado verde-esmeralda, os arbustos exuberantes e as flores fragrantes.

Devin começou a correr devagar, deixando seu ritmo cardíaco acelerar e bombear sangue oxigenado para seus músculos.

Lucas estava um pouco na frente, então ela acelerou para passá-lo. Ele correu mais para ficar à frente, e ela o amaldiçoou silenciosamente. O exibido.

— O que é aquilo? — perguntou ela, gesticulando para uma construção retangular.

— Uma garagem. — Lucas recuou para correr ao seu lado. — Konrad gostava de carros antigos.

Era uma garagem gigantesca.

— Ele tinha uma coleção?

Lucas assentiu.

— Vinte e cinco, acho. O mais velho é um Model T, seguido de um Caddy 56.

— E ali? — Devin indicou uma construção distante com algumas luzes brilhando das janelas.

— O estábulo — replicou Lucas. — Você monta?

Devin meneou a cabeça. Andar a cavalo não era algo que crianças urbanas de classe média aprendiam.

— Experimente aprender enquanto está aqui.

— Não pretendo ficar aqui por todo esse tempo.

Ele olhou para baixo, a brisa do oceano movendo-lhe os cabelos pretos.

— Você sabe de algo que não sei sobre a data do tribunal?

— Espero que eles mudem a data.

— Por quê?

— Para que Amélia e eu possamos ir para casa.

A voz de Lucas era suave no ar frio da noite.

— E se eu vencer?

Ela ergueu o queixo, determinada a mostrar confiança.

— A única coisa que você tem a seu favor é dinheiro.

— Dinheiro ajuda.

— Também corrompe.

O caminho curvou-se, e eles começaram uma subida suave. Devin respirou fundo, determinada a manter seu ritmo. Não queria mostrar uma gota de fraqueza a Lucas, em nenhum aspecto.

— Amélia tem muito dinheiro — apontou ele.

— Presumo que ele esteja guardado num fundo. — Devin não queria o dinheiro de Amélia.

— Sim, por enquanto. Mas a pessoa que administrar as ações de Amélia na Pacific Robotics também irá administrar o dinheiro dela. E é melhor que saibam o que estão fazendo.

— Eu posso contratar um administrador financeiro.

— Assim como eu posso contratar uma babá.

— Você sabe a solução óbvia, não sabe? — Devin sentiu-se compelida a perguntar.

— Fico com a guarda e contrato você como babá?

E ter Amélia sujeita aos caprichos e controle de Lucas? Sem chance.

— Eu fico com a guarda e contrato você como administrador financeiro.

— Nunca. — Lucas acelerou o ritmo quando eles passaram pelo estábulo. A casa de barcos e o cais podiam ser avistados a distância.

Devin esforçou-se para acompanhá-lo. Eles estavam voltando agora, mas a mansão ainda estava longe.

Ela conseguiu ultrapassá-lo, mas ele acelerou. Devin conseguiu novamente, e mais uma vez ele aumentou a velocidade.

Sua respiração estava errática enquanto adrenalina e frustração a percorriam, numa tentativa inútil de impedir que Lucas vencesse.

— É melhor você poupar suas forças — disse Lucas, divertido.

— Eu estou bem — replicou ela, ofegante.

Ele virou-se e correu de costas. Mesmo humilhada que Lucas conseguisse fazer aquilo tão facilmente, ela sentiu-se grata por eles terem diminuído o ritmo.

— Não seja tola, Devin. Esta não é uma competição pela qual vale a pena morrer.

— Então... Por que você se importa com quem vence?

Ele sorriu.

— Foi divertido ver você tentar.

— Traidor.

— Culpado — admitiu Lucas sorrindo.

Por que ela esperara por ele? Deveria ter ido correr sozinha, feito seus três quilômetros usuais, e estaria no banho agora, ou talvez na cama, dormindo algumas horas preciosas antes que Amélia acordasse.

Seus dias eram frenéticos. Fazia semanas que ela não escrevia. Seu novo livro de autoajuda, *Trânsito confuso na era da informação*, teria de estar com seu editor em três meses.

E ainda faltavam oito capítulos.

Seus pés latejavam sobre o caminho de terra.

Graças a Deus, eles estavam chegando. Ela diminuiu para uma caminhada, mantendo-se longe de Lucas na esperança de que ele não visse sua exaustão.

Ele também diminuiu o ritmo, passando a andar quando seus pés tocaram o deck de concreto.

Devin seguiu-o devagar, sentindo-se aliviada quando sua respiração voltou ao normal. Suas pernas ainda tremiam, mas era mais fácil esconder essa fraqueza.

Quando ela aproximou-se, Lucas jogou-lhe uma garrafa gelada. Devin pegou-a no ar.

Obviamente alguém levava as garrafas de água para fora enquanto eles corriam. Que vida o homem levava.

Devin abriu a garrafa e deu um longo gole.

Lucas sentou-se numa espreguiçadeira, gesticulando para uma mesa baixa ao lado e outra espreguiçadeira idêntica.

— Quer uma fruta?

Devin percebeu que estava faminta, e a travessa de frutas parecia deliciosa. A tentação de descansar as pernas era grande demais para resistir. Ela estendeu-se na outra espreguiçadeira.

Lucas pôs uma uva na boca e mastigou.

— Você tem tudo de que precisa no quarto de bebê?

Devin escolheu uma fatia de abacaxi.

— É um quarto infantil dos sonhos.

Era. Considerando o berço feito por encomenda, uma cadeira de balanço confortável, babá eletrônica, quadros, móveis, cortinas e o tapete branco mais grosso que ela já pisara, Amélia poderia também ter sido uma princesa.

Devin mordeu um pedaço do abacaxi.

— Você devia estar muito confiante que precisaria do quarto.

— Eu estava. — Ele a olhou. — Estou. Você deveria desistir agora.

— Claro. — Ela deu de ombros. — Quem precisa de sofrimento? Todos aqueles advogados, uma audiência... E você sendo claramente um ser humano superior. Eu deveria desistir. — Ela pôs o resto do abacaxi na boca.

Ele sorriu.

— Ah, Devin. Você é divertida. Tenho de admitir isso.

Ela tentou ficar zangada, a que pareceu um grande esforço.

— Posso usar a piscina amanhã?

Morando perto do lago, Devin já tinha decidido acostumar Amélia à água o mais cedo possível. Devia aproveitar enquanto era prisioneira na mansão Demarco.

— Faça o que quiser — respondeu Lucas sem abrir os olhos. — Apresentarei você aos empregados. As cozinheiras a ajudarão com o café da manhã, e sinta-se à vontade para fazer o que quiser. Dê-lhes uma lista de alimentos para Amélia e para você. Ande a cavalo, saia de barco, nade, jogue tênis... Há um exército de pessoas aqui que podem cuidar de Amélia enquanto você se diverte.

— Teresa está com o monitor de bebê agora — disse Devin. Parecia muita folga aproveitar-se dos empregados dos Demarco, mas, sem Lexi na porta ao lado, Devin sabia que precisaria de alguma ajuda. Mas certamente não abandonaria Amélia para jogar tênis.

— Eu gostaria de passar algum tempo com Amélia — disse Lucas, surpreendendo-a.

— Por quê?

Ele abriu os olhos e virou-se.

— Ela é minha sobrinha.

— Você tem medo dela.

— Não tenho — negou ele. — Tudo bem, eu fico receoso no que diz respeito a "melecas".

Devin reprimiu uma risada.

— As "melecas" são o que fazem dela um bebê.

— Prefiro bebês limpos e secos.

— Estes são adultos.

Lucas franziu o cenho.

— Quero que ela me conheça.

— Eu sei. Assim não terei uma vantagem sobre você na audiência. — Ela balançou a cabeça. — Amélia não é um cachorrinho, Lucas. Não a colocaremos entre nós a fim de ver para quem ela corre. — Devin pegou uma fatia de kiwi. — Mas é maquiavélico da sua parte pensar dessa maneira.

— Ela é filha de Konrad. — Humor e gentileza desapareceram da voz dele.

— E tem dez por cento das ações da Pacific Robotics. Entendo completamente.

O maxilar de Lucas enrijeceu.

— Você não tem idéia.

Oh, ela tinha.

Embora às vezes parecesse baixar á guarda, Lucas era determinado em seu objetivo.

E esse objetivo era Amélia. E Devin era a única proteção que a garotinha possuía.

CAPÍTULO TRÊS

Amélia chutava os pezinhos e emitia sons alegres na piscina dos Demarco na tarde seguinte. Estava fofa num maio listrado de vermelho e branco, e feliz com a brincadeira na água.

— Talvez eu tenha uma solução — disse Lexi de onde boiava, sobre um colchão de ar amarelo. Usava um maio inteiro que acentuava seu corpo bonito, e óculos escuros cobriam seus olhos.

— Qual é a solução? — perguntou Devin, mergulhando Amélia na água e trazendo-a de volta à superfície.

— Lucas pode me adotar.

— Que ótima idéia — concordou Devin, sorrindo.

— Uma vitória para você — disse Lexi. — Uma vitória para mim.

— Mas não para mim — soou a voz profunda de Lucas.

Lexi ergueu os óculos escuros para o topo da cabeça, e olhou para Lucas no deck, enquanto Devin virava-se dentro da piscina para encará-lo. Ele deveria sentir-se deslocado no terno, mas, em vez disso, o traje dele deixou Devin muito ciente de seu biquíni azul.

— Não vejo por que não — replicou Lexi sem demora. — Eu não tenho acessos de raiva e sou treinada para usar o toalete.

Lucas meneou a cabeça, aparentemente não achando graça.

— Vou sair por uma hora ou algo assim. Precisam de alguma coisa?

— Estamos bem — respondeu Devin, mantendo sua atenção em Amélia enquanto ouvia os passos dele desaparecerem dentro da mansão.

— Ele é até mesmo mais bonito que Konrad. — Lexi suspirou.

— Você acha?

— Não finja que não notou.

— Não notei — mentiu Devin. — Eu estava muito ocupada lutando contra ele na audiência.

— Isso não significa que você não pode olhar.

— Significa que não há absolutamente nada no homem que eu goste.

— Gosto do traseiro dele — provocou Lexi.

— Então você é uma tola.

— E estou profundamente desapontado em ouvir isso — uma voz divertida com um sotaque arrastado falou.

Devin olhou para cima e viu Byron braços cruzados sobre o peito, olhando abertamente para Lexi. Ele usava jeans desbotados, camisa com mangas enroladas e botas de caubói.

— Olhos à frente velho homem — disse Lexi. — Não estou aqui para seu entretenimento visual.

Byron não desviou o olhar.

Devin ergueu Amélia da água e aninhou-a contra o peito.

— Byron, esta é minha amiga Lexi. Lexi, Byron é... Como eu o defino? Padrasto viúvo?

— Pode me definir como um "amigo" — respondeu ele, ainda olhando para Lexi deitada no colchão de ar.

Lexi apoiou-se sobre um cotovelo.

— Você tem um motivo para estar aqui?

— Creio que sim. — Ele voltou-se para Devin. — Eu gostaria de ter uma conversa com você, minha jovem.

Devin franziu a testa.

— Sobre?

— Suba aqui, e lhe direi.

Devin olhou para Amélia e viu que a garotinha estava exausta. Elas teriam de sair da água logo, de qualquer forma.

— Por que não? — Ela dirigiu-se à escadinha no fim da piscina. Pegou uma toalha da prateleira ao lado do vestiário, e envolveu-a ao redor de

Amélia.

Byron observou sua aproximação. Então gesticulou para uma espreguiçadeira. Devin aceitou a oferta, estendendo as pernas e cobrindo parte do corpo com as pontas da toalha.

O sol estava quente e agradável.

Quando Byron sentou-se na espreguiçadeira do outro lado da pequena mesa quadrada, olhou criticamente para Lexi. Devin não pediu que Lexi se retirasse. Não tinha segredos com sua amiga.

Byron pareceu aceitar a situação.

— Soube que você encontrou Steve Foster.

— Sim.

— Sabe que houve problema entre os rapazes?

Devin deu de ombros.

— Steve está me ajudando. Lucas está lutando contra mim. E deste problema que você está falando?

Água espirrou quando Lexi desceu do colchão de ar.

— Mais do que isso — corrigiu Byron.

Devin o encarou.

— Qualquer outra coisa não é problema meu.

— Aposto que é.

Ela meneou a cabeça enquanto Lexi saía da piscina.

— Você é o último peão numa rixa que acontece há longo tempo.

— Não serei peão de ninguém. — Devin não se importava com os assuntos emocionais e financeiros, da família Demarco. Estava lutando por Amélia, e a situação acabava aí.

— O que você tem em mente para uma estratégia final?

Devin não entendeu.

Lexi enrolou uma toalha estilo sarongue ao seu redor, pondo os cabelos loiros para trás enquanto se aproximava.

O olhar de Byron a seguiu até que ela sentou-se. Então ele voltou-se para Devin.

— O que espera conseguir disso?

— Amélia — respondeu Devin.

Com expressão cética, Byron inclinou-se para frente.

— Apenas entre mim e você?

Devin inclinou-se na direção dele.

— Amélia — repetiu. Houve uma longa pausa.

— E acha que Steve pode ajudá-la com isso.

— Achamos que ele é o único que ofereceu ajuda — disse Lexi, da espreguiçadeira ao lado de Devin.

Byron olhou para Lexi, então para Devin.

— Por que você supõe que ele ofereceu ajuda?

— Não me interessa.

— Altruísmo? — zombou Byron.

— Um conceito com o qual você obviamente não tem familiaridade — retorquiu Lexi.

Byron ignorou-a e falou diretamente para Devin:

— Ele está tentando conquistar sua ajuda no futuro. Ele a ajuda agora, você o ajuda depois. Se entender o que quero dizer.

Devin piscou.

— Eu aceitei a oferta de Steve sem lhe fazer nenhuma promessa.

Na verdade, ela oferecera a Lucas administração das ações se ele a deixasse ficar com Amélia, mas ele não confiava nela o bastante para concordar.

E quem garantia que Steve era o malvado daquela família? Era Lucas quem tinha tramado com Konrad para enganar Monica e produzir um herdeiro para a empresa do avô deles. Devin não se esquecera disso.

— Steve roubaria seu último centavo sem piedade — avisou Byron.

— Ao contrário de Lucas?

— Lucas joga aberto.

Devin assentiu para aquilo. Lucas certamente havia sido sincero sobre o fato de que queria tirar Amélia dela. Também deixara claro que seu interesse no bebê era financeiro.

Devin apertou Amélia junto a si.

— Ouça — começou Byron, mas Lexi o interrompeu:

— Ouça você. Não irá convencer Devin a abrir mão do advogado.

— Eu não tinha intenção...

— É claro que tinha.

— Eu só queria sugerir que ela tomasse cuidado com Steve.

Lexi cruzou os braços sobre o peito. Olhando para Amélia, agora adormecida, baixou o tom de voz:

— Nós estamos tomando cuidado. Não confiamos em ninguém... Incluindo você.

Devin concordava com Lexi naquele ponto. Não podia confiar num único membro da família Demarco. Estava sozinha naquilo. Bem, exceto por Lexi.

Byron suspirou.

— Acho que não há mais nada a dizer.

— Não há — concordou Lexi.

Byron olhou para Devin.

— Estou do seu lado.

Ela deu uma risada de incredulidade.

— Você está do lado de Lucas.

— Lucas é um homem honrável.

— Um homem honrável não tentaria tirar um bebê inocente dos braços de uma tia amorosa.

Byron olhou brevemente para Amélia dormindo, então de volta para Devin.

— Você está aqui, não está?

— Esse foi o jogo de Lucas na audiência. Ele só fez a oferta porque sabia que a juíza ia me conceder a guarda.

Byron levantou-se.

— Você não pode confiar em Steve — disse simplesmente.

— Engraçado — respondeu Lexi. — É exatamente isso que Steve diz do resto de vocês.

— Você não pode deixar Amélia com estas pessoas — sussurrou Lexi, depois que Byron desapareceu dentro da casa.

— Não brinca — zombou Devin.

Ela serviu-se de um copo de chá gelado de uma jarra que alguém colocara sobre a mesa. Lexi fez o mesmo.

— Por que pessoas ricas não podem ser boas? — questionou ela. — Se eu fosse rica, ainda seria boa.

— Esta deveria ser a proposta do meu livro novo — murmurou Devin, sentindo uma onda de culpa ao pensar em escrever. Estava atrasada com seu manuscrito. — *Bons e Ricos* — sugeriu como título. — *A arte de unir bondade e riqueza*.

Lexi ergueu o copo num brinde zombeteiro.

— Os ricos precisavam verdadeiramente de sua ajuda.

Devin fez uma careta.

— Infelizmente, não sei nada sobre riqueza.

— Dê uma olhada em tudo isto. — Lexi gesticulou num círculo. — Que lugar melhor para fazer sua pesquisa?

Devin brincou com a idéia em sua cabeça.

Olhou da piscina para a quadra de tênis, para o cais particular e a casa de barco, e para a mansão que requeria um mapa para navegar. A riqueza ali era grande. E os Demarco eram ótimos exemplos de crueldade.

Seu editor provavelmente perdoaria seu manuscrito atrasado se ela tivesse outra idéia em andamento.

— Lá vem ele de novo — disse Lexi.

— Byron? — Devin resistiu à vontade de virar-se para ver a escada atrás dela.

— Lucas. — Lexi deu um gole do chá e recostou-se. — Talvez você deva começar a tomar notas.

Devin sorriu, imaginando como Lucas se sentiria sobre ser um personagem em seu próximo livro.

Ele ainda estava de terno, apesar do calor da tarde. Olhou para Amélia, parecendo perceber que ela estava dormindo.

— Preciso falar com você — sussurrou Lucas.

— Você pode usar seu tom de voz normal — replicou ela. — Apenas não grite.

— Certo — concordou ele, ocupando a cadeira que Byron vagara. Estudou Amélia por um longo minuto, então olhou para Devin, as feições aristocráticas incertas. — Eu posso... Segurá-la. Isso é, se você não se importa.

Devin não pôde evitar um sorriso.

— Você quer segurar Amélia?

Lucas esfregou as mãos na calça.

— Sim, eu gostaria de segurá-la.

— Por quê?

Os olhos acinzentados se estreitaram.

— Porque ela é minha sobrinha.

Devin mudou de posição, mas Amélia não se mexeu. Aquele era provavelmente um bom momento para Lucas fazer uma tentativa.

— Já segurou um bebê alguma vez?

— Só uma vez — admitiu-o.

Devin notou a expressão cautelosa no rosto dele.

— Tudo bem. — Ela inclinou-se para frente.

No último minuto, percebeu que, uma vez que Amélia saísse de seus braços, ela estaria sentada sem nada além de seu biquíni. Cerrou os dentes e reuniu coragem. Lucas provavelmente estaria tão preocupado em segurar Amélia que nem notaria.

Ela levantou-se e posicionou o bebê cuidadosamente nos braços dele. Os olhos acinzentados foram para o sutiã de seu biquíni e permaneceram lá.

Devin endireitou o corpo e deu um passo atrás. Considerou atravessar o deck e pegar outra toalha, mas decidiu que isso pareceria muito óbvio.

Voltou a sentar-se na espreguiçadeira e recostou-se, fingindo que não se importava sobre o biquíni.

Lexi estava silenciosa, observando com interesse enquanto Lucas segurava o bebê.

Ele pareceu relaxar um pouco, recostando-se e estendendo as pernas sobre a cadeira.

Desajeitada mente, moveu Amélia para uma posição mais confortável. O bebê se contorceu por um segundo, então parou.

Devin tentou não notar como ele ficava bonito com um bebê nos braços, parecendo mais protetor do que implacável.

— Sobre o que você quer falar? — perguntou ela.

— Uma babá — replicou Lucas, a atenção ainda focada em Amélia.

— Não há pressa. Sou perfeitamente capaz de cuidar de Amélia.

— Eu sei que é — reconheceu-o. — Mas você pode não estar sempre aqui.

Ela o fitou com raiva.

— Isso é uma ameaça? — intrometeu-se Lexi.

— Nunca escondi o fato de que pretendo conseguir a guarda — ele falou para as duas mulheres.

— Nem eu — disse Devin.

Lucas a encarou.

— Se você ganhar pode despedir a babá. Do contrário, eu pensei que talvez pudesse me ajudar a escolher.

Devin não queria nem mesmo considerar a possibilidade de deixar Amélia com Lucas. Seu cérebro quase se recusava a pensar no pior cenário. Mas havia uma possibilidade de que isso acontecesse. E se ela tivesse de ir embora... Um nó se formou em sua garganta, e ela teve de resistir ao impulso de tirar Amélia dos braços de Lucas.

Se tivesse de ir embora, não se sentiria melhor sabendo quem estava cuidando de Amélia? E não seria de seu interesse desenvolver um relacionamento positivo com a babá?

— Eu não sou um monstro — disse Lucas.

Lexi gemeu em incredulidade.

Lucas lançou-lhe um olhar opressor antes de voltar-se para Devin.

— Eu quero exatamente a mesma coisa que você.

— Por razões muito diferentes.

— Eu vou escolher uma babá, Devin. Você pode me ajudar ou não, depende... — Ele arfou em horror.

Devin sentou-se ereta, alarmada.

— O que foi?

— Esta criança está usando uma fralda?

Devin não deveria rir. Não podia rir. Rapidamente, bateu uma mão na boca.

— Estou usando um terno Brioni — reclamou Lucas entre dentes cerrados.

— Sinto muito — Devin conseguiu dizer.

— Você podia ter me avisado...

— Eu esqueci — respondeu ela honestamente.

— Perdoe-me se não acredito em você.

— Eu não pretendi... — Mas ela estava tentando controlar uma risada novamente. —

Bebês são sujos.

— Essa é sua idéia de vingança?

— Essa é minha idéia de deixá-lo ser tio. Bebês fazem xixi, Lucas. Eles também babam e cospem. E até mesmo...

— Eu já tive essa experiência — interrompeu-o.

— Seja homem sobre isso — palpitou Lexi.

— Este é um terno de seiscentos dólares!

Amélia abriu os olhos, deu uma olhada para Lucas e berrou de medo.

Ele enrijeceu ao som.

— Oh, pelo amor de...

Devin levantou-se e resgatou Amélia. A camisa de Lucas, a calça e parte do paletó estavam molhadas. Ele olhou para o próprio colo.

— Fraldas existem por uma razão.

— Acidentes acontecem — disse Devin, acalmando Amélia contra seu peito.

O olhar de Lucas disse-lhe que ele considerava aquilo qualquer coisa, menos um acidente.

— Babás — disse Lucas, batendo a pilha de currículos ao lado de Devin, onde ela estava sentada à cabeceira da mesa de jantar, o notebook à sua frente. Depois do desastre daquela tarde, ele percebera mais que nunca que eles precisavam se organizar.

Eles já haviam jantado há longo tempo. Ele presumia que Amélia estava dormindo. E Devin tinha uma xícara de chá esfriando ao lado de seu computador, enquanto ela digitava. Um prato de biscoitos estava no meio da mesa, mas parecia não ter sido tocado.

— Acidentes acontecem — repetiu ela, identificando a fonte do desprazer dele. Então fechou o notebook.

— Acidentes podem ser evitados — respondeu ele, sentando-se na cadeira mais próxima da cabeceira.

— Você é sempre tão controlador? — Devin olhou para o topo dos currículos de babás.

— Sou sempre tão organizado. — Ele pegou um currículo e começou a ler. — Formada na Academia de Babás London Royal em 1978...

— Muito velha.

Lucas olhou para cima.

— Requisitei alguém com experiência.

Devin meneou a cabeça.

— Não tanta experiência. Amélia logo estará andando, e crianças nesta fase têm muita energia.

— Estamos procurando uma babá, não uma coleguinha para ela brincar.

— Eu espero que uma boa babá passe muito tempo brincando com Amélia.

— E eu espero que uma babá saiba fazer seu trabalho sobre um trocador.

— Você precisa superar isso, Lucas.

— Eu superei. — Ele voltou à atenção para o currículo em mãos. — Aqui diz que ela é organizada e que... Dentro de seu modelo de rotina padrão... Irá adaptar um esquema que combine com nosso estilo de vida.

— Modelo de rotina padrão? — O tom de Devin era incrédulo.

Ele a fitou.

— Qual é o problema?

— Não existe modelo de rotina padrão para criar bebês. Cada bebê é único.

— Tenho certeza de que ela se refere a refeições, sonecas e essas coisas.

— Bebês devem dormir quando estão cansados e comer quando estão com fome.

Lucas piscou. Aquilo lhe parecia caótico.

— Você está brincando?

— Absolutamente. Rotinas devem ser conduzidas pelas crianças nos primeiros anos,

— Ela tirou o currículo da mão dele e colocou-o virado para baixo sobre a mesa. — Próximo.

— Deixar o bebê no comando? Pelo amor de Deus, Devin.

Ela pegou o próximo currículo da pilha.

— Certificado em Cuidados Infantis de Boise College. Idaho?

— "Dentro de limites, criará um ambiente positivo e amoroso, que respeita a individualidade e criatividade de cada criança."

— Esse é um código para criar crianças mimadas e mal-educadas?

— Acho que é um código para gentileza e compaixão.

Lucas tirou o currículo da mão dela e colocou-o virado para baixo sobre o outro.

— Próximo.

— Ei!

— Você vetou um? Então eu também.

Devin comprimiu os lábios.

— Quer dividir a pilha? — perguntou ele. Talvez eles pudessem estreitar um pouco suas escolhas aceitáveis.

— Podemos fazer isso amanhã?

Lucas consultou seu relógio... 21h30.

— Por que não agora?

— Estou um pouco cansada.

— De nadar na piscina e ficar deitada no sol? — provocou ele.

Ela guardou o notebook na pasta.

— Aqueles copos de chá gelado estavam terrivelmente pesados.

A piada o pegou de surpresa. Ele esperara uma resposta petulante para sua provocação.

— Eu gostaria de resolver isso logo — explicou

Lucas.

Devin suspirou.

— Pode parecer cedo para você, mas eu durmo aproximadamente seis horas por noite em dois ou três segmentos separados pelos últimos três meses. Estou cansada. — Ela gesticulou para o notebook. — Tenho um prazo para cumprir. Gostaria de dar uma corrida rápida, tomar um banho rápido e tentar dormir um pouco, antes que Amélia acorde novamente.

Ela levantou-se. Ele fez o mesmo. A luz do candelabro iluminou-lhe o rosto, e, pela primeira vez, Lucas notou as olheiras de Devin.

Até agora, estivera distraído pelo tom azul-safira de seus olhos, que brilhavam quando ela sorria para Amélia, chamejavam quando zangada, e tornavam-se cristalinos quando estava pensando numa resposta inteligente para algo que ele dissera.

No momento, pareciam desbotados, como um céu nebuloso num dia de verão.

— Você está bem?

Ela inclinou a cabeça, estudando-o.

— Sim, apenas cansada.

— Tem certeza de que quer correr? — Lucas pensou em se oferecer para acompanhá-la novamente, mas tinha sido um pouco cruel da última vez. Não sabia exatamente o que estava tentando provar.

— Tenho certeza.

— Sabe — ele não pôde evitar apontar, — o quanto antes tivermos uma babá, mais rapidamente você poderá dormir melhor.

Devin fechou os olhos por um segundo, o corpo balançando de leve. Ele teve de se controlar para não estender os braços e firmá-la.

— Eu estava errada quando disse que você era controlador. Progresso?

Ele sentiu um fio de esperança.

— Você não é controlador. É insuportavelmente determinado. Ela falava como se fosse um defeito. — Dá a impressão de ser controlador — continuou ela, — porque tenta arrastar o resto do mundo com você.

— Às vezes, o mundo precisa ser um pouco arrastado.

— Às vezes, você precisa parar e cheirar as rosas — retrucou-a.

— Elas não florescem até julho.

Devin sorriu com isso, mesmo enquanto meneava a cabeça. Então estendeu o braço para pegar a pasta de seu notebook, e Lucas pegou para ela, roçando-lhe o ombro com seu braço no processo.

O toque foi elétrico, e Devin teve um sobressalto. A ação levou a frente da coxa dele contra a lateral da sua, e energia sexual espelhou-se pelo corpo de Lucas.

O que estava errado com ele?

Certo, ela era uma linda mulher. Mas ele não tinha o direito de pensar em Devin como nada além de um empecilho. Queria Amélia, e Devin estava em seu caminho.

Desejá-la não fazia parte do plano. De forma alguma.

Devin seguiu Lucas enquanto ele carregava seu notebook ao longo do largo corredor no piso térreo da mansão. Seu ombro e coxa ainda queimavam pelo contato. Aquela era a primeira vez em que ele a tocara? Pela sua reação,

aparentemente sim.

— Você pode usar esta sala como escritório — disse Lucas, quando se aproximaram do foyer frontal. Ele abriu uma porta e acendeu a luz, revelando uma pequena biblioteca banhada numa iluminação suave.

As paredes eram alinhadas com prateleiras de madeira, e com o que parecia uma seleção eclética de livros. Havia uma mesa de madeira e duas poltronas que combinavam com a cadeira de couro atrás da mesa. A sala era surpreendentemente feminina, com estatuetas de marfim posicionadas ao lado dos livros, e ocasionais aquarelas com paisagens do mar entre as prateleiras.

— Minha mãe costumava usar esta sala — disse Lucas.

— Tem certeza de que quer que eu trabalhe aqui?

— Sim, claro. — Ele pôs o notebook sobre a mesa e virou-se para encará-la. — Você precisa de algum lugar tranquilo para se concentrar.

— Uma vez que Amélia estiver dormindo...

Lucas inclinou-se contra a mesa, apoiando uma mão de cada lado.

— Você falou que tem um prazo a cumprir.

— Eu tenho.

— Então deixará que a babá cuide de Amélia, enquanto você...

— Está tentando me manter longe de Amélia?

Ele franziu o cenho em óbvio choque.

— Não.

Devin estava inclinada a acreditar, e sentiu sua guarda baixando um pouco.

— Então, o que está fazendo? Por que se importa com o meu prazo?

— Estou lhe oferecendo um lugar para trabalhar.

Ela estudou-lhe a expressão, os olhos acinzentados frios, as sobrancelhas escuras imponentes.

— Você está sendo gentil comigo — acusou Devin.

— E daí?

— E daí que isso é estranho. Estou tentando entender sua intenção.

— Eu não sou um monstro, Devin.

O som de seu nome fez o peito dela apertar.

— Mas é um homem de sangue frio.

Silêncio seguiu suas palavras.

Então Lucas desencostou-se da mesa. Deu um passo em direção a ela, depois outro, e mais um, o olhar intenso.

— Devin — sussurrou ele, — no momento, meu sangue não está nem perto de frio.

Ela inclinou o queixo para fitá-lo. E, estranhamente, não conseguiu pensar numa resposta para aquilo.

O cheiro dele era tão fresco quanto á brisa do mar. Ele estava barbeado os cabelos limpos e penteados, e os olhos acinzentados tinham um brilho prateado. Os lábios sensuais capturaram a sua atenção.

— O que está fazendo? — Devin ordenou que suas pernas se movessem para que ela fugisse, mas elas não obedeceram.

— Eu gostaria de saber.

Ele tocou-lhe o queixo com o indicador, inclinando a cabeça de lado.

— Nós não podemos — murmurou ela, ofegante.

Não havia a menor dúvida nas intenções de Lucas. Mas ela pegou-se subconscientemente inclinando-se. Sua pele estava quente. Seus olhos se fecharam. Então os lábios dele roçaram os seus.

Lucas passou um braço ao redor de suas costas e puxou-a contra o peito largo.

Abaixando a cabeça, beijou-a. O corpo de Devin respondeu instantaneamente. Seus braços lhe circularam o pescoço, e seus lábios se abriram, correspondendo.

Uma eternidade depois, quando excitação pulsava em cada centímetro de seu corpo, Lucas subitamente interrompeu o beijo, a respiração ofegante, e ela podia jurar que o coração dele batia tão descompassado quanto o seu.

— Na verdade — ele segurou-lhe as mãos com firmeza, e pôs alguma distância entre os dois, — nós podemos.

Devin mordeu o lábio, mortificada porque deixara Lucas beijá-la, porque correspondera de maneira entusiasmada.

Teria sido ruim o bastante se não tivesse gostado do beijo. Mas, oh, gostara muito, muito. Esforçou-se para controlar os hormônios.

— Isso foi ruim — disse ela, meneando a cabeça. — Foi estupidez. Não permitiremos que aconteça novamente.

De jeito nenhum, eles poderiam cair um nos braços do outro, beijando-se, perdendo-se em paixão, quando havia problemas sérios entre os dois.

Era importante chegar a uma concordância sobre aquilo.

Ele não respondeu.

— Lucas? — a incentivou.

Ele a encarou.

— O quê? Você quer que eu minta?

CAPÍTULO QUATRO

Devin tinha escapado da mansão Demarco logo cedo na manhã seguinte, pondo Amélia no carro e levando-a para Lake Westmire, evitando qualquer chance de encontrar Lucas. Decidiu cuidar de suas plantas, e pegar mais algumas roupas para Amélia e ouvir as mensagens em sua secretária eletrônica.

Lexi apareceu no chalé durante a soneca da tarde de Amélia, convencendo Devin a acompanhá-la a um passeio de catamarã pela baía quando o bebê acordasse. Devin ficou contente com a desculpa para estender a visita. Decidiu que, depois do passeio de barco, daria janta para Amélia, que poderia ir dormindo no caminho de volta para a mansão Demarco.

No lago, em seu pequeno maio e uma roupinha de algodão por cima, Amélia estava sentada feliz entre as pernas de Devin, balançando-se

sobre o deck do catamarã.

— Defina beijo — disse Lexi, ajustando a vela mestra com habilidade, enquanto mudava a direção da embarcação.

— Um beijo normal — disse Devin.

— Na boca?

— Sim.

— Com abraço? — perguntou Lexi.

— Sim — admitiu Devin. E tinha sido um abraço delicioso.

— Apalpações?

— Não — negou ela rapidamente.

— Mas o beijo foi bom?

— O beijo foi ótimo — confirmou Devin com um suspiro frustrado. Apesar da ética, apesar da conduta, Lucas Demarco sabia beijar uma mulher. — Mas não entendo por que ele fez isso. — Uma questão que não saía de sua cabeça.

— Às vezes, os homens não têm um motivo — ofereceu Lexi, afastando mechas de cabelo do rosto quando o vento aumentou. — Agem de forma casual. E, quando se trata de sexo, são guiados por instintos primários.

— Primeiro não foi sexo. Segundo, Lucas não é do tipo casual. — E Devin duvidava que ele fosse guiado por instintos primários. — Ele é um homem lógico, compulsivamente determinado e organizado. — O barco inclinou-se para um lado, e Devin segurou Amélia contra seu corpo. — Tenho pensado — acrescentou convencida de que o beijo de Lucas tinha sido parte de algum plano para ganhar uma vantagem sobre ela. — Não vou simplesmente ficar sentada e esperar o próximo movimento dele.

Ela ajustou seu boné de beisebol na cabeça.

— Se eu apenas reagir às manobras dele, perderei. Foi o que aconteceu na audiência para decidir a guarda temporária. Lucas tinha um plano. Eu, não. E isso me custou muito.

Lexi soltou a vela.

— Então, o que vai fazer?

— Bolar um plano.

— Que tipo de plano, Sherlock?

— Precisarei de sua ajuda com isso.

O plano tinha de ser brilhante, o melhor. Um plano que deixasse Lucas sem saída, mas que ele não pudesse prever.

— Você poderia beijá-lo de novo — sugeriu Lexi.

— Essa é sua melhor idéia?

— Dessa forma, viraria o jogo. Você é uma mulher deslumbrante.

Devin não estava entendendo aonde sua amiga queria chegar.

— Eu não sou exatamente sedutora.

Lexi riu.

— Mas poderia ser. Você sabe cativar. Eu lhe emprestarei um vestido. Cuidaremos de sua maquiagem, dos saltos altos, de seus cabelos.

Foi a vez de Devin rir.

— E então?

— Então ele estará em suas mãos.

— E?

— Algumas conversas íntimas no aconchego da cama. Você descobre os segredos dele.

Devin espirrou água em Lexi.

— Não vou dormir com ele.

— É claro que não. É jeito de falar. Apenas vista roupas sexies, lance olhares ardentes. Se puder descobrir alguma coisa útil sobre Konrad... Ou sobre Lucas... Pode levar isso ao tribunal.

Lexi inclinou-se para trás a fim de equilibrar o barco com uma rajada de vento. Devin abraçou Amélia e mudou de posição para ajudar.

— Isso pode dar certo — murmurou Devin. — Se eu conseguir evidências concretas de que Lucas e Konrad tramaram o nascimento de Amélia com fins financeiros, vencerei.

Lexi diminuiu o ritmo do barco quando elas se aproximaram da praia.

— E se ele já estiver jogando com você no aspecto sexual?

— Então lhe darei uma falsa sensação de segurança. — Devin estava um pouco temerosa de usar uma política sexual com Lucas, mas aquilo era bom para a causa, e ela só precisava manter a cabeça no lugar.

— Você também poderia bisbilhotar a casa dele — disse Lexi.

— Tenho pensando em conversar com os empregados. Casualmente... E se eu descobrir alguma coisa interessante...

Lexi deu-lhe um sorriso conspirador.

— Você tem meu total apoio — disse sua amiga. Então gesticulou para a praia. — Parece que nós temos companhia.

— Não Lucas. — Devin ainda não estava pronta para encará-lo. Depois do beijo da noite anterior, ela escapara da biblioteca para seu quarto. Então esperara o carro dele sair pela manhã antes de se aventurar a descer para dar o café da manhã de Amélia. E, se tivesse sorte, não o encontraria até a manhã seguinte.

— É Steve — disse Lexi, apontando o catamarã para a praia. Quando elas se aproximaram da praia, Devin preparou-se para pular. Acomodou Amélia firmemente em um quadril, então virou o corpo, os pés balançando acima da linha da água.

Ela pulou diretamente para a areia, uma vez que Lexi tinha colocado a parte frontal do barco na praia.

Steve aproximou-se e gentilmente pegou Amélia dos braços de Devin.

— Parece muito divertido aqui — comentou-o. Ergueu Amélia para cima por um minuto, sorrindo-lhe e falando palavras carinhosas.

O bebê sorriu de volta, levando uma mãozinha ao nariz dele. Steve acomodou-a, mesmo com o colete salva-vidas em Amélia, sobre um ombro, e Devin não pôde deixar de notar o contraste da facilidade com que Steve lidava com o bebê com o jeito desajeitado de Lucas.

Lexi removeu seu colete salva-vidas e começou a trabalhar nas cordas.

— Achei que você pudesse precisar de alguma ajuda — explicou Steve para Devin.

Devin tirou o próprio colete, então pegou Amélia dos braços de Steve e abriu o zíper do pequeno colete do bebê.

— Ajuda com o quê?

— Presumi que você ia pegar mais algumas coisas da casa. Para o bebê. Talvez para si mesma.

— Como sabia que eu estava aqui?

— Ele arrancou a informação dos empregados — veio a voz inesperada de Lucas.

Devin olhou para cima em surpresa, vendo Lucas atravessar a praia, descalço a calça enrolada nas pernas e o paletó pendurado num dos braços.

— Ele está espionando você — acrescentou Lucas.

— E quanto a você? — desafiou Steve.

— Os empregados são meus — retomou Lucas.

— Vocês dois vieram juntos? — perguntou Devin. Não gostava da idéia de nenhum Demarco invadindo seu território. Um lugar que seria um santuário se seus problemas continuassem levando-a para lá.

— Não — ambos responderam ao mesmo tempo.

— Bem, não preciso de ajuda — disse ela para Steve. Então, voltou-se para Lucas: — E não há motivo para você estar aqui também.

— Eu queria me certificar de que você ia voltar.

Ele provavelmente sabia que o beijo a desconcertara, e por que ela fugira.

Bem, Lucas teria uma surpresa. Ela iria ignorar qualquer atração que pudesse sentir por ele. De agora em diante, ele era o alvo de sua investigação, nada mais.

— É claro que vou voltar — disse ela, pondo o pequeno chapéu em Amélia, para protegê-la do sol.

— Você deveria ter me dito para onde ia — censurou-o.

— Sou uma prisioneira agora? — retrucou Devin.

— Você está sob uma ordem judicial.

Devin virou-se para olhá-lo. De alguma maneira, ele usaria isso contra ela? Tinha reportado às autoridades que ela tirara Amélia da mansão Demarco?

— Droga! — gritou Lexi, e Lucas imediatamente entrou em ação.

Devin virou-se para vê-lo derrubar seu paletó e correr para dentro do lago atrás do catamarã. O vento havia ganhado força, e o barco escorregara da areia, indo para o meio da água.

Lexi também entrou na água, mas Lucas foi mais rápido. Quando a água chegou à cintura, ele mergulhou, nadando vigorosamente, até que conseguisse alcançar o lançante da popa e agarrar a corda com firmeza.

A água batia no peito de Lexi. Steve ainda estava na praia. E os três prenderam a respiração enquanto Lucas seguia seu caminho, mão sobre mão, ao longo da corda. Ele então subiu no barco, ensopado.

— Não acredito que ele conseguiu — exclamou Lexi. — Como isso foi acontecer?

— Deve ter sido o vento súbito — Devin ofereceu em consolo, sombreando os olhos para ver Lucas assumindo o controle do catamarã, manobrando-o para trazê-lo de volta à praia. — Ele sabe navegar? — Lexi perguntou para Steve.

Steve assentiu, mas havia uma expressão gelada nos olhos dele que Devin não vira antes.

Assim que Lucas chegou com o barco, ele e Lexi o arrastaram para uma distância segura na praia. Lexi imediatamente começou a abaixar

a vela.

— Obrigada — ela falou para Lucas.

Lucas olhou para suas próprias roupas ensopadas, então para o paletó, que estava metade dentro da água e metade na areia. Abaixando-se, pegou-o.

— Não posso manter um terno limpo ao redor das pessoas com quem você convive.

Devin não podia dizer se ele estava bravo ou brincando.

Lexi oferecera emprestar a Lucas uma calça de moletom e uma camiseta, deixadas em sua casa pelo seu filho mais velho. Então, ele tomava banho no pequeno banheiro de Devin, a cortina de plástico roçando contra sua pele cada vez que ele se movia. A temperatura da água era irregular, a pressão patética, as torneiras assobiavam, e o suporte para sabonete estava pregado num ângulo perigoso no velho azulejo.

Como Devin agüentava aquilo todos os dias de sua vida?

Terminando, ele desligou o chuveiro, abriu a cortina e pisou num tapete azul-turquesa. As toalhas eram pequenas, estampadas com flores e com franjas nas pontas. Ele deu uma olhada no espelho enquanto enxugava os cabelos, e não pôde evitar uma risada diante da visão das flores no topo de sua cabeça.

Felizmente, a calça de moletom era preta, e a camiseta, cinza.

Vestir-se no banheiro compacto tornou-se uma tarefa árdua. Ele derrubou um frasco de hidratante com o cotovelo, e bateu a cabeça num lustre baixo, enquanto esforçava-se para entrar na camiseta apertada. Então, abriu a porta do banheiro e foi para o corredor silenciosamente, não querendo acordar Amélia.

Os passos de Devin podiam ser ouvidos do deck externo. Quando Lucas chegou à sala, sentiu o cheiro de carvão e hambúrgueres entrando pela porta de tela do pátio.

O sol tinha se posto enquanto ele tomava banho. O lago estava preto agora, exceto pelas luzes das poucas casas ao longo da praia. Uma lua crescente estava baixa no céu, e lanternas de plástico no pátio enviavam um brilho colorido para o deck cercado.

Lucas começou a sorrir da cena clássica de um churrasco no quintal, mas então avistou Devin, e ficou instantaneamente sério. Ela estava parada diante da churrasqueira, espátula na mão, observando as chamas tostarem os hambúrgueres. Seus pés estavam descalços, e ela usava um short amarelo que revelava pernas longas e bronzeadas, com uma blusa branca que exibia ombros delgados e dourados.

Ela estava de perfil. Os cabelos eram curtos, ondulando-se suavemente na nuca.

Devin era delicadamente linda em qualquer cenário, e Lucas lembrou-se dos momentos em que a tivera nos braços e beijara aqueles lábios suculentos.

Não sabia por que tinha deixado aquilo acontecer. Mas, no instante em que lhe roçara o ombro na sala de jantar, beijá-la tinha sido seu único pensamento. Ainda era seu único pensamento.

Devin virou-se e o viu parado ali.

— Está seco? — perguntou ela.

Ele moveu-se para a porta de tela antes de responder, mantendo o tom de voz baixo, presumindo que Amélia devia estar dormindo.

— Sim, estou.

Devin o olhou de cima a baixo.

— Quem precisa de um terno de seiscentos

dólares, de qualquer forma?

Brincando, Lucas abriu os braços nas laterais.

— Este sou eu?

— É você. — Ela pausou. — Surpreendentemente.

— Ei, eu posso me associar com pessoas comuns. — Não que ele tivesse feito isso recentemente. Na verdade, seu último hambúrguer devia ter sido no acampamento de verão na época do ginásio.

— Claro. — Ela assentiu com sarcasmo. — Aposto que você se associa com essas pessoas o tempo inteiro.

Lucas não respondeu, mas abriu a porta de tela para se juntar a ela.

— Gostaria de um vinho? — ofereceu Devin.

— Ótima idéia.

Ela apontou com a espátula.

— No balcão ao lado da geladeira. Traga um copo para mim também.

— Certo — respondeu ele, gostando desse lado relaxado de Devin.

Na cozinha, Lucas descobriu que o vinho ao qual ela se referira vinha numa caixa, com uma tampa de plástico. Algo que ele nunca vira antes.

Encontrando duas taças, completou-as com o vinho. Então experimentou o líquido identificado na caixa como "Vinho Tinto". Não era dos melhores, é claro, mas também não chegava a ser ruim.

Dando de ombros, ele levou as duas taças para o deck, colocando-as sobre a mesa redonda com tampo de vidro.

— Você pode pegar os condimentos? — perguntou ela sem se virar da grelha.

— Claro.

— Estou esquentando os pães. Estavam congelados. Espero que você não se importe.

— Eu não me importo — replicou ele. — Precisa de mais alguma coisa da cozinha?

— Acho que não.

Lucas voltou para a cozinha e localizou mostarda, ketchup e condimentos na geladeira. Equilibrou-os nas mãos e retornou ao deck, onde Devin colocava pães e hambúrgueres em pratos de plástico sobre a mesa.

— Iremos precisar de uma faca — disse ela.

Lucas lhe lançou um olhar impaciente. Não acabara de perguntar se ela queria mais alguma coisa?

— Por que não disse antes?

— Como você esperava passar os condimentos no pão? Ah, traga a maionese também.

Ele balançou a cabeça.

— Qual é o problema, Lucas? Sente falta dos empregados?

Na verdade, sentia. Mas não admitiria isso. Então foi buscar algumas facas e o pote de maionese.

— Obrigada — murmurou ela quando ele retornou, pegando uma das facas e começando a preparar seu pão.

Lucas fez o próprio sanduíche. O hambúrguer parecia um pouco tostado demais por fora, e muito pequeno em comparação ao pão redondo.

Devin deu uma mordida.

— Hmm — murmurou em apreciação. — Estou faminta.

— Dia movimentado? — perguntou ele. Tinha seguido o carro de Steve para lá no minuto em que percebera para onde o homem estava indo. Não pretendia dar-lhe tempo sozinho com Devin, para que Steve apresentasse a ela sua visão sobre a Pacific Robotics.

— Faz tempo desde o almoço — respondeu ela.

Lucas deu uma mordida em seu sanduíche. Sem carne naquela seção, mas, de modo geral, não ruim.

— Você mandou Steve embora — disse ela.

Lucas decidiu por as cartas na mesa.

— É claro. Steve está tentando levá-la para o lado dele.

— E você? — questionou Devin. — Está tentando me levar para o seu lado?

— O meu é o lado da verdade e da justiça.

— Não do meu ponto de vista — retrucou-a.

— E qual é seu ponto de vista? — Lucas estava curioso para saber como ela avaliava a sua posição versus a de Steve.

— Até agora, entre vocês dois, Steve parece o "mocinho".

Lucas colocou o hambúrguer sobre a mesa.

— E depois pergunta por que tenho de lutar contra você?

A mulher não tinha noção. Era ingênua e vulnerável para quem quisesse enganá-la.

— Podemos fazer um acordo — ofereceu-a.

— Quer um acordo comigo? Você é tão confusa... Acha que Steve é o "mocinho". — Lucas deu um gole do vinho.

— Se eu fizesse um acordo com você, cumpriria minha parte.

Ele não acreditava nisso. Nem por um momento.

— Até que, em algum momento do futuro, discordasse de mim.

Devin comeu um pedaço de picles.

— Talvez. Quero dizer, se você estivesse realmente errado sobre alguma coisa.

Ela era tudo o que ele temia... Instável, não confiável e ilógica. Lucas afastou a cadeira da mesa.

— Você é impossível.

— Não. A situação é impossível.

— Não tenho uma resposta que irá satisfazê-la — admitiu-o. — Tudo que sei com certeza é que eu posso confiar em mim.

Devin sorriu.

— E eu posso confiar em mim.

Eles se entreolharam por um longo momento de silêncio.

— Empate — disse Lucas de modo fatalista.

— Novo tópico. — Ela ergueu a taça. — Belo resgate do catamarã. Lexi me pediu para agradecer novamente.

— Fazia tempo que eu não navegava. Foi divertido.

— Lamento sobre seu terno.

— É engraçado como perco minhas roupas quando estou perto de você.

Devin desviou o olhar, e ele percebeu que o duplo

significado daquilo a constrangera.

— Você gosta de barcos? — perguntou Lucas, tentando levar a conversa para um terreno neutro.

O que, obviamente, a fez se sentir aliviada.

— Sim, gosto. E Amélia parece adorar. Ela é um bebê da água.

— Vocês precisam sair de barco em Puget Sound algum dia.

— Você tem um barco?

— Um pouco maior que o catamarã — replicou ele. — Nós provavelmente temos de levar uma tripulação.

— Uma tripulação?

— Três ou quatro homens.

— De que tamanho é o barco?

— Tem 46 pés.

Ela riu.

— Sim, eu diria que é um pouco maior que o catamarã.

— Podemos jantar no barco — sugeriu-o, sabendo que aquilo parecia um encontro romântico, mas não se importando. Pegou-se gostando da ideia de navegar com Devin uma noite.

— Com um barco desse tamanho, poderíamos ir até Vancouver.

— Claro. — Lucas deu de ombros. Eles poderiam ir para onde ela quisesse.

Devin recostou-se, girando a taça de vinho entre os dedos.

— Você leva uma vida boa, Lucas Demarco.

Lucas olhou ao redor, percebendo que a atmosfera doméstica começava a agradá-lo.

— Você também leva uma vida boa aqui.

— Não no momento — retornou ela, amargamente.

Ele suspirou.

— Quer brigar comigo ou aceitar meu elogio para sua casa?

— Minha casa jamais poderia impressioná-lo.

Lucas inclinou-se para frente, pondo os cotovelos sobre a mesa.

— Você, Devin Hartley, é uma pessoa extremamente difícil para se manter uma conversa agradável.

Ela pôs a taça sobre a mesa, e inclinou-se para frente, imitando a postura dele.

— E você, Lucas Demarco, é extremamente ruim em esconder sua arrogância.

— Eu gosto da sua casa — protestou ele. — Bem, não do banheiro. — Olhou para cima. — E estas lanternas do pátio? Vamos apenas dizer que, felizmente, você é...

Lucas parou.

Estivera prestes a dizer que ela era linda? Enlouquecera?

— Você tem uma linda vista. — Ele indicou a lua e o lago com sua taça.

— O que há de errado com as lanternas?

Lucas olhou para as formas indistintas de plástico, penduradas em arames frouxos.

— Parecem perigosas para incêndio — apontou ele.

— Minha mãe comprou estas lanternas.

Lucas não sabia o que responder.

— Minha mãe adorava estas lanternas.

— Sinto... Muito?

— Sente por ter insultado minha casa ou sente pelo mau gosto de minha mãe?

Havia alguma coisa no tom de incredulidade de Devin que não parecia verdadeiro, e Lucas percebeu que ela estava se controlando para não rir.

— Você está zombando de mim, não está?

Ela sorriu e deu de ombros.

— As lanternas vieram com a casa — admitiu. — Mas eu gosto delas, dão um ar festivo ao lugar. Parece que estamos em uma festa todas, às noites.

— E assim que você vê a vida? — Lucas estava genuinamente curioso. — Uma grande festa?

— Olhe quem fala! O playboy do Noroeste Pacífico.

— Playboy?

— Eu vi as fotos. Li os artigos. Sua agenda de festas é muito mais cheia que a minha. Você teve uma longa lista de namoradas.

— Eu apenas saí com a maioria delas.

— Casos de uma única noite?

— Como se eu fosse lhe contar sobre minha vida sexual.

Devin abaixou o tom de voz para um sussurro, olhando dramaticamente de um lado para o outro.

— Muito embaraçosa?

Ele inclinou-se para mais perto.

— Muito tediosa.

Ela deu uma gargalhada: Ele notou que a taça de Devin estava vazia. Assim como a sua.

— Não esperei que você dissesse isso — admitiu-a.

— Mais vinho? — Lucas pegou as duas taças.

Devin contemplou a pergunta por um segundo.

— Claro.

Ele levantou-se e foi para a cozinha.

— Esse é seu jeito para fugir de uma conversa embaraçosa? — gritou ela.

Ele pôs as taças sobre o balcão e completou-as, não querendo gritar de volta e acordar Amélia.

Mas, quando retornou ao pátio e colocou as taças sobre a mesa, respondeu:

— O que há de embaraçoso em sair com lindas mulheres?

— Eu me referi à sua vida sexual tediosa.

— Vai me contar sobre a sua? — desafiou Lucas.

— Não há nada para contar.

— E isso não é tedioso? — Na verdade, ele estava muito intrigado com a resposta. Nada para contar? O que ela queria dizer com aquilo?

— Estou cuidando de um bebê — disse Devin. — Não sobra muito tempo para namorar.

— E antes disso? — Amélia só estava sob a responsabilidade de Devin por três meses.

— Antes disso, minha irmã estava passando por um período difícil. Culpa de seu irmão, como sabe. A última coisa que ela precisava era

me ver toda arrumada e saindo para dançar a noite inteira com um sujeito qualquer.

— Você sai toda arrumada? — Até agora, Lucas nunca a vira em nada além de roupas de algodão. Bem, exceto pelo biquíni. A imagem de Devin naquele biquíni azul estava gravada na sua mente.

— Eu me arrumo muito bem quando quero — disse ela, dando um gole do vinho.

— Então, nós devemos sair juntos.

Devin fez uma careta.

— Claro. Porque isso é exatamente o que está faltando na minha vida no momento.

— Não gostaria de sair para jantar, dançar um pouco, talvez assistir a uma peça ou a um concerto?

— E deixar Amélia?

— Vamos contratar uma babá, lembra?

Devin balançou a taça em ênfase.

— Não vamos contratar uma velha do Leste Europeu para maltratar Amélia.

Lucas meneou a cabeça. Puxou uma cadeira vazia de lado e descansou os pés descalços, recostando-se.

— Você tem um dom de exagerar.

— Tenho direito de vetar a babá.

— Eu também.

— Talvez isso seja interessante. — Devin pegou outro pedaço de pickles e deu uma mordida.

Lucas encolheu-se diante da combinação de vinho com pickles. Mas, então, o vinho era quase vinagre. Era difícil acreditar que ele estava na segunda taça.

Devin ergueu um dos pés sobre a cadeira, abraçando o joelho.

— Duelar babás — brincou ela.

— Fui convidado para um baile beneficente no sábado.

— Sorte sua. Outra supermodelo deslumbrante nos braços? É melhor você ser generoso em sua doação para compensar seu comportamento decadente.

— É para o hospital infantil.

Ela mastigou o outro pedaço de pickles.

— Então, seja mais que generoso.

— O baile é na boate Saturna. Um convite muito quente.

— Pare de se gabar.

— Eu não estou me gabando.

— Sim, está.

— Estou convidando você.

Devin engoliu em seco, a expressão registrando perplexidade.

— O quê?

— Uma garota precisa sair de vez em quando — explicou ele, cuidadosamente mantendo o rosto impassível.

Tinha enlouquecido de vez, pensou Lucas.

— Não vou sair com você.

— Não é um encontro amoroso. É um baile beneficente. Estaremos lá para doar meu dinheiro.

— Esqueça. — Ela se levantou, pegando o prato e sua taça quase vazia.

Lucas também ficou de pé, fechando uma mão no braço dela para detê-la.

Certamente o convite para um baile beneficente não poderia tê-la deixado zangada, poderia?

— O que aconteceu?

Todo o humor desaparecera dos olhos cor de safira.

— Você está planejando alguma coisa — acusou ela.

— Não estou. — Ele meneou a cabeça em negação.

— Não existe um único motivo para que você me convide.

— Diga-me, Devin, o que eu poderia ganhar convidando você para um baile?

Ela hesitou, e ele pôde ver a mente de Devin trabalhando.

— Nada — Lucas respondeu a própria questão.

— Então, por que fazer isso?

— Impulso — respondeu ele honestamente. — Tocou-me quando você me contou que ficou celibatária para o bem de sua irmã — Era verdade. Aquilo o impressionara. — Achei doce seu sacrifício. — Por que ele não se calava?

— Você não vai acabar com meu celibato, Lucas. De jeito nenhum.

Lucas estava pasmo. Não tivera intenção... Nem sequer pensara nisso... Tudo bem pensara, mas apenas na noite anterior, após o beijo. Não tinha nada a ver com o convite para o baile, nada.

— Seu celibato está seguro comigo.

Ela pareceu relaxar um pouco. Inclinou a cabeça.

— Você não pode me beijar.

— Eu não vou beijá-la. — Ela queria dizer agora, ou no baile?

— Não é um encontro romântico.

— Não é um encontro romântico — concordou Lucas. Ele podia vê-la hesitando.

— Quanto tempo desde seu último encontro romântico? Os olhos azuis se incendiaram.

— Não provoque.

— Estou tentando convencê-la a sair e se divertir. — Ele forçou-se a tirar a mão do braço dela, e dar um passo atrás. — É você quem pensa que a vida deve ser uma festa constante.

— Eu não disse isso.

— Acredite, a boate Saturna é muito melhor do que lanternas de pátio, vinho em caixa e hambúrgueres queimados.

— Os hambúrgueres não estavam queimados.

Ele lançou-lhe um olhar cético.

— Estavam bem passados — defendeu-se Devin. Ele não pôde reprimir um sorriso. E ela o socou no braço.

— Tudo bem, eu irei ao seu baile estúpido.

Lucas riu.

— Você não parece uma recém-formada charmosa?

Devin começou a andar.

— Vou lavar a louça agora.

Ele pegou alguns itens da mesa e seguiu-a.

— Eu lavo para você.

— Por acaso sabe lavar louça?

Ele sabia. Mais ou menos. Fazia um bom tempo, provavelmente alguns anos.

— Vá sentar-se — disse Lucas.

Ela parecia cansada. E ele foi lembrado de como os últimos meses vinham sendo difíceis para Devin. Não se sentia exatamente culpado pelos problemas dela, mas estava disposto a lavar a louça para ajudá-la.

Para sua surpresa, Devin não discutiu. Acomodou-se no sofá, puxou um cobertor sobre as pernas desnudas e deixou-o arrumando a cozinha.

Quando ele terminou, ela estava dormindo no sofá listrado. Eram quase 22h, e havia um longo trajeto de carro para os três. Eles precisavam ir.

Lucas a chamou num sussurro, mas ela não se mexeu.

Estendeu a mão para sacudi-la, mas não teve coragem.

Em vez disso, ergueu-a nos braços e levou-a para o quarto dela. Devin estava descalça então ele deitou-a na cama e cobriu-a com a colcha.

Poderia tê-la deixado lá e ido para casa. Tinha certeza de que ela levaria Amélia de volta para a mansão no dia seguinte. Mas, quando foi para o corredor, encontrou um quarto de hóspedes, com uma cama dura de solteiro, uma penteadeira branca e as cortinas mais feias que já tinha visto. Os cobertores eram ásperos, e os lençóis estavam rasgados, mas, por alguma razão, Lucas não pôde pensar em nenhum outro lugar que quisesse estar.

CAPÍTULO CINCO

Devin acordou em sua própria cama, desorientada sobre por que o sol já ia alto ao céu. Seu primeiro pensamento assustador foi que algo estava errado com Amélia.

Mas, quando foi para o quarto do bebê e encontrou o berço vazio, temeu que Lucas a tivesse levado. Forçando-se a respirar fundo e permanecer calma, dirigiu-se para sala.

Estava vazia.

Mas, através das portas de vidro, ela viu Lucas, Lexi e Amélia na praia. Os dois adultos estavam sentados numa tora de madeira enquanto Amélia cavava areia com uma pá vermelha e um baldinho.

Lucas tinha passado a noite lá. E a deixara dormir até mais tarde.

Por alguma razão, o conhecimento quase levou lágrimas aos seus olhos. Uma tolice.

Todos possuíam alguma qualidade, e Lucas não era exceção. Eles haviam bebido vinho na noite anterior. Ele provavelmente não quisera dirigir para casa. Devia ter acordado com Amélia e a mantido entretida para que Devin pudesse dormir bem pela primeira vez em três meses.

Ela foi para a cozinha e serviu-se do café, certamente feito por Lexi. Depois, vestiu um suéter sobre a camiseta e um short com o qual

dormira, atravessou o deck e desceu a longa escada de madeira para o gramado que acabava na praia. Uma vez lá, aproximou-se de Lexi e Lucas.

Amélia foi a primeira a avistá-la, sorrindo e engatinhando na sua direção. Lexi e Lucas viraram-se, sorrindo e parecendo relaxados.

— Dormiu bem? — perguntou Lexi.

— Que horas são? — Devin sentia-se mais descansada do que em meses.

— Onze — respondeu Lucas.

— Meu Deus. Você acordou com Amélia?

— Sim. — Ele bocejou. — Por volta das 4h da manhã. Então ela dormiu sobre meu peito por um tempo, mas não consegui dormir muito mais.

Devin mal podia acreditar naquilo.

— Você trocou a fralda dela?

— Havia instruções no pacote.

— Ele pôs a fralda ao contrário — acrescentou Lexi.

Devin ajoelhou-se ao lado deles na areia.

— E você alimentou-a?

— Não pareça tão impressionada.

— Estou impressionada.

Amélia apoiou as mãozinhas cheias de areia nas pernas de Devin.

— Eu dei a ela um pouco de suco e cereais, então Lexi chegou.

— Agradeço a vocês por terem me deixado dormir. Foi maravilhoso.

— Lexi concordou em ficar com Amélia para nós — disse Lucas.

— Eu soube que vocês dois terão um encontro.

— Não é um encontro — corrigiu Devin rapidamente. Concordara mesmo em ir ao baile com ele na noite seguinte? — Lucas está tentando me conquistar com boa comida e dança para que eu não apoie Steve.

Lucas voltou-se para Lexi.

— Eu não lhe disse que ela está desconfiada?

Lexi assentiu.

— É claro que estou desconfiada — confirmou Devin. — Assim como você. E temos motivos para isso.

Lucas desceu da tora de madeira.

— Tenho uma reunião, e vou para casa trocar de roupa antes. — Ele olhou para Devin. — Vejo você lá mais tarde?

— Claro.

Lucas abaixou-se para bagunçar os cabelos de Amélia, então acenou alegremente para as duas e seguiu em direção à escada.

— Conte-me tudo — disse Lexi.

— Não há nada para contar. Tive uma ótima noite de sono.

— Sozinha?

Devin a olhou, intrigada.

— É claro que sozinha. O que ele lhe disse?

— Nada. Mas eu não podia perguntar isso a ele, podia?

— E por isso que você estava sendo gentil com

ele?

A atitude de Lexi em relação a Lucas tinha mudado desde o resgate do barco.

— Ele não é tão ruim quanto eu esperava — admitiu Lexi.

Devin entendia. Havia alguma coisa muito charmosa sobre Lucas. Mas, então, era exatamente aquilo que Monica pensara sobre Konrad: que ele era mal-compreendido, não o homem frio e implacável retratado pela mídia. Aquela era uma estrada perigosa.

— Ele está tentando tirar Amélia de mim — Devin a lembrou.

— Desafie-o numa competição de troca de fralda na audiência. Você vencerá.

— Isso não é uma brincadeira.

Lexi ficou séria e olhou para a água.

— Eu sei. E gostaria que ele fosse mais imbecil, então eu poderia detestá-lo.

— Você não precisa detestá-lo. Eu só tenho de vencê-lo.

Lexi cobriu-lhe a mão.

— Você vencerá.

— Não estou tão certa.

Em silêncio, elas olharam para o lago.

— Então, conte-me sobre o baile — murmurou Lexi.

— Não lembro como isso começou. Mas mencionei que fazia muito tempo que eu não saía com um homem.

— Então ele a convidou?

— Lucas tem alguma intenção. — Mesmo ciente disso, Devin não pôde evitar um sorriso. — Mas será gostoso me arrumar novamente. E o fiz prometer que não vai me beijar.

— Sério?

— Sim.

— Você falou isso em voz alta?

Devin assentiu. Não queria que houvesse nenhum mal-entendido. A última coisa de que precisava era estar nos braços de Lucas novamente. Baniu a imagem indesejada e reprimiu sua reação hormonal. Beijar Lucas seria um erro catastrófico.

Certo, então, tecnicamente, estava nos braços de Lucas de novo. Mas eles estavam dançando, e a uma distância segura. Ele conduzia seus passos com suavidade e confiança.

Também estava magnífico num smoking.

O salão de bailes da boate Saturna era opulento e espaçoso. Tinha teto alto, com pilares de mármore ao redor da pista de danças. O jantar consistira de salmão fresco e mousse de chocolate branco servidos pelos diversos garçons uniformizados.

Um dos lados do salão se abria para um pátio de concreto que dava vista para Puget Sound. Navios e barcos passavam, enquanto as luzes de Bainbridge Island brilhavam a distância.

Depois de meses de mamadeiras e fraldas, Devin sentiu-se como uma princesa. Seu vestido novo, ela não admitiria para Lucas ter ido às compras, era sem alça, de seda cor de cobre, com o corpete justo e uma saia rodada até os joelhos. Usava sandálias de salto e colar e brincos emprestados de Lexi.

Era divertido sentir-se bonita.

— As entrevistas com as babás começam às 10h da

manhã — Lucas a lembrou enquanto eles dançavam.

— Você está arruinando a atmosfera — disse Devin.

— Há uma atmosfera?

— É claro que há. Nós temos música, boa comida, champanhe...

— E lindas mulheres. — Os olhos dele se iluminaram com uma expressão travessa.

— Homens bonitos — retornou ela, recusando-se a reagir.

— Obrigado.

— Eu estava falando de modo geral.

— Bem, eu não. — Ele pausou. — Você está muito linda, Devin.

Devin o fitou, e foi difícil manter seu equilíbrio. Ele estava sendo educado, nada mais. Não a considerava linda comparada às supermodelos e mulheres sofisticadas ao redor do salão.

Lucas sussurrou no seu ouvido:

— Acredito que a palavra que você está procurando é obrigada.

Devin engoliu em seco.

— Obrigada.

Ele sorriu.

— Isso não foi justo — reclamou ela. — Você prometeu.

— Não elogiá-la?

— Não... — Ela procurou pelas palavras certas. — Este não é um encontro romântico.

— Você não queria falar sobre babás — respondeu ele, como se aquele fosse o único assunto do mundo.

— Tudo bem. Vamos falar sobre babás.

— E estragar a atmosfera?

— Vá em frente e estrague a atmosfera. — Ela não se importava se aquilo soava petulante.

O perigo de fingir ser uma princesa era que isso tornava Lucas o príncipe. Eles tinham chegado à festa de limusine. Mais tarde, iriam para o castelo dele. E, se ela não tomasse cuidado; começaria a pensar num beijo de "boa-noite".

— As entrevistas começam às 10h — disse ele.

— Nada de velhas antiquadas?

— Eu dei à agência tanto as suas especificações quanto as minhas. Eles enviarão pessoas que tenham disponibilidade imediata.

Eles dançaram alguns passos em silêncio.

— Você teve babá? — perguntou Devin.

— Muitas.

— E gostava delas?

— Às vezes.

— Como assim?

— Eu era um garotinho. Babás não gostam de meninos que sobem em árvores e escalam o telhado da garagem.

Devin sorriu diante das imagens.

— Você fazia essas coisas?

— Essas e outras. Assim como Konrad. Acho que

foi por isso que passamos por tantas babás diferentes. — A orquestra mudou para uma música lenta, e Lucas a puxou para um pouco mais perto. — E você?

Devin meneou a cabeça.

— Sem babás para os Hartley.

— Como você era quando criança?

— Normal, suponho.

— Cresceu em Lake Westmire?

— Na mesma casa que vivo agora. Com minha mãe e Monica. Nadávamos, construíamos castelos de areia, assávamos biscoitos, projetávamos casas de bonecas no jardim...

Devin se mudara de Lake Westmire para fazer faculdade. Voltara cinco anos atrás, quando a mãe fora diagnosticada com câncer. Mas não iria pensar nisso hoje.

Então recordou sua época de adolescência. Monica era um ano; mais nova e a vizinhança era repleta de crianças de sua idade.

— Quando éramos adolescentes, Monica e eu nos sentávamos com amigos ao redor de fogueiras no parque perto de Sunny Bay.

— E beijavam os meninos? — provocou Lucas.

— Tommy McGuire — admitiu Devin. — E ele cortou meu nariz com os óculos que usava.

Lucas riu.

— Aposto que seu primeiro beijo também não foi perfeito — retorquiu ela.

— Julgue você mesma. Eu tenho uma fita de vídeo.

— Está brincando?

— Steve filmou secretamente. Ameaçou mostrar para minha mãe, até que eu bati nele e tirei-lhe a câmera.

— Você batia em Steve?

— Ele era espreitador. Surpreende-me que ele não tenha se tornado um paparazzo.

— Ele era uma criança.

— Steve não mudou.

— Esse é mais um de seus avisos sobre o terrível Steve?

— Não. Esse é um convite para você ver o vídeo e me dizer o que acha de meu primeiro beijo.

Devin riu baixinho.

— Não vou assistir ao vídeo de seu primeiro beijo.

— Por que não? Talvez possa me dar algumas dicas.

— Tenho certeza de que suas técnicas mudaram bastante desde então... Quantos anos você tinha?

— Eu não lembro...

— Lucas — uma voz masculina interrompeu o momento.

Lucas olhou para o lado.

— Senhor prefeito. — Após breve hesitação, Lucas liberou Devin para apertar a mão do homem.

— Eu queria agradecer-lhe pessoalmente por sua doação generosa ao hospital. — O prefeito lançou um olhar curioso para Devin.

— Senhor prefeito, esta é Devin Hartley.

— Srta. Hartley. — O homem de meia-idade apertou-lhe a mão gentilmente.

— É um prazer conhecê-lo — murmurou Devin. — A festa está maravilhosa.

— Graças ao pessoal do hospital — respondeu o prefeito, liberando-lhe a mão. — E devemos agradecer a doadores como Lucas pela nova ala pediátrica. Aproveitem a noite. Você estará na inauguração no próximo fim de semana? — perguntou para Lucas.

— Eu não perderia.

Assentindo com a cabeça, o prefeito se retirou. A banda anunciou um intervalo, e uma música de rock gravada soou através dos alto-falantes.

— Com sede? — perguntou Lucas, pondo uma das mãos nas costas dela para conduzi-la.

— Claro. — Ela acompanhou-o de volta à mesa. — Imagino que você tenha feito uma grande doação? — Suas palavras no churrasco teriam influenciado Lucas?

— Pacific Robotics fez uma grande doação — corrigiu ele. — Isso inclui Amélia.

— Como você decide quanto doar?

— É difícil — reconheceu Lucas. Sinalizou para um garçom e pediu água com gás para os dois. — Recebemos dúzias de pedidos por semana de organizações beneficentes. E de golpistas, é claro.

— Tudo isso?

Eles chegaram à mesa. As oito cadeiras estavam vagas, e Lucas puxou aquela em que o xale de Devin estava. Ela sentou-se.

— Presumo que você diz "não" para a maioria?

— Do contrário, nós iríamos à falência em um ano. Precisamos estabelecer prioridades, determinar orçamentos e esperar que nossas ações nos ajudem.

Devin pegou-se admirando aquele lado de Lucas.

— Amélia precisa aprender isso — continuou ele. — Isso e um milhão de outras coisas. Dirigir uma corporação envolve muitas complexidades.

— Amélia tem 09 meses, Lucas — apontou ela.

Ele parou, parecendo pensativo. O garçom chegou e serviu água em dois copos com gelo.

— Você tem razão — concordou Lucas depois que o homem saiu. — Antes que ela aprenda habilidades empresariais, precisamos ensiná-la a usar o banheiro, garfo e faca. De volta à conversa sobre babás.

— Antes que coloquemos o peso do mundo dos negócios nos ombros da garotinha, precisamos deixá-la se divertir um pouco. — Devin ergueu seu copo para um gole. — De volta à conversa sobre babás.

Devin prendeu o monitor de bebê portátil na sua calça quando fechou a porta de conexão entre o quarto de Amélia e sua suíte na mansão. Tinha prometido a Lucas que eles poderiam discutir suas opiniões sobre as babás entrevistadas naquela manhã depois que Amélia estivesse tirando sua soneca da tarde.

Passando pelo espelho, Devin olhou para seu reflexo. Seus cabelos estavam despenteados pelas mãozinhas de Amélia, e havia uma mancha de sujeira em seu rosto. E o ombro esquerdo de sua camiseta estava molhado, onde Amélia babara enquanto pegava no sono.

Dizendo a si mesma que aquilo não era porque se importava com a opinião de Lucas, ela lavou o rosto e passou uma escova nos cabelos, aproveitando para aplicar protetor solar, caso decidissem conversar na varanda.

Finalmente, em seu caminho do banheiro para o quarto, pegou a bacia da camiseta para removê-la.

Parou subitamente.

— Steve?

O homem estava parado na frente da janela de seu quarto, segurando a cortina com uma mão, olhando para o oceano.

— Olá, Devin. — Ele virou a cabeça.

— Você me assustou.

Também a irritara. O que ele estava fazendo ali? E Steve tinha fechado a porta do quarto. Devin sentiu certo receio.

— Preciso falar com você. — Ele soltou a cortina, e a expressão fria não fez nada para aliviá-la.

— Podemos conversar no corredor? — perguntou ela, indo em direção à porta. — Amélia acabou de dormir.

— Prefiro conversar em particular.

Bem, ela preferia em público. E não parou de se mover.

— O que aconteceu depois que eu fui embora? — Havia um traço de impaciência na voz de Steve.

Devin parou com a mão na maçaneta, virando-se.

— Depois que você foi embora de onde?

— De sua casa. No outro dia. Sei que Lucas ficou.

— Ele estava ensopado.

— Ele passou a noite lá — acusou Steve, raiva brilhando nos olhos escuros.

Steve estava passando dos limites. Devin girou a maçaneta, zangada.

— Acho melhor você ir embora.

Ele aproximou-se, erguendo uma mão para bloquear a porta fechada.

— Aqui não é sua casa, Devin.

Ela não respondeu.

— Você é inteligente. Deve saber o que ele está fazendo. Precisa saber que sairá ferida.

— Isso não é da sua conta. — Ela não sabia do que Steve suspeitava sobre seu relacionamento com Lucas. Mas não iria se explicar.

Ele a encarou com olhos gelados.

— Tentei facilitar isso para você. Ofereci ajuda. Paguei seu advogado.

— Lucas dormiu no sofá, Steve. — Devin não sabia por que estava lhe dizendo aquilo. Não era porque queria mais ajuda dele. Na verdade, nunca mais queria nada de Steve.

Ele balançou a cabeça.

— Teria dado certo, Devin.

Querendo acabar logo com aquela conversa, ela nem perguntou o que teria dado certo.

— Esta pode não ser a minha casa, mas este é meu quarto durante minha estadia, e quero que você saia.

Ele a encarou. A expressão cruel nos olhos castanhos arrepiou a coluna de Devin.

Mas, após uma longa pausa, ele deu um passo atrás, e ela também. Steve abriu a porta e saiu sem uma palavra. Devin fechou-a em seguida e começou a tremer.

Então ouviu um motor de carro sendo ligado abaixo. Foi para a janela e viu Steve indo embora. Com um suspiro de alívio, removeu a camiseta pela cabeça.

Vestiu uma blusa branca sem mangas, calçou um par de sandálias velhas e desceu para procurar Lucas.

Ele estava no deck do grande salão, sentado a uma das mesas redondas que davam vista para o jardim. Frutas e croissants tinham sido servidos, com uma garrafa de café.

Lucas estava bebendo de uma xícara.

— Amélia dormiu? — perguntou ele quando Devin sentou-se na cadeira oposta.

Ela assentiu, debatendo se deveria contar-lhe sobre a bizarra conversa com Steve.

Apesar de, no momento, confiar mais em Lucas do que em Steve, não confiava inteiramente em ninguém daquela família.

— Achei que a babá número três tinha potencial — disse Lucas, erguendo a garrafa de café numa pergunta.

Devin empurrou sua xícara na direção dele para dizer "sim".

— Era aquela de trança?

— Não. A de chapéu.

— Sem uniforme — disse ela.

Lucas levantou o prato de croissants, oferecendo-lhe.

— O que há de errado com uniformes?

Ela pegou um croissant.

— Eu não gosto deles.

— Então, teremos regras para vestimenta?

— Não. Um uniforme seria uma regra para vestimenta. Não quero que Amélia sinta que está numa instituição.

— Um uniforme é somente uma regra de vestimenta se não for opcional. Proibindo uniformes, você está, na verdade, instituindo uma regra para vestimenta.

— Você está sendo deliberadamente obtuso. A babá pode usar o que quiser.

— Menos um uniforme.

Devin mordeu o croissant.

— Ninguém quer usar um uniforme.

Lucas selecionou uma uva.

— Você não pode saber disso.

— Eu gostei daquela de trança — disse ela, dando um gole do café. — Acho que se chama Beverly.

O celular de Lucas tocou. Ele checou o número, apertou um botão, voltando á atenção para Devin.

— Ela me pareceu desorganizada.

— Como?

— Para começar, chegou atrasada. Então, aquela

bolsa feia cor de laranja...

— Você está deixando de lado os méritos devido ao estilo.

— Você fez isso.

Estática produziu um ruído no monitor de bebê.

Uma voz masculina abafada soou no alto-falante. As palavras eram indistintas, mas Devin sentiu o corpo inteiro gelar.

O homem falou novamente.

Steve.

Ela praguejou, levantando-se num movimento tão brusco que a cadeira caiu no chão.

Atravessou o grande salão correndo, seguiu o corredor para o foyer e para a escadaria principal, enquanto Lucas chamava seu nome e corria atrás dela.

Devin subiu a escada, então rodeou o corredor para encontrar dois empregados conversando do lado de fora do quarto de Amélia. As portas dos dois quartos estavam fechadas, e os empregados a olharam, confusos.

Ela entrou no quarto do bebê.

Amélia dormia pacificamente.

— Está tudo bem, senhora? — um dos homens perguntou.

— Devin? — A voz de Lucas veio do fim do corredor. Com o coração disparado, Devin tentou se recompor.

— Está tudo bem.

Lucas aproximou-se.

— Podem nos dar licença, por favor? — pediu para os dois homens, que se retiraram rapidamente. — O que houve? — demandou Lucas. — Você está branca como um fantasma.

— Eu pensei... Que Steve estivesse aqui.

Lucas arqueou as sobrancelhas.

— Pensou que Steve estivesse aqui?

— Steve esteve aqui. Mais cedo. Saí do quarto de Amélia e encontrei-o dentro do meu quarto.

Os olhos de Lucas brilharam com raiva.

— Ele parecia irritado por você ter passado a noite no meu chalé. Sabia disso e...

— Espere — interrompeu Lucas. — Steve lhe disse isso ou você contou a ele?

— Ele me disse. — Ela não gostou da implicação de que teria dado informações a Steve, mas continuou, de qualquer maneira: — Então ele falou que tinha tentado facilitar as coisas para mim. Tive a impressão de que Steve não ia facilitar mais nada para mim. Então ouvi voz de homem no monitor, e por um minuto pensei...

— Pensou que Steve pudesse machucar Amélia?

— Pensei que ele tivesse voltado. Além disso, não sabia o que pensar.

Lucas passou uma mão pelos seus ombros.

— Steve não vai machucar Amélia.

Devin assentiu, mas apenas para ser cordata. Se dependesse dela, Steve nunca mais se aproximaria de Amélia.

— Ele é um imbecil, mas não iria tão longe, Devin. Aumentaremos a segurança. Podemos contratar um guarda-costas para Amélia, em

vez de uma babá, se isso a tranqüiliza.

Devin fechou os olhos e respirou fundo.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Ela assentiu.

Ele apertou-lhe o ombro, e subitamente Devin foi envolvida num abraço.

— Vai ficar tudo bem — prometeu ele com a voz rouca.

A sensação dos braços de Lucas ao seu redor era maravilhosa. O peito era largo e sólido contra seu rosto. E, apesar de saber que era muito perigoso contar com o apoio de Lucas, só por um momento permitiu-se ser envolvida na força dele.

Lucas não acreditava que Steve fosse um perigo real para Amélia. Mas estava furioso por ele ter intimidado Devin. E na mansão. A audácia do homem não tinha limites.

Lucas contatara Theodore Vick, o chefe dos seguranças dos Demarco, pedindo proteção extra para Devin e Amélia. Também falara com Byron sobre o que poderia significar se Steve tirasse o suporte legal de Devin. Apesar de seus modos simples, Byron era um bom estrategista, com muitos contatos e talento para conseguir informações. Se alguém pudesse descobrir o novo plano de Steve, era Byron.

Ele apareceu à porta do escritório de Lucas, no piso inferior da mansão.

— Alguma novidade? — perguntou Lucas sem preâmbulos.

Byron entrou e fechou a porta.

— A mãe de Steve derrubou alguma coisa na cabeça dele quando ele era bebê? Se ela não fez isso, deveria — continuou Byron, sem esperar resposta. — Há algo muito errado com aquele garoto.

Lucas levantou-se e rodeou a mesa. As portas de vidro estavam abertas para um pequeno pátio, e Byron gesticulou para que ele as fechasse.

Lucas estava curioso.

— O que descobriu?

— Lembra-se disso? — Byron pôs uma fita de vídeo com rótulo vermelho sobre a estante que ocupava um canto da sala.

— Esta é aquela do testamento de vovô?

Byron assentiu.

— Vamos refrescar um pouco sua memória. — Ele colocou a fita no videocassete conectado à televisão. Então pegou o controle remoto e indicou as cadeiras ao redor da mesa.

Lucas sentou-se.

— Perdi alguma coisa da primeira vez?

— Estava debaixo de nossos narizes o tempo todo. — Byron pressionou um botão no controle, e uma imagem pobremente iluminada de um vovô de aparência mais jovem, sentado naquele mesmo escritório, entrou na tela.

Byron avançou parte da fita.

— Pronto — disse ele, voltando a apertar o play. A voz grave e familiar de seu avô preencheu a sala:

— A razão disso é que vocês, garotos, precisam entender a diferença entre trabalho e família. A grande empresa que herdaram foi construída numa fundação de família. Suas avós e bisavós podem não ter tido seus nomes na

corporação, mas tiveram papéis importantes na construção do que agora é a Pacific Robotics. — Os olhos dele suavizaram-se. — Lucy era minha rocha. Estava lá nos momentos bons e ruins, no sucesso e no fracasso, sempre acreditando que eu podia fazer o impossível. E, vocês, rapazes, precisam encontrar suas próprias rochas. E, se deixar meus bens para uma futura bisneta lhes der a inspiração para isso, então que assim seja.

Byron parou a fita.

— Eu não entendo — disse Lucas. — Já vimos isso antes. Qual é o ponto?

— Olhe nas entrelinhas — replicou Byron. — Foi o que Steve fez.

Lucas balançou a cabeça, ainda não entendendo.

— Vovô apenas reiterou que seu primeiro bisneto é herdeiro.

Byron assentiu.

— Certo. Seu avô esperava que vocês se apaixonassem se casassem e tivessem filhos.

— Sim. — Lucas suspirou. Aquele era um jeito ridículo de estruturar uma herança.

— E Steve entrou com uma nova petição que pede que esta fita de vídeo seja considerada o espírito do testamento de seu avô.

— Ele pode fazer isso?

— Parece que sim — confirmou Byron. — Parece que a corte pode decidir equilibrar a carta de um testamento com o espírito de um testamento.

— Mas as ações já estão no nome de Amélia.

— É como uma apelação.

— Ele poderia mudar o testamento?

— Talvez. Está jurando que Konrad só se casou com Monica para que a garota engravidasse. Esta é uma violação clara do espírito do testamento. E Steve tem muitos advogados buscando precedentes para apoiá-lo.

— Amélia poderia perder suas ações?

— Sim. E o pior — disse Byron, — sabe quem é a pessoa que vai testemunhar que o casamento de Konrad e Monica era uma farsa?

Lucas bateu o punho cerrado contra a mesa e praguejou.

— Devin.

— Devin — confirmou Byron. Então, levantou-se e tirou a fita do aparelho, guardando-a em sua caixa. — Quando ela enfrentá-lo sobre a custódia, Devin se sentará no banco de testemunhas e dará a Steve sua evidência numa badeja de prata.

CAPÍTULO SEIS

Devin aceitara a oferta de Lucas para se juntar a ela em sua corrida do fim de tarde.

Ainda estava nervosa pelo encontro com Steve, e companhia não parecia uma má idéia.

Um guarda estava no corredor do lado de fora do quarto de Amélia, e uma das empregadas observava o novo monitor do bebê. Devin

sabia que aquilo era exagero, mas não se importava. Era difícil esquecer o fato que Steve invadira seu quarto.

Agora, Lucas e ela corriam ao longo do caminho iluminado no terreno. Desta vez, Lucas mantinha um ritmo suave, conversando sobre seu barco e os eventos iminentes para a nova ala do hospital. Devin descobriu-se relaxando.

Eles rodearam o estábulo, onde dois cavalos castanhos estavam perto da cerca.

— Você monta? — perguntou ela.

— Às vezes. Byron é o caubói da família. Sendo do Texas, ele é muito comprometido com o estilo de vida campestre. Não duvido que apareça com alguns bois um dia desses. Diz que temos potencial para pasto do lado norte da propriedade.

— Não consigo imaginar você como um caubói.

— Não acha que eu ficaria bem num chapéu de caubói?

Na verdade, ele ficaria lindo num chapéu de caubói.

— Não acho que você gostaria da poeira presente nesse estilo de vida.

— Verdade — concordou ele. — Dê-me roupas limpas, uma garota ardente e um Bugatti, e eu me sinto à vontade.

— Ou tacos e um carrinho de golfe?

— Isso funcionaria também. E você, joga golfe?

Devin meneou a cabeça.

— Não.

— Quer experimentar?

— Não particularmente. Minha vida é muito ocupada para um esporte caro e que consome tempo.

— Pensei que você fosse uma garota festeira.

— Essa foi sua opinião. Tenho um prazo para entregar um livro e um bebê para cuidar. Hambúrgueres eu posso fazer. Mas não jogar golfe.

— E quanto a nadar? — perguntou Lucas quando eles se aproximaram na piscina no fim da corrida.

— Eu nado, é claro. Moro num lago.

— Eu quis dizer agora. Estou suando.

Eles passaram a andar quando chegaram ao deck da piscina. Lucas passou o dorso da mão sobre a testa suada.

Devin estava com calor também. E a piscina parecia convidativa. Mas ela não queria ir até o segundo andar para vestir um maiô. Quando entrasse em seu quarto naquela noite, tudo que queria era dormir.

— Estou sem roupa de banho — respondeu ela, apoiando-se numa das mesas para alongar as canelas.

— Sem problemas. — Ele tirou o celular do bolso do short.

— Você não vai ligar para algum empregado me trazer um maiô.

— Quem falou alguma coisa sobre maiô? — Lucas pôs o telefone sobre a mesa, tirou a camisa e jogou-a numa espreguiçadeira.

Devin não pôde evitar dar uma olhada para o peito nu. O homem estava em incrível forma.

Mas então ele levou as mãos ao cós do short. Ela

acabou a alongamento e endireitou o corpo.

— Espere aí, caubói.

— Samba-canção — ele a tranqüilizou com um sorriso. — Mas posso diminuir as luzes se você é tímida.

Devin deu alguns passos atrás.

— A piscina é toda sua. Vou para o meu quarto.

— Não seja ridícula. — Ele atravessou até um painel elétrico numa parede, apertou alguns interruptores, e a água da piscina escureceu, assim como a área do deck. Uma iluminação fraca vinha dos jardins ao redor.

— Venha. — Ele moveu-se para frente na escuridão. — Você deve estar com calor.

— Eu não estou usando samba-canção — respondeu ela, um misto de choque e excitação com o pensamento de nadar com Lucas.

— Você está nua sob esse short?

— Não.

— Então nade em suas roupas de baixo. Não é diferente de um biquíni.

— Sim, é.

— Só na sua cabeça.

Devin ouviu o espirro de água, e olhou para a piscina para vê-lo mergulhando. Teve um vislumbre da cueca preta antes que ele desaparecesse na água escura.

Lucas subiu à superfície, sacudindo os cabelos molhados.

— A água está deliciosa — disse ele. — Serei até mesmo um cavalheiro e ficarei de costas até que você entre.

Devin estava tentada. Realmente tentada.

— Promete que não vai olhar?

Ele virou-se de costas para ela.

— Não seja paranóica.

Ela respirou; fundo olhando ao redor do jardim parcamente iluminado. Não havia ninguém lá, e a casa ficava longe o bastante para que eles não fossem vistos; pelo menos não em detalhes. Não seria possível diferenciar seu sutiã e calcinha cor de pêssego de um biquíni. E seria fantástico esfriar o corpo antes de ir para cama.

— Certo — anunciou ela, tirando os sapatos. — Vou entrar. — Rapidamente removeu o short e a camiseta, e mergulhou direto na piscina.

Após o choque inicial de frio, a água estava maravilhosa. Subindo à superfície, Devin nadou para o lado oposto de Lucas.

— Bom? — perguntou ele, o rosto uma silhueta escura contra as luzes distantes dos jardins,

— Muito bom — concordou ela, dando algumas braçadas, ciente de que o olhar de Lucas a seguia.

A lembrança do beijo deles lhe veio à mente. Ela parecia não conseguir banir a sensação dos braços dele ao seu redor. Talvez aquilo fosse a síndrome do fruto proibido.

Ou, talvez, estivesse descobrindo todas as razões pelas qual Monica fora incapaz de resistir a Konrad, apesar de todas as evidências de que ele era perigoso.

Lucas era definitivamente perigoso para Devin. O fato de entender isso parecia não impedi-la de desejá-lo. Não impedi-la de tomar decisões

estúpidas como nadar com ele tarde da noite.

— Devin? — veio a voz profunda de Lucas.

— Sim? — Ela encontrou os azulejos sob seus pés, descansou uma mão da parede da piscina e virou-se para olhá-lo.

Ele tinha se aproximado mais.

— Há algo sobre o que precisamos conversar.

— O quê? — perguntou ela, cautelosa.

— Sobre Steve.

O estômago de Devin contorceu-se em ansiedade. Não queria falar sobre Steve. Nem queria pensar sobre Steve.

— Byron e eu descobrimos a tática dele.

Ela engoliu em seco.

— E?

— Ele está tentando deserdar Amélia.

— Como assim?

— Steve está tentando provar que ela não tem direito aos dez por cento da Pacific Robotics.

— Como ele pode fazer isso?

— Ele achou uma ambigüidade no testamento — disse Lucas. — Acha que pode provar que o casamento de Konrad e Monica foi uma farsa...

— Foi uma farsa — Devin sentiu-se compelida a apontar.

Lucas cruzou os braços sobre o peito musculoso.

— Não foi. Mas essa não é a questão. — Ele fez uma pausa. — A questão é que você pode, inadvertidamente, ajudá-lo.

— Inadvertidamente? — Ela arqueou as sobrancelhas. — Se ele quer provar que o casamento de Monica e Konrad foi uma farsa, então eu o ajudarei de propósito.

Lucas aproximou-se mais.

— Você não pode fazer isso, Devin.

— Eu não vou mentir Lucas.

— Eu não estou lhe pedindo que minta.

— Konrad não amava Monica.

— Ele a amava.

Devin suspirou. Se Amélia tivesse direito à herança, ela lutaria com unhas e dentes por isso. Mas, se não tivesse...

— Você não sabe o que se passava pela cabeça de Konrad — argumentou Lucas. — Precisa se permitir a possibilidade, mesmo que pequena, de que esteja enganada sobre Konrad.

— Eu não preciso fazer nada. A verdade é a verdade. — Devin passara incontáveis noites consolando Monica por causa da traição de Konrad.

— Ouça-me, Amélia tem direito à herança de meu avô. Você e eu — Lucas pausou, claramente lutando para controlar as emoções — devemos a Konrad e Monica e ao meu avô proteger os interesses de Amélia.

Quando Devin não respondeu, ele continuou:

— E isso significa que temos de parar de brigar.

— Não estamos brigando. — Bem, talvez naquele momento estivessem. Mas vinham se dando bem nos últimos dias. Bem até demais para a paz mental de Devin.

— Eu me refiro a brigar pela custódia de Amélia — disse ele. — Temos de parar com isso.

Devin levou alguns segundos para absorver aquelas palavras. E, quando o fez, seu coração disparou.

— Esta é alguma tática para que eu desista da guarda de Amélia?

— Não.

— Steve realmente achou alguma coisa no testamento?

— Devin...

— Não acredito em você. — Por que ela continuava baixando a guarda?

— Acredite — afirmou Lucas com seriedade. — Steve achou alguma coisa. E, se você e eu lutarmos no tribunal, Amélia será a perdedora. Seu testemunho, enganoso como é, servirá muito bem a Steve.

— Eu não desistirei da custódia de Amélia. — Ela começou a andar em direção à escadinha da piscina. — Esta conversa acabou.

Ele segurou-lhe o braço molhado.

— Eu não estou lhe pedindo que desista da custódia, Devin. Estou pedindo que ganhemos algum tempo, para o bem de Amélia.

Ela desvencilhou-se da mão dele, ignorando o formigamento que o toque provocara.

— Você nunca fez nada pelo bem de Amélia.

— Você não sabe disso.

— Sim, eu sei.

— Nem mesmo vai me ouvir — acusou Lucas.

— Tudo que tenho feito é ouvir você. E dei-lhe o benefício da dúvida diversas vezes...

— Ahaha! — zombou ele.

— E tomei decisões estúpidas.

Ele se aproximou mais.

— E acha que eu não? Tomo as decisões mais estúpidas do mundo no que se refere a você. — Ele roçou-lhe o corpo com o seu; coxa contra coxa, barriga contra barriga.

— Lucas. — Ela arfou, reagindo ao toque, sentindo os mamilos enrijecerem, um calor na base da barriga.

Em câmera lenta, ele inclinou a cabeça, e Devin prendeu a respiração, esperando pelo beijo.

O tecido, cor de pêssego do sutiã de Devin tinha se tornado transparente com a água, revelando cada nuance dos lindos seios. Os mamilos estavam rijos; o rosto dela, corado; os lábios carnudos, entreabertos.

Com determinação feroz, Lucas impediu-se de beijá-la. Em vez disso, curvou uma mão na nuca delicada. As pupilas dela estavam dilatadas, a respiração ofegante. Ele sabia que estava brincando com fogo.

Ainda segurando-lhe a nuca, puxou-a para mais perto.

— Eu não posso confiar em você — murmurou ela.

— Eu sei — respondeu Lucas suavemente, as

palavras mais uma carícia do que parte de uma conversa coerente. Mas ele entendia a posição dela.

— E você não pode confiar em mim — disse Devin, as palavras e o corpo dando mensagens mistas.

— Sei disso também.

Cedendo, Lucas roçou-lhe os lábios com os seus num beijo terno e dolorosamente breve. Como se aquilo fosse mais uma pergunta do que uma declaração. Se ela fosse recuar, ele precisava saber agora.

Mas dedos delicados se abriram em seu peito nu, enviando ondas de desejo para seu baixo-ventre.

— Empate novamente — murmurou ela.

— Que novidade. — E Lucas a beijou mais profundamente, deslizando a mão livre pelas costas dela, aninhando-a mais ao seu corpo.

— Isso não... — O resto das palavras de Devin foi perdido num gemido enquanto ela lhe circulava o pescoço com os braços, os mamilos rijos queimando a pele de Lucas como fogo.

Ele continuou beijando-a com ardor, enquanto acariciava-lhe o pescoço, o rosto, atrás da orelha. Ela era tão perfeita, tão deleitável...

Devin desceu as mãos pelos seus ombros, traçou a curva dos bíceps, deixando uma trilha de calor por onde passava. Ofegando, Lucas deslizou os dedos por baixo do elástico da calcinha cor de pêssego. A sensação da pele sedosa e escorregadia pela água arrancou um gemido da garganta dele.

Em resposta, ela apertou-lhe os ombros, os dedos pequenos pressionando eroticamente seus músculos. Lucas ergueu-a pelo traseiro, e ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura. Mas, quando Devin gemeu seu nome, ele sentiu que estava muito perto de perder o controle.

— Não aqui — Lucas conseguiu dizer, porém beijou-a mais longa e ardentemente.

— Então...

A escadinha estava a poucos metros de distância. Ele moveu ambos para lá.

Sem parar de beijá-la, saiu da piscina, carregou-a em direção à prateleira das toalhas, pegando seu short de corrida antes de entrar na privacidade do vestiário.

Ela se afastou, piscando diante do sofá-cama na pequena sala parcamente iluminada.

Pareceu hesitar.

— Isso não é uma boa...

Lucas pôs um dedo sobre os lábios dela. Devin apertou as pernas ao seu redor, enviando-lhe nova onda de desejo.

Ele já sabia que aquilo não era uma boa idéia.

Era uma idéia muito tola e impulsiva.

Mas não se importava naquele momento.

Lucas capturou-lhe a boca num beijo, provou-lhe a doçura da boca, explorou-a, e gemeu quando as pequenas mãos lhe acariciaram do peito até a cintura, e abaixo.

Ele sentou-se no sofá-cama, abriu o fecho do sutiã e jogou a delicada peça de lado.

— Você é linda — murmurou, provocando-lhe os seios.

Devin inclinou a cabeça para trás, o movimento

unindo ainda mais os corpos de ambos. Ele girou a pélvis, saboreando a sensação. Então deslizou os dedos ao longo do interior da coxa dela, escorregando-os para baixo da calcinha, e fazendo-a gemer e se contorcer.

Lucas capturou-lhe o gemido num beijo voraz, enquanto removia a cueca, apalpando seu short de corrida para procurar um preservativo no bolso.

Encontrou-o, mas a calcinha de Devin estava no caminho.

Fechou a mão ao redor de uma tirinha de renda. Impaciente, rasgou o tecido.

Devin envolveu-lhe o pescoço com os braços, beijando-lhe o pescoço, a orelha, a testa, deslizando as mãos por seus cabelos.

Ele segurou-lhe os quadris com as mãos, penetrando-a devagar, centímetro por centímetro, sentindo o corpo quente recebê-lo. Inclinou a cabeça e beijou um dos mamilos, capturando-o na boca.

— Lucas — murmurou ela, e ele investiu mais fundo.

O pequeno corpo amoldou-se ao redor do seu, e instinto assumiu o controle enquanto ele se movimentava.

O ar quente de verão os cercava. Os aromas do jardim permeavam o ar. As luzes do jardim pareciam dançar através da janela, enquanto Devin o enlouquecia de prazer.

Ela o beijou.

Profundamente no começo.

Então com mais gentileza, com mais lentidão, como se estivesse saboreando as sensações.

Acompanhou seus movimentos, a respiração ofegante.

Segurou-lhe o rosto das mãos, e Lucas diminuiu o ritmo, enquanto eles se entreolhavam. Ninguém falou uma palavra, mas a comunicação era clara, sem fingimento entre eles.

Ele tentou conter a liberação. Queria parar o tempo. Ali e agora. Para sempre.

Mas instinto o dominou. Seu ritmo acelerou, e Devin fechou os olhos, enquanto ele a levava para um lugar cada vez mais alto, até os gritos dela penetraram a noite de verão, e Lucas a seguiu para a extremidade.

O coração dele batia descompassado, sua respiração era irregular, enquanto seu corpo tentava se recuperar do ato de amor cataclísmico.

Devin derreteu-se contra ele, o corpo escorregadio com um misto de suor e água da piscina. Lucas deitou-se no sofá-cama, aninhando-a contra si. Ela acariciou-lhe os cabelos, o peito nu.

— Você está bem? — perguntou Lucas suavemente.

Ela ficou silenciosa por um longo momento.

— Defina "bem".

— Eu machuquei você?

Ela riu.

— Não estou machucada. Surpresa, talvez.

— Está surpresa? — Ele afastou-se para ver os olhos dela. — Vai-me dizer que sou o único que venho fantasiando com isso durante a semana inteira?

Devin olhou para o lado e não respondeu.

— Admita — insistiu ele.

Desta vez, ela encostou a testa na dele.

— Há algo errado com a gente.

— Somos adultos saudáveis.

— Estamos complicando ainda mais uma situação difícil.

— Devin?

— Sim?

— Podemos fazer um intervalo, então recomeçar a briga amanhã. — Segurando-lhe a nuca, ele apoiou-lhe a cabeça contra seu ombro. Por um momento, apenas abraçou-a. Não estava pronto para libertá-la.

— Está declarando uma trégua? — perguntou ela.

— Uma trégua é melhor que um empate.

Devin relaxou contra ele.

— Somente até o café da manhã, certo?

Ele beijou-lhe o pescoço, então a puxou para beijá-la na boca, apaixonadamente.

— Até o café da manhã — concordou, sentindo excitação pulsar no seu corpo novamente.

Na sala do café da manhã, Devin manteve sua atenção em Amélia sentada no cadeirão, enquanto lhe dava colheradas de mingau, e diversas empregadas trabalhavam na cozinha anexa. Do outro lado da mesa, Lucas já tinha acabado uma omelete, e estava em sua segunda xícara de café.

— Chega querida? — perguntou Devin, quando Amélia fez uma careta para a colher com mingau.

Em resposta, Amélia estendeu o bracinho para sua mamadeira de suco de maçã sobre a mesa. Devin limpou a boca do bebê e deu-lhe a mamadeira.

— Este é o plano? — perguntou Lucas.

Devin olhou ao redor, e percebeu que não havia mais ninguém na cozinha.

— Que plano? — Ela não o olhou.

— Fingirmos que nada aconteceu?

— Eu gosto da idéia. — Devin limpou a bandeja do cadeirão com um pano úmido. — É um bom plano.

Na luz fria do dia, não podia acreditar que tinha feito sexo com Lucas, no vestiário da piscina, com total abandono. Tinha gritado pelo amor de Deus. Não era do tipo que gritava. O que Lucas devia ter pensado?

— Olhe para mim — disse Lucas.

Ela não olhou.

— Por quê?

— Você está envergonhada?

— Não exatamente. — Oh, sim, envergonhada seria uma boa palavra para seu sentimento.

— Porque não há nada...

— Lucas. — Ela largou o pano e o fitou. — Podemos não falar sobre isso?

— Eu só queria me certificar de que você estava bem.

— Estou ótima. Tenho muita coisa para fazer hoje.

As fraldas de Amélia estavam acabando, e ela

estava determinada á escrever um pouco durante a soneca do bebê. Lucas pigarreou.

— Ainda precisamos conversar sobre Steve. E sobre a babá.

— Eu tenho uma vida, sabia?

Ele ficou silencioso por um momento.

— Nunca falei que você não tinha.

— Não pode ser tudo sobre seus planos.

— Meus planos são cuidar de Amélia.

— Assim como os meus.

— Ótimo. Então concordamos.

Amélia derrubou a mamadeira no chão, e Devin abaixou-se para pegar.

Endireitou o corpo.

— Duvido que concordemos em alguma coisa.

Os olhos dele brilharam com determinação.

— Nós concordamos ontem à noite.

Devin pôs as mãos sobre a mesa.

— Você vai jogar na minha cara o que aconteceu ontem para sempre?

— Eu quis dizer que concordamos em encarar a verdade ontem à noite. E oito horas não é para sempre.

Cansada de ficar no cadeirão, Amélia começou a se contorcer. Devin soltou o bebê do cinto, e tirou Amélia do cadeirão. Lucas levantou-se.

— Você está perturbada.

— Não, não estou. — Mas Devin sabia que estava. A noite anterior tinha parecido uma boa idéia no momento. Mas, agora, percebia que, dormindo com Lucas, ela lhe dera a vantagem.

Porque, enquanto ele parecia à vontade com sexo casual, Devin descobria que tinha sentimentos confusos por Lucas. Por um lado, queria lutar contra ele. Lutar por Amélia.

Por outro, desejava continuar a trégua.

Talvez apenas quisesse dormir com ele novamente. Ou talvez precisasse convencer-se de que existia mais do que desejo de sua parte. Como podia apreciar tanto sexo com um homem que não respeitava ou admirava? Não fazia sentido.

Uma empregada entrou na cozinha e começou a guardar as coisas do café da manhã.

Lucas baixou o tom de voz.

— Precisamos estar juntos nisso, Devin.

Ela abraçou Amélia contra seu corpo.

— Precisamos esquecer que isso aconteceu.

— Não estou falando sobre sexo — sussurrou ele. — Precisamos nos unir contra Steve.

— Não agora. — Ela meneou a cabeça. Precisava de algum tempo sozinha, um tempo para organizar seus pensamentos.

— Quando, então?

— Eu não sei. — Ela pausou. — Amanhã.

— Devin. — A exasperação dele era clara.

— Não insista, Lucas. Preciso de um pouco de tempo.

CAPÍTULO SETE

Lucas entrou no escritório de Steve no quinto andar do prédio da Pacific Robotics.

Era quase meio-dia, e sol infiltrava-se pelas janelas que iam do chão ao teto da sala ultramoderna.

A mesa era de plástico branco com pontas arredondadas, lembrando a Lucas de um brinquedo infantil. As cadeiras, também de plástico, eram cobertas por almofadas de vinil.

E a prateleira branca atrás de Steve ostentava diversos objetos de vidro pelos quais ele provavelmente pagara uma fortuna.

O computador e o teclado também eram brancos. A única cor que havia na sala era uma pintura abstrata azul e prateada na parede.

— Lucas — cumprimentou Steve, recostando-se em sua cadeira.

Lucas fechou a porta e aproximou-se da mesa, cruzando os braços sobre o peito.

— O que pensa que está fazendo?

— No momento, estou compondo um memorando.

— Acha que pode intimidar Devin?

Steve sentou-se ereto.

— Não sei do que você está falando.

— Não acha que irei protegê-la?

Steve deu uma risada fria.

— Acho que você irá proteger seu próprio investimento.

— Não acredito que você quer atingir uma mulher indefesa.

— Diferentemente de você? — ironizou Steve.

— Eu nunca...

— Nunca o quê? Nunca brigou com Devin Hartley pelo controle de Amélia? Nunca conspirou com Konrad para manipular o testamento de vovô?

— Você sabe que isso é mentira.

— Não sei nada do tipo.

— É melhor você desistir, Steve. Não permitirei que chegue perto de Devin e Amélia.

Steve riu.

— O que deu em você? Está bancando o bom moço agora? Meses atrás, teria derrubado Devin sem pensar duas vezes.

Lucas enrijeceu, porque Steve estava certo. Se Lucas tivesse encontrado um jeito de ganhar a custódia de Amélia só para si, não teria mais pensado em Devin. Mas isso era passado. Agora era diferente. Tudo em que podia pensar era no bem-estar de Devin. E não iria deixar Steve machucá-la.

Steve obviamente sentiu sua vantagem, porque se levantou.

— Você quer Amélia porque ela lhe dá o controle da empresa. Então, não finja que isso tem algo a ver com Devin.

Lucas o encarou.

— Você a deserdaria? Deserdaria a única filha de Konrad por causa de seus próprios objetivos egoístas?

— Você não faria isso se Amélia fosse minha filha?

— Não — respondeu Lucas honestamente. Por mais que detestasse a idéia de Steve no controle da Pacific Robotics, respeitaria os desejos de seu avô.

— Você mente quase tão bem quanto eu.

— Eu não o deixarei fazer isso — avisou Lucas.

— Você não tem como me impedir — replicou Steve. Então, deu um sorriso irônico.

— O todo-poderoso Lucas Demarco, excluído de sua própria empresa. Espero que não goste muito do escritório luxuoso.

— Acha que é por *isso* que estou brigando? Por status! — Lucas lutava pela estabilidade da empresa, pela segurança dos empregados e pelo futuro da garotinha de seu irmão.

— Você é sério, complacente e sem imaginação. Se tivesse capacidade de considerar negociações evoluídas, nem estaríamos tendo essa conversa.

— Privar uma criança de sua herança, é crime.

— O que é crime, Lucas, é ter um bebê com o único propósito de benefício financeiro. Espera que algum juiz acredite que Konrad encontrou sua alma gêmea e apaixonou-se 48 horas depois que lemos o testamento do vovô? Ou que pessoas normais planejam um casamento de quinhentos convidados em menos de um mês? Ou que, nos dias de hoje, pessoas engravidam na noite de núpcias?

Lucas não queria apresentar os fatos para um juiz daquela maneira, mas, sim, acreditava que tudo aquilo tinha acontecido com Konrad e Monica. Havia visto o sofrimento de seu irmão após a partida de Monica. Vira Konrad tentar fazer de tudo para reconquistá-la.

Sabia, com certeza, que Konrad amara Monica e Amélia.

Steve voltou a se sentar.

— Monica o deixou, Lucas, sabendo que foi usada. A irmã dela sabe a verdade. Você é o único persistindo nesse conto de fadas.

— Não quero você perto da mansão — declarou Lucas. — Não quero você perto de Devin. E muito menos perto de Amélia.

— Eu não preciso me aproximar delas — retornou Steve. — Os fatos falarão por si. Eu vencerei Lucas, porque você nunca foi capaz de ver o potencial em nenhuma circunstância. Você não é Konrad. Segue a estrada segura, cumprindo regras, mantendo tudo dentro de padrões. — Ele sorriu sarcasticamente. — Sabia que vou ficar noivo? Uma mulher maravilhosa com quem eu saio há seis meses. Espere um convite de casamento. Estamos planejando uma grande família.

Lucas praguejou.

— Sim. — Steve sorriu. — É isso, não é?

— Não foi exatamente o pior erro do mundo — ofereceu Lexi de onde estava deitada de braços sobre um cobertor que elas haviam estendido no gramado da propriedade Demarco. Elas estavam perto de um jardim oriental, onde uma das empregadas, Teresa, ajudava Amélia a alimentar as carpas.

Amélia estava encantada com os peixes. Adorava

ficar de pé sobre a pequena ponte de pedra, segurando-se na grade de proteção e admirando o colorido abaixo. A jovem Teresa era muito paciente com ela, parecendo encantada em ajudar.

— Então, este é o segundo pior erro? — perguntou Devin. Ela estava sentada de pernas cruzadas sobre o cobertor azul, olhando além dos jardins para Puget Sound e para os navios que passavam.

— Você acha que isso fez parte do plano dele? — questionou Lexi.

— Era eu quem deveria ter usado sexo para descobrir os segredos dele.

— Você contou segredos a ele?

— Eu não tenho segredos.

— Ele tem?

— Não sei — replicou Devin. — Acho que tem. Ele sabe muito bem que Konrad usou Monica para fins financeiros. Tenho certeza de que Lucas fazia parte da trama.

Devin ainda não sabia o que fazer sobre o pedido de Lucas para adiar a audiência.

Aquela podia ser outra estratégia. Mas ela sabia que Steve não tinha boas intenções.

— Pensei que você fosse apenas se arrumar e lançar alguns olhares ardentes — Lexi a lembrou.

Devin corou.

— Eu estava de short de corrida. Certo, minhas roupas de baixo.

Lexi sentou-se, interessada.

— Você o seduziu em roupas de baixo? E não sabe como as coisas saíram de controle?

— Eu estava nadando em roupas de baixo. E estávamos discutindo. Por isso, não esperei...

— Espere, já voltamos para a parte do lingerie. O que não entendo é por que você disse "sim".

Devin gostaria que tivesse uma resposta para aquilo.

— Ele é ardente — admitiu. — E beija maravilhosamente bem.

Amélia deu um gritinho de deleite á distância enquanto Lexi sorria.

— Então, houve um lado positivo nisso?

Devin fez uma careta.

— Se você se refere a ótimo sexo, então, sim. Mas há um enorme lado negativo.

— Isso não muda nada — apontou Lexi.

— É embaraçoso. — Ela teria de passar o mês seguinte com Lucas, e ele a vira nua.

O pior é que queria fazer aquilo novamente. Nenhum bem poderia resultar de um caso com Lucas.

Ao lado do lago de carpas, Teresa segurou as mãos de Amélia enquanto o bebê andava na direção dela.

— E agora? — Lexi quis saber.

— Ainda preciso de um plano. E provar que Konrad e Lucas tramaram o romance com Monica para conseguir a herança.

— Como vai fazer isso?

— Esperar que ele saia da casa e procurar evidências. Falar com testemunhas.

— Posso ajudar? — ofereceu Lexi.

— Com certeza.

— Quando começamos?

Devin ajoelhou-se e se aproximou de Lexi, de modo que elas pudessem falar mais baixo.

— Hoje. Deixarei Teresa pôr Amélia no berço para a soneca. Lucas passará á tarde no escritório. E preciso que você distraia Byron.

Lexi franziu o cenho.

— Não gosto daquele homem.

— Não pedi que gostasse dele.

— Ele é presunçoso, com aquela fala arrastada. É tudo fingimento; ele é demoníaco.

— Mais uma razão para distraí-lo para mim. — Devin não diria que Byron era demoníaco, mas ele era definitivamente mais inteligente do que deixava transparecer. E parecia muito leal a Lucas.

Lexi suspirou.

— Onde ele está agora?

— Na piscina. Vista seu maio e suba naquele colchão de ar novamente. Ele pareceu gostar da vista.

— Você é minha cafetina?

— Faça isso por Amélia.

— Tudo bem. Pelo bem de nossa princesinha, deixarei o homem me olhar por um tempo. Espero que aquela fivela ostentosa do cinto dele não capte a luz do sol e me cegue para sempre.

— Dramática — brincou Devin.

— Ei, não é você que usará sexo para... Espere um minuto...

— Cale-se — disse Devin.

Lexi riu do ultraje de sua amiga. Então ficou séria.

— Tudo bem. Eu cuido do caubói. Você bisbilhota dentro da casa. Algum dia, isso será uma história engraçada para Amélia.

Com Amélia dormindo seguramente, Lexi distraíndo Byron na piscina e Lucas no escritório, Devin entrou no quarto silencioso de Konrad.

Era uma suíte opulenta na ala norte do segundo andar, do lado oposto ao quarto de Lucas. Uma sala de estar era formada por sofás de couro e poltronas que cercavam uma lareira de mármore e duas mesas antigas com topo de vidro. Três janelas tinham vista para o oceano, enquanto uma janela acima da cama king-size dava vista para a piscina.

Devin pegou-se olhando para quadros do oceano sobre paredes claras. As paisagens eram incrivelmente serenas. Não algo que ele teria esperado de Konrad.

Dizendo a si mesma que não tinha escolha senão bisbilhotar, começou com uma pequena mesa de canto, abrindo as três gavetas. Os conteúdos eram impessoais... Blocos de papel, canetas de ouro, agenda de telefone e calculadora.

A seguir, ela moveu-se para uma das cômodas e abriu a primeira gaveta. Roupas de baixo de Konrad. Embora Devin guardasse coisas preciosas em sua própria gaveta de roupa de baixo, não iria mexer lá. As outras gavetas revelaram camisetas, moletons e pijamas. Ela fechou-as e foi para o closet.

Foi um choque achar algumas das roupas de

Monica ainda penduradas e dobradas em prateleiras. O vestido de noiva de Monica estava pendurado num canto, coberto com plástico transparente.

Um nó de tristeza fechou a garganta de Devin. Ela estendeu o braço para tocar o vestido.

Tinha sido um casamento tão lindo, cheio de excitação e promessas. O evento mais elegante a que Devin já fora, e, na época, acreditava que Monica seria feliz para sempre.

Monica estivera radiante, e a própria Devin se sentira incrivelmente bonita naquela noite. Usara um, lindo vestido cor de violeta, flores nos cabelos e um delicado pendente de diamante que Monica lhe dera para a ocasião.

Mais tarde, quando Monica abandonara Konrad, elas tinham jogado fora o vestido de madrinha de Devin e as fotografias. Mas Devin não tivera coragem de se desfazer do pendente.

O véu de sua irmã estava ao lado do vestido branco. Os sapatos, numa prateleira abaixo. E, acima dos sapatos...

Devin abaixou-se, passando os dedos sobre a capa branca do álbum de fotos do casamento deles.

Fazia um ano que não via nenhuma daquelas fotos. Após breve hesitação, pegou o álbum da prateleira e sentou-se sobre o tapete fofo. Respirando fundo, abriu a capa.

Monica estava na primeira página, sozinha em seu vestido de noiva, contra a porta arcada da igreja de pedra. O vestido era magnífico. Eles tinham encomendado de um designer famoso da Itália.

Uma lágrima correu do olho de Devin quando ela virou a página. Lá estava Konrad, bonito em seu smoking. Ela lutou para sentir raiva dele, mas tudo que pôde se lembrar foi da risada de Monica ao comentar que ele possuía meia dúzia de smokings.

Que tipo de homem precisava de meia dúzia de smokings?

A próxima página mostrou Monica, Devin e as outras madrinhas... Duas colegas de faculdade de Monica. A seguir, deparou-se com uma foto do bolo de casamento. Um bolo maravilhoso de seis andares, feito com chocolate branco belga. A boca de Devin aguou somente de olhar para a foto.

Virou outra página e deparou-se com Lucas.

— O que você está fazendo aqui? — A voz dele demandou.

Devin quase derrubou o álbum em choque. Ergueu o rosto para vê-lo parado à porta, vestido num terno, em vez de num smoking, a expressão furiosa, em vez de sorrindo para a câmera.

— Não faça isso — exclamou ela. — Você quase me mata de susto.

— O que você está fazendo aqui? — repetiu ele, estreitando os olhos em desconfiança.

— Eu... — Culpada, ela engoliu em seco. Como poderia explicar o fato de estar sentada no chão do closet de Konrad? — Eu me perdi. — Devin falou a primeira mentira que lhe passou pela cabeça. Olhando para o álbum, acrescentou: — Por acaso, vi isso, e então, bem, comecei a olhar, e lembrar...

Lucas entrou no closet.

— Você se perdeu? — O tom era de puro ceticismo.

— Eu... Peguei a saída errada. No corredor. Esta é

uma casa muito grande.

Ela ordenou a si mesma que se calasse. O silêncio de Lucas era enervante.

Após um longo momento, ele abaixou-se ao seu lado. Inclinou a cabeça para ver a foto na página aberta.

— Você estava muito bonito no casamento — disse ela, apontando para a imagem.

— Está tentando me distrair?

— É claro que não — mentiu Devin.

Lucas estendeu o braço e pôs uma mecha de cabelos atrás da orelha dela.

— Então, está dizendo que me acha atraente?

— Sim.

Ele traçou-lhe a orelha com o polegar, então o queixo.

A pulsação de Devin acelerou com a intimidade do toque. Mas ela forçou-se a se manter imóvel, dividida entre medo e excitação, com apenas uma pequena parte sã de seu cérebro relembrando-a que tinha de deter aquilo.

Segurou-lhe o pulso, tentando afastar a mão de Lucas.

Fracassou.

Ele deu um sorriso preguiçoso, o polegar passeando pela curva de seu pescoço.

— O quanto está disposta a continuar me distraindo?

O coração de Devin disparou loucamente.

— Por que... Por que eu precisaria distraí-lo?

Ele inclinou-se para mais perto.

— Porque você estava aprontando.

— Eu lhe disse, eu me perdi. — Mas a mentira soou ainda pior dessa vez.

— E veio parar acidentalmente no closet de Konrad?

— Isso mesmo. — Aquilo poderia acontecer.

— Sua sorte é que eu perdôo facilmente.

— Ahaha — zombou ela.

Lucas sentou-se no tapete ao seu lado e tirou-lhe o álbum das mãos.

— Eu já perdoei você.

— Eu não fiz nada.

— Então, por que seu pescoço está vermelho?

Devin automaticamente ergueu uma mão e cobriu o pescoço, e Lucas sorriu da ação reveladora. Então, ele meneou a cabeça.

— Só espero nunca precisar que você minta para mim.

— Isso parece improvável.

Em vez de insistir no assunto, ele virou uma página do álbum.

— Você estava muito linda.

Devin voltou sua atenção para uma foto sua com Monica.

— Jogamos fora nossas fotos — admitiu-a.

— Sério?

Ela assentiu.

— Nós nos livramos de meu vestido de madrinha, também.

— Monica devia estar furiosa. — Ele virou para uma página que exibia os noivos cortando o bolo. Os sorrisos deles pareciam sinceros.

— Você pode culpá-la? — perguntou Devin.

— Ela cometeu um terrível erro.

— Casando-se com Konrad.

Lucas golpeou-a com seu ombro.

— Sim, foi isso que eu quis dizer.

Devin deu de ombros.

— Talvez você tenha decidido finalmente ser honesto.

Ele meneou a cabeça, então fechou o álbum e guardou-o de volta na prateleira.

Então, para surpresa de Devin, deslizou uma das mãos para sua nuca. O olhar de Lucas era intenso, e a voz rouca a fez tremer por dentro.

— Você deve ser a mulher mais exasperadora do planeta.

Ela lutou para recuperar o equilíbrio.

— O quê? As mulheres que você conhece geralmente não retrucam?

Sorrindo, Lucas inclinou-se contra ela.

— Nesse estágio, elas normalmente param de falar.

— É como você gosta?

— Facilita o beijo.

— Não ouse.

Lucas sorriu.

— Por que não?

— Porque você prometeu.

— Eu não prometi nada.

— Tenha mais respeito — ela gesticulou ao redor deles — pelo lugar em que estamos.

— Estamos no closet de meu irmão.

— Exatamente.

— Você nunca fez amor num closet? — Ele estava se aproximando.

É claro que ela nunca fizera. Devin abriu as mãos sobre o peito para detê-lo.

— Você já?

— Não que eu lembre.

— Está brincando, certo?

— É um closet muito aconchegante — apontou Lucas, ignorando a pergunta dela, e fingindo testar a maciez do tapete.

— Acabou a trégua — ela o lembrou, olhando para a porta do closet. Poderia escapar. E essa seria a coisa certa a fazer.

— Estou disposto a renegociar — murmurou ele.

— Lucas, é sério.

— O que a faz pensar que estou brincando?

— Eu estou dizendo "não".

Ele enrijeceu o maxilar. Mas liberou-a. E levantou-se, estendendo uma mão.

— Então vamos.

Ela estava aliviada que ele se afastara. Realmente estava.

Pôs a mão sobre a dele e deixou-o ajudá-la a se levantar. Ainda segurando sua mão, Lucas saiu do closet, então do quarto de Konrad,

conduzindo-a para o corredor.

— Apenas para sua informação — ele a avisou, fechando a porta, — este quarto terá uma fechadura de agora em diante.

CAPÍTULO OITO

Devin não sabia arrombar fechaduras, então o quarto de Konrad estava fora de questão. Mas devia haver duas pessoas envolvidas naquela conspiração. E, se Lucas sentia que era necessário trancar o quarto de Konrad, era porque havia lá alguma coisa para Devin encontrar. E, se havia algo no quarto de Konrad, provavelmente seria possível achar alguma coisa no quarto de Lucas no dia seguinte. Portanto, no dia seguinte, ela colocou outro plano em ação.

Faltava somente duas semanas para a audiência, e ela não encontrara nada no resto da casa. Os empregados eram leais a Konrad ou o amavam. Ninguém tinha uma palavra negativa a dizer, e todos pareciam pensar que Monica fora feliz na época.

Devin esperou até Lucas sair da mansão e Lexi, sua cúmplice no crime, distrair Byron na piscina novamente.

Teresa havia oferecido levar Amélia para um passeio de carrinho até a área do estábulo, onde elas poderiam observar os cavalos.

O corredor do lado de fora do quarto de Lucas estava silencioso.

Prendendo a respiração, Devin girou a maçaneta e abriu a porta. Tentando reprimir o sentimento de culpa, forçou-se a entrar.

Fechou a porta em seguida, então se encostou contra a madeira sólida enquanto olhava ao redor.

O quarto era retangular, com teto alto e diversas janelas que deixavam o ambiente claro e arejado. Portas de vidros levavam a um terraço. Um sofá bege estava posicionado no centro da saleta de estar. O piso era de madeira polida, e cortinas brancas brilhavam com detalhes dourados.

Devin ficou surpresa ao ver as paredes alinhadas com retratos da família. Olhou para a fotografia de um casal que obviamente eram os pais de Lucas e Konrad. Havia fotos de Lucas e Konrad quando meninos, e uma de um homem mais velho que ela suspeitava ser o avô que deixara as ações de sua companhia para Amélia.

Havia uma foto de Konrad e Monica que Devin nunca tinha visto. Monica estava sentada numa cadeira, usando um vestido cor-de-rosa elegante. Konrad estava atrás, uma mão sobre o ombro dela. Usava smoking, com um lenço no bolso que combinava com o vestido dela. Era necessária muita confiança para um homem usar seda cor-de-rosa.

Devin tocou a foto com a ponta dos dedos. Eles realmente pareciam felizes ali. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que Konrad poderia ter enganado Lucas, juntamente com todos os outros.

Mas, então, lembrou-se da conversa que sua irmã

ouvira. Lucas comentara que o plano de Konrad de engravidar Monica era brilhante, rindo de como eles frustrariam Steve.

O olhar de Devin foi para uma foto de Konrad e Amélia. Ele estava vestido em roupas esportes, e obviamente inconsciente da câmera. Amélia dormia nos braços do pai, a mãozinha segurando o indicador dele. A expressão reverente no rosto de Konrad disse a Devin que ele amava Amélia. Muito.

Ela reprimiu a inesperada onda de emoção. O fato de Konrad amar a filha não mudava as circunstâncias atuais.

No canto ao lado das fotos, Devin viu um computador sobre uma pequena mesa, e imediatamente percebeu o potencial. Os irmãos poderiam ter se comunicado por e-mail. E talvez ali, em seu quarto, Lucas não tivesse protegido o computador com uma senha.

Ela sentou-se à mesa e, percebendo que o computador estava ligado, selecionou o programa de e-mail e a conta de Lucas.

Com o coração disparado de excitação, logo encontrou uma pasta chamada "Konrad". Clicou nela e descobriu centenas de mensagens. Era uma mina de ouro.

Tudo que tinha de fazer era encontrar o período certo, quando Konrad conheceria Monica. Uma vez lá, achou uma mensagem titulada: "encontro". Abriu-a.

Lembra-se daquela garota? Dizia o texto. Eu chegarei atrasado esta noite. Você vai adorá-la.

Devin recostou-se. A garota era provavelmente Monica. E Lucas iria adorá-la porque ela era perfeita para o plano.

Ela abriu a resposta de Lucas.

Vá em frente. Lembre-se, estou contando com você.

Lucas estava contando com Konrad para convencer Monica a se casar com ele e ter seu bebê.

Devin abriu a próxima mensagem.

Comece sem mim, Konrad escrevera. Eu vou ficar até que ela me dispense.

Começar sem ele? O que aquilo significava?

Ela abriu a mensagem final da série titulada "encontro".

A Legião ligou sobre a propriedade, era a resposta de Lucas. Eles estão animados para ajudar com a bolsa de estudos. Nossa, eu já sinto falta dele.

Devin piscou. Bolsa de estudos? Legião? Lucas devia estar falando sobre a propriedade do avô. Eles obviamente...

Uma onda de culpa a assolou, fazendo-a afastar-se do computador.

Estava sentada ali, lendo os e-mails privados de Lucas. Independentemente da justificativa, seu comportamento era abominável. Não podia fazer isso. Não podia usar aquela informação.

Ouviu a voz de Lucas falando com alguém no corredor.

Pânico a envolveu. Seria pega. Novamente. Por Lucas.

Olhou ao redor do grande quarto, procurando um lugar para se esconder.

— Encontro você do lado de fora em dez minutos — veio a voz de Lucas, mais perto agora.

Devin estava suando frio. Em segundos, ele entraria ali e a descobriria. Ela não teria explicação, nenhuma defesa.

A grande cama de quatro colunas bloqueava seu

caminho para o closet, para o banheiro e até para o sofá, atrás do qual poderia se esconder.

Numa decisão repentina, Devin subiu na cama, recostou-se sobre os travesseiros e cruzou as pernas à sua frente.

Lucas abriu a porta e congelou.

— Olá. — Ela bateu os cílios no que esperava ser uma expressão sedutora.

— O que...

— Eu ouvi você entrar.

— Devin? — Ele olhou curiosamente ao redor do quarto.

— Amélia está com Teresa — continuou ela. — E eu pensei... — Deu um; tapinha sugestiva ao lado da cama, rezando para que não parecesse uma completa idiota.

Nunca fizera nada remotamente parecido com aquilo na vida e sentia-se mortificada.

Umedeceu os lábios.

Lucas fechou a porta, dando alguns passos à frente.

— Eu não entendo.

— Senti sua falta — mentiu ela.

— Eu só saí por uma hora.

— Quero dizer, senti falta... — Devin deslizou uma perna, visível abaixo do short, sobre a outra.

— Você está bem?

Ela começou a se sentir insultada.

— Não estou fazendo isso certo?

— Depende do que está fazendo.

— Não tem idéia?

Lucas aproximou-se mais, estudando-a.

— Deixe-me ver. Você está no meu quarto, deitada na minha cama, dizendo-me que o bebê está ocupado. — Ele parou à beira da cama. — Devin, está tentando me seduzir?

— Obviamente não estou fazendo isso direito.

— Você está fazendo tudo muito bem. Estou apenas surpreso.

— Ótimo — mentiu ela, forçando-se a relaxar e dar-lhe outro sorriso brilhante.

Ele se ajoelhou na beira da cama.

— Essa foi uma decisão espontânea?

— Sim.

Lucas estendeu o braço e tocou-lhe os cabelos.

— Você me ouviu chegando, em casa e pensou que eu gostaria...

O toque dele enviou uma onda de desejo pelo corpo de Devin. Ela sentou-se ereta.

— Se você estiver muito ocupado...

— Eu não estou ocupado. — Ele removeu o paletó.

Devin engoliu em seco.

— Quero dizer, esse provavelmente, não é o melhor...

— Mudou de idéia? — Ele afrouxou a gravata.

— Não. Eu... Quero isso. — E agora?

— Eu também quero. — Lucas jogou a gravata de lado e deitou-se na cama ao seu lado.

— Lucas...

Ele envolveu-a nos braços, fitando-lhe os olhos com intensidade.

— Essa é uma boa surpresa — murmurou ele, antes de beijá-la e enviar uma carga de excitação pelo corpo dela.

Lucas circulou-lhe as costas, puxando-a para um contato mais íntimo. Devin automaticamente abriu os lábios, o beijo parecendo dolorosamente familiar. No fundo de sua mente, sabia que deveria pôr um fim naquilo. Mas a razão logo desapareceu, e ela envolveu-lhe o pescoço com os braços, rendendo-se à paixão.

Ele deslizou uma mão pela lateral de seu corpo, cercado-lhe o seio. Com os mamilos enrijecendo, ela arqueou-se contra ele.

Lucas removeu-lhe a camiseta e desfrutou da visão do sutiã branco enquanto levava as mãos para os botões de sua camisa.

Após um momento, perdeu a paciência e puxou as laterais, rasgando a própria camisa. O sutiã foi o próximo, então eles estavam pele com pele, beijando-se e atingindo um novo nível de desejo.

Devin descobriu suas mãos no cinto masculino, liberando a fivela, abrindo o botão, descendo o zíper, mesmo enquanto Lucas a enlouquecia com beijos molhados em seus seios. Ele removeu-lhe o short em segundos, depois se livrou do resto das roupas.

O mundo do lado de fora do quarto parou de existir. Devin ansiava para uma proximidade ainda maior, para se envolver naquele corpo magnífico e viajar para o paraíso novamente.

— Você é incrível — sussurrou Lucas, segurando-lhe o rosto e beijando-a com ardor.

Correspondendo ao beijo, ela envolveu as pernas ao redor dos quadris dele, gemendo o nome de Lucas quando ele a penetrou; e eles se tornaram um. Um zumbido começou nos seus ouvidos, bloqueando tudo, exceto a voz de Lucas.

Ele lhe disse que ela era linda, que era incrível, que nunca tinha se sentido assim antes, e que nunca queria deixá-la ir.

O ritmo das investidas acelerou, e Devin arqueou o corpo em deleite. Mãos fortes encontraram seus seios, e as sensações quase a cegaram.

Ela sentiu os músculos poderosos de Lucas enrijecer e abraçou-o apertado enquanto onda após onda de liberação abalava seu corpo.

Somente depois de longos minutos, sua respiração voltou ao normal.

Lucas ainda cobria seu corpo, uma mão acariciando-lhe o rosto, enquanto ele beijava-lhe a testa, o rosto, as pálpebras.

— Estou atrasado — disse ele, o tom de voz lastimoso.

— Eu sei.

Ela deixara aquilo acontecer. Levava seu blefe à sua conclusão final. Não tinha certeza de como se sentia sobre isso. Seu cérebro e emoções estavam confusos.

— Tenho tempo para um banho — disse ele, e então a estava levantando da cama, colocando-a no chão e guiando-a para um enorme banheiro de mármore.

A ducha era maravilhosa, assim como as mãos de Lucas.

Sentindo-se aquecida e confortável num roupão branco felpudo, foi só após Lucas a deixar em seu próprio quarto para se vestir que ela percebeu que eles não tinham usado contraceptivo.

Devin fez um rápido cálculo mental, e concluiu

que o risco era mínimo.

Com um suspiro de alívio, deitou-se na cama e passou os braços ao redor de seu corpo. O que estava acontecendo com ela?

Lucas acordou em sua cama na manhã seguinte, pensando em Devin. Seu jantar de negócios tinha ido até tarde. Considerou bater à porta do quarto dela quando chegara, em casa, e tomá-la nos braços. Mas não sabia se seria bem-vindo. Não sabia o que fazer com o acontecimento do dia anterior.

Quando a pegara bisbilhotando no quarto de Konrad, tivera a impressão de que o relacionamento sexual deles não se repetiria. Não estava feliz sobre isso. Quem ficaria feliz em descobrir uma mulher tão ardente que escapasse logo em seguida?

Mas tinha aceitado a decisão dela. Considerando as circunstâncias, não era justo pressioná-la. Esperava que Devin tivesse concordado em adiar a audiência. Mas ela chegaria um dia, e eles estariam de lados opostos, complicando tudo se fossem amantes.

Amantes.

Lucas afastou a colcha.

Era isso que eram agora? Devin devia pretender que eles fizessem amor novamente ou não teria ido esperá-lo em seu quarto.

Em sua cama.

Ele sorriu com a lembrança. E, agora, o próximo movimento seria seu? Talvez Devin esperasse que ele aparecesse no quarto dela naquela noite.

Lucas olhou para o relógio, decidindo que tomaria um banho e procuraria Devin, a fim de tentar entender o que estava acontecendo entre os dois.

Depois do banho, vestiu-se de terno e camisa branca, uma vez que era dia de trabalho. Então passou pelo computador, que ficava sempre ligado, para acionar sua agenda. Talvez pudesse passar a manhã na mansão com Devin. Ele sorriu. Talvez tivesse se precipitado ao vestir o terno.

Ele mexeu no mouse e seu programa de e-mails entrou na tela. Lucas ia fechá-lo quando notou o nome de Konrad na lista dos e-mails vistos recentemente.

O que era aquilo? Quem...

Mas então viu as datas e reconheceu o texto. Percebeu que mais três e-mails de Konrad tinham sido abertos recentemente.

A realidade o atingiu como um golpe.

Devin não fora lá para seduzi-lo no dia anterior. Ela havia sido pega de surpresa, então dormido com ele para cobrir sua travessura!

E tinha a ousadia de questionar as éticas dele!

Tomado por puro desapontamento, Lucas levantou-se e andou deliberadamente para a porta.

O quarto de Devin estava vazio, assim como o do bebê. Não havia uma alma viva no foyer ou no salão. Ele viu Teresa no fim do corredor, mas ela estava sozinha, informando Lucas que Amélia estava com Devin.

Na cozinha, Lucas ouviu vozes vindas da sala do café da manhã, que dava vista para a piscina. A risada de Lexi. Ótimo. Devin não podia estar longe.

Mas então a voz de Byron respondeu:

— Não teria sido tão ruim. Mas o nome do touro

era Clementine.

Lucas aproximou-se.

— Você está inventando isso — acusou Lexi, rindo.

— Juro que é verdade — disse Byron quando a entrada de Lucas chamou sua atenção. — Olhe, Lucas pode confirmar... — A expressão de Lucas o fez parar. — O que aconteceu?

— Onde está Devin?

— Aconteceu alguma coisa? — Byron se levantou.

— Ela saiu com Amélia — respondeu Lexi, estudando-o cautelosamente.

— Lucas? — insistiu Byron.

— Preciso falar com ela — disse Lucas, controlando sua raiva crescente.

Que tipo de mulher invadia a conta de e-mails de um homem? Que tipo de mulher dormia com um homem para cobrir seus vestígios? Ela era uma atriz incrível. Ele podia ter jurado...

— Sr. Demarco? — Teresa entrou ofegante no cômodo. — Alguma coisa está muito errada lá fora.

— Com Devin? — Lucas perguntou automaticamente, medo afastando sua raiva.

— Lá fora? — questionou Byron.

— Na frente da casa. No portão. Há uma multidão de pessoas...

— Onde está Devin? — Lucas já estava se dirigindo para o foyer.

— Eu não a vi. Não lá na frente. Eles têm câmeras e microfones.

Repórteres? O que levaria repórteres à propriedade? Lucas pegou o telefone, discando o número de Theodore Vick, falando com Teresa enquanto a linha chamava.

— Quando foi a última vez que você viu Devin? — Ele atravessou o foyer e abriu a porta.

— Elas foram ao parque, talvez uma hora atrás.

— Que parque? — Os repórteres tinham algo a ver com Devin? Ela estava aprontando alguma coisa mais sinistra do que bisbilhotar sua correspondência privada?

A voz da jovem Teresa tremeu:

— Ao lado da marina. Ela levou Amélia no carrinho.

— Alguns deles são de grandes emissoras. Repórteres da SNN — disse Byron, acompanhando Lucas.

— O que significa isso?

— Eu posso ir lá sozinho — ofereceu Byron.

— Não, obrigado. — Desistindo de Theodore, Lucas decidiu enfrentar a mídia.

Se aquela fosse alguma armação de Devin...

Se ela tivesse decidido que a imprensa ajudaria seu caso...

— É Lucas Demarco — gritou um dos repórteres quando ele aproximou-se. Diversas pessoas começaram a tirar fotos através das barras do portão.

Lucas estudou a multidão, reconhecendo algumas novas organizações legítimas entre repórteres de jornais e paparazzi. Uma mulher enfiou um microfone entre as barras.

— O que tem a dizer sobre as acusações de fraude, feitas por...

— Ela está com o bebê — outra pessoa gritou, e a atenção foi transferida de Lucas para a calçada do outro lado da rua.

Uma olhada para a expressão estupefata de Devin informou a Lucas que ela não tinha nada a ver com a chamada da imprensa. De modo que só restava um suspeito. Steve.

Todos se apressaram em direção a ela e Amélia, que estava sentada em seu carrinho de passeio.

Lucas praguejou, digitou a senha para abrir o portão, e saiu do lado de fora, Byron ao seu lado.

— Srta. Hartley — disse a mulher com o microfone, — como você responde à acusação de que sua irmã foi cúmplice numa tentativa de roubar cinquenta milhões de dólares da família Foster?

Enquanto Devin piscava diante dos flashes, Lucas e Byron atravessavam a multidão.

Lucas agarrou um homem que estava inclinando-se para fotografar Amélia, segurando-o pelo colarinho e afastando-o para o lado. Então rapidamente tirou Amélia do carrinho e abraçou-a junto ao seu peito, obscurecendo-lhe o rosto com a lapela de seu paletó. Depois, pegou a mão de Devin.

— Deixe o carrinho — ordenou ele, aninhando-a ao seu lado e atravessando a multidão novamente.

Os repórteres os perseguiram.

— Haverá um processo? — gritou um deles.

— Prisões acontecerão?

— Um exame de DNA foi feito?

Lucas estava mais que furioso com seu primo.

Empurrou Devin com firmeza para dentro do portão, onde Lexi e alguns empregados haviam se reunido. Então passou pela abertura, seguido por Byron com o carrinho, que se virou para bloquear o caminho de qualquer repórter tolo o bastante para invadir uma propriedade particular.

— O que está acontecendo? — perguntou Devin enquanto Lucas a conduzia em direção ao santuário da mansão.

— Foi Steve. — Ele ainda estava zangado com Devin, mas aquela conversa teria de ser adiada.

Amélia afastou o rosto para olhá-lo. Ele preparou-se para um acesso de choro, mas não queria soltá-la ainda.

— Mas por quê? O que ele ganha com isso?

Por alguma razão, Amélia não chorou. Olhou-o com curiosidade enquanto ele a carregava em direção à escadaria. Lucas olhou para Byron, pedindo que ele respondesse.

— Talvez publicidade.

— Não será um tribunal decidido por um júri — apontou Lucas. Um juiz da vara familiar decidiria, numa pequena audiência, quem ficaria com a guarda de Amélia. A opinião pública não era um fator de peso.

— Talvez o alvo de Steve seja o quadro de diretores da Pacific Robotics — sugeriu Byron. — Talvez ele queira algum tipo de escândalo contra você.

— Steve acha que pode me demitir como presidente?

— Eu não entendo — murmurou Devin. — O que está acontecendo? — Então olhou de Lucas para Amélia. — Quer que eu a segure?

— Ela está bem. — Quando os repórteres tinham

se aproximado de Amélia, seu instinto protetor aflorara.

Eles chegaram à porta e adentraram o foyer, e Lucas suspirou aliviado. Esperou até que os empregados voltassem aos seus afazeres e que apenas Devin, Byron e Lexi permanecessem.

— Então, o que acontece agora? — perguntou Lexi.

Lucas olhou para Byron.

— Eu não vejo como confrontá-lo. — Ele já tentara razão e intimidação. — E acusá-lo não irá nos ajudar — acrescentou Lucas.

— Não creio que a atenção da imprensa possa interferir na decisão legal — disse Byron. — A juíza vai seguir a legislação e os precedentes.

— Então, o grande plano de Steve é nos irritar? — perguntou Lucas.

Seattle era uma cidade pequena, e Pacific Robotics, uma empresa importante. Lucas tinha sido o centro das atrações muitas vezes antes, e sabia que os paparazzi continuariam perseguindo-os por muitos dias ainda. Não havia onde se esconder.

— Parece que esse é o caso — concordou Byron.

— Aquela repórter — começou Devin — perguntou se haveria prisões. Quem seria preso, e por quê?

Lucas evitou fazer contato ocular com ela.

— A repórter estava jogando verde, buscando detalhes para a história que Steve lhes contou.

— Eu não quero Amélia na primeira página — disse ela, observando sua sobrinha aninhada contra o peito de Lucas.

— Nem eu. — O tom dele foi enfático, e Devin franziu o cenho.

— Mas eles não podem entrar na propriedade? — questionou Lexi.

— Lucas? — Era Theodore Vick, entrando no hall. — Desculpe, eu estava fora da cidade. Tenho dois homens no portão da frente agora.

— Está tudo sob controle — replicou Lucas. — Pelo menos por enquanto. — Então respondeu a questão de Lexi: — Eles teriam dificuldade de entrar na propriedade. Mas não é uma fortaleza.

— Eu trarei mais homens — ofereceu Theodore. — E Chad irá colocar guardas ao redor do cais.

Devin estendeu o braço para pegar Amélia, mas parou, afastando-se em óbvia surpresa.

— Ela dormiu.

Lucas abaixou a cabeça para ver os olhos de Amélia fechados. As faces estavam rosadas e a respiração era tranqüila. Lexi palpitou:

— Parece que tio Lucas não a assusta mais.

Lucas sabia que precisava se concentrar na segurança. Eles precisavam de um plano para proteger Amélia e derrubar Steve. Mas, por um segundo, deixou a emoção nova inundar seu peito. Amélia confiava nele.

Jurou silenciosamente que não a decepcionaria.

— Pode aumentar a vigilância por vídeo? — perguntou para Theodore.

— É claro.

— E quanto a câmeras de longo alcance?

— Não posso lhe dar garantias — disse Theodore. — Posso pôr alguns homens extras, mas é uma área muito grande para cobrir. E você está aberto para a baía. É melhor permanecerem dentro de casa o maior tempo possível.

Devin estreitou os olhos em preocupação.

— Por quanto tempo?

— Algumas semanas — admitiu Lucas. — Eles irão embora uma vez que tivermos uma decisão sobre o desafio de Steve em relação à herança de Amélia. Enquanto isso, Byron tentará conseguir mais informações.

— E você vai se esconder dentro de casa? — Devin perguntou para Lucas.

Ele meneou a cabeça.

— Não me importo se eles tirarem fotos minha.

— Devin deveria se importar? — questionou Lexi.

Foi Byron quem respondeu:

— Ela quer uma vida privada depois que isso acabar?

Devin suspirou.

— Então, sou uma prisioneira?

— A menos que você queria sair de Seattle — sugeriu Theodore. — É uma história local. Duvido que eles a sigam para fora do estado.

Devin cruzou os braços.

— Infelizmente, fui sentenciada a permanecer nesta casa.

— Você quer partir? — perguntou Lucas, pensando que talvez fosse uma boa idéia tirar Devin e Amélia da cidade, e de perto de Steve.

— É claro que sim. Quero ir para casa.

Theodore meneou a cabeça.

— Sua casa está fora de cogitação. Haverá repórteres lá também.

A notícia surpreendeu Lexi.

— Eu serei atacada pela mídia quando chegar, em casa?

— Você deve ficar aqui — declarou Devin.

— Vocês podem ir todos para o Texas — ofereceu Byron.

Houve murmúrios de protesto antes que Theodore falasse:

— Não é uma má idéia.

Lucas encontrou os olhos de seu chefe de segurança, mentalmente pesando os prós e os contras. Amélia e Devin ficariam longe do alcance de Steve e dos repórteres. E Byron tinha empregados suficientes na fazenda para dissuadir quaisquer tentativas de invasão.

E aquilo pegaria Steve de surpresa, que era exatamente do que Lucas precisava agora. Vinha reagindo às manobras de Steve por dias. Era hora de fazer sua própria manobra.

— Tudo bem — disse ele. — Nós iremos para o Texas.

Devin estava atônita.

— Mas...

— Eu também irei — insistiu Lexi.

— Isso não é um pouco drástico demais? — questionou Devin. — Primeiro, eu saio da minha casa para vir aqui, e agora você quer eu vá parar no Texas?

Lucas entendia a razão da relutância de Devin. Se

ela estivesse no Texas, não poderia bisbilhotar. Não poderia continuar vasculhando sua correspondência particular.

Uma pena, querida.

Eles realmente iriam para o Texas.

CAPÍTULO NOVE

Devin nunca pensara na praticidade de possuir um avião particular. Mas, quando eles decidiram ir para o Texas, tudo que Lucas tivera de fazer tinha sido contatar seu piloto e avisá-lo de que eles iam para Dallas.

Eles haviam pegado um helicóptero da propriedade para o aeroporto, deixando os repórteres ao portão da frente sem saber quem tinha saído e quem continuava dentro da mansão. O que era bom.

Do lado negativo, Lucas permanecera distante durante a viagem e durante a noite, após a chegada deles. Depois que tinham feito amor pela segunda vez, e pareciam ter estabelecido uma trégua temporária, Devin não esperava que ele a evitasse tanto.

E, considerando o tamanho da fazenda de Byron, Lucas não teve dificuldade de manter distância. Localizada numa vertente próxima ao pitoresco Lake Hope, o complexo consistia de uma casa da sede grande, com quase uma dúzia de outras casas de frente para o lago. Duas fileiras de chalés menores ficavam mais adiante, e hospedavam os empregados da fazenda.

Teresa tinha ido para ajudar com Amélia enquanto Devin presumia que Lexi fora somente para evitar os repórteres. As três mulheres e Amélia receberam quartos no segundo andar da casa da sede, enquanto Lucas ocupara o que se referia como sua casa usual na porta ao lado. Byron estava na suíte máster, que ficava no piso da sala de estar.

Estilo fazenda, os pisos eram de madeira, e os móveis, de couro. As pinturas da casa tinham o velho tema... Cavalos. Byron participara de rodeios em sua juventude, e mostrava grande admiração pelos animais.

Naquela manhã, Lexi declarara o desejo de aprender a montar, e os dois haviam ido para o estábulo. Teresa levava Amélia para o lago dos patos, e Lucas fora para sua casa dar alguns telefonemas.

Devin estava sozinha com sua raiva e frustração. Agora que estavam fora de perigo, sentia-se furiosa com Steve. Ele a jogara para os lobos, deixando-a indefesa contra o ataque da imprensa. O rosto de Amélia certamente estava nos jornais, enquanto as reputações de Devin e Lucas eram arrastadas pela lama.

Devin sabia que deveria estar trabalhando no seu livro. Tinha levado seu notebook, colocando-o num canto confortável da sala. Mas havia tanta coisa em sua cabeça que ela não conseguia se concentrar para escrever.

Queria xingar Steve. E queria questionar Lucas sobre por que ele fazia amor com ela num dia, e no seguinte fingia que ela não existia.

Depois de uma hora de frustração, afastou o notebook de lado e levantou-se. Não ia continuar parada ali, sem fazer nada.

Calçou sandálias e endireitou a minissaia jeans que combinara com uma blusa cor de violeta para o dia quente de verão. Então foi para a porta da frente, atravessou a longa varanda e seguiu o caminho que levava à casa de Lucas.

Ela bateu vigorosamente, mas não houve resposta.

Decidiu circular a casa para procurá-lo. Pegou um caminho de pedras que se curvava e dava num gramado. Uma vez que rodeou a construção, foi recompensada. Ouviu a voz de Lucas e seguiu-a sobre uma pequena colina, onde o avistou no lago de patos.

Em jeans e camiseta cinza, Lucas estava sentado no chão os joelhos dobrados e Amélia estava segurando em seus ombros enquanto um pato andava na direção deles.

Teresa não estava em lugar nenhum à vista.

Lucas jogou farelos, e o pato aproximou-se.

Amélia gritou em deleite, fazendo o pato fugir de medo.

Ela engatinhou atrás dele, e Devin diminuiu os passos, absorvendo a incrível visão.

Lucas estava brincando com Amélia. Eles estavam sozinhos. E ambos pareciam felizes.

Devin sentiu um aperto no coração. Mas não sabia se era de alegria ou de desespero.

Lucas seria a figura paterna mais próxima para Amélia. Ela deveria estar feliz de vê-los juntos. Todavia, amava tanto a garotinha que não queria perder nada sobre Amélia para Lucas.

Enquanto Devin observava, Amélia conseguiu ficar de pé, balançando um pedaço de pão para o pato. Fez um movimento de arremesso, então se virou e sorriu para Lucas, obviamente procurando a aprovação dele.

— Menina inteligente — murmurou Lucas com uma risada profunda.

Amélia deu um passo em direção a ele, então outro, e outro. Andou até que fosse envolvida nos braços de Lucas, rindo com orgulho pela realização dela.

Devin engoliu um nó na garganta.

Os primeiros passos de Amélia.

E eram para Lucas, não para ela.

Naquele instante, ele a avistou, e tornou-se sério ao encontrar seus olhos.

Amélia desvencilhou-se dos braços dele, e Devin pôs um sorriso no rosto, aproximando-se.

— Ela parece gostar dos patos — disse Devin, para quebrar o silêncio.

Amélia engatinhou e agarrou-se à perna da tia. Devin sentou-se, de modo que pudesse acomodar o bebê no colo. O contato físico a fez se sentir melhor.

— Onde está Teresa?

— Cavalgando.

— Com Lexi e Byron?

Lucas olhou a distância, então respondeu em tom sarcástico:

— Acho que não.

Devin não sabia como responder. O silêncio estendeu-se. Lucas finalmente falou:

— Byron e Lexi estão num encontro romântico, e Teresa está dando uma olhada nos caubóis.

— Byron está atraído por Lexi? — Devin tinha de admitir que Lexi parecesse menos frustrada com Byron nos últimos dias, mas um encontro romântico?!

— Lexi é uma linda mulher — comentou Lucas, e havia um tom de censura na voz dele.

— Eu sei disso. — Ela olhou para os patos no lago e decidiu que era melhor mudar de assunto. — Vim perguntar o que posso fazer para ajudar, além de me esconder aqui?

Ele a encarou, raiva emanando dos olhos escuros.

— Você pode começar por não ler meus e-mails particulares.

Um calafrio percorreu a coluna de Devin.

Ele sabia.

Como ela poderia explicar?

— Eu não...

— Não o quê? — o interrompeu. — Não entrou na minha conta de e-mails ou não fez sexo comigo para esconder o fato?

Amélia saiu de seu colo e começou a puxar um chumaço de grama ali perto.

— Tenho de admirar sua tenacidade — continuou ele. — Uma mulher menos corajosa teria confessado que estava espionando, ou talvez fingida uma dor de cabeça, ou simplesmente negado sexo, mas você, Devin, foi até o fim...

— Pare! — exclamou ela, não suportando ouvi-lo falar desse jeito.

— Parar de falar a verdade? Ou parar de pegá-la em seus joguinhos de espionagem?

— Eu não... — Devin hesitou. O que poderia dizer? Que quisera dormir com ele uma segunda vez? Que, no minuto em que ele a beijara, ela esquecera tudo sobre e-mails e o resto do mundo?

Ele nunca acreditaria. E isso seria humilhante. Devin endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Apenas me diga como posso ajudar Amélia.

Lucas a estudou por um longo momento.

— Você pode ajudar Amélia não lutando contra mim.

— Tudo bem — concordou ela brevemente.

— Preciso de uma carta sua para a juíza que está analisando o testamento. Preciso que você apóie a legitimidade de Amélia como herdeira de meu avô.

— Em outras palavras, você precisa que eu minta. Para um juiz.

— Não — retrucou-o. — Preciso que você pare de se convencer de que Konrad era desonesto. Que pare de procurar evidências que não existem. Ele amava Amélia, e amava Monica, e ficou arrasado quando ela o deixou.

Devin deveria ignorar a realidade?

— E quanto às ações da corporação? — demandou ela. — E quanto àquela conversa, em que Konrad falava para você que derrotaria Steve tendo Amélia?

— Monica entendeu tudo errado.

— Essa é a sua história?

— Monica amava Konrad?

A pergunta a pegou de surpresa.

— Sim — admitiu Devin. Por isso a traição dele causara tanto sofrimento em sua irmã.

A voz de Lucas suavizou-se.

— E como você sabe disso?

— Porque conheço minha irmã. Morei com ela durante todo aquele período, e vi o sofrimento de Monica.

— E eu conheço meu irmão. E vi o sofrimento dele. Mas isso é um ponto controverso. Você precisa escrever que Monica amava Konrad. Diga à juíza que eles tiveram um bebê porque queriam ser pais. E diga-lhe que você não tem nenhuma evidência concreta de que Konrad teve intenção de enganar Monica.

— E quanto à conversa?

— Boato. Você não ouviu pessoalmente, e Monica não entendeu. Quando ela ouviu a nossa conversa, Konrad estava sendo irônico. Ele me disse que se casar com Monica para engravidá-la teria sido o plano perfeito. Não que aquele tinha sido o plano perfeito. Nós estávamos rindo de Steve, não de Monica. Escreva isso.

— E então, quando eu lutar pela custódia de Amélia, você usará minha carta contra mim? — Era uma pergunta retórica, e ela não esperou resposta.

— Eu só posso resolver um problema de cada vez — declarou Lucas, jogando uma pedra no lago.

— Parece-me que você está resolvendo seus dois problemas de uma só vez.

Lucas olhou para Amélia, que agora estava sentada na grama, olhando para os patos.

— Quando Amélia tiver 21 anos, você irá querer explicar-lhe como perdemos a herança dela?

— Não. Mas também não quero ter de me apresentar a ela.

Lucas levantou-se com um suspiro frustrado.

— Isso nunca vai acontecer. Eu não a mantereí longe de Amélia.

Devin também se levantou, endireitando a saia. Queria acreditar nele. Realmente queria. Seria tão mais fácil tomar uma decisão se confiasse em Lucas...

— Por que eu acreditaria em você?

Ele deu dois passos na sua direção.

— Não sou eu quem está invadindo quartos e contas de e-mails.

Devin meneou a cabeça, subitamente rendendo-se.

— Eu não vim aqui para discutir — disse ela. — Sei quem é o verdadeiro bandido dessa história. — Com um suspiro acrescentou: — Vim aqui para lhe pedir que derrote Steve.

— Você esta realmente se apaixonando por Byron? — Devin estudou os olhos brilhantes de Lexi, de onde estava sentada na beira da cama. Lexi tinha saído do banho, envolta num roupão branco, secando seus cabelos loiros com uma toalha.

— É uma festa — replicou Lexi. — Ele não me convidou para um fim de semana louco em St. Kitts.

— Você vai voar até Houston para uma festa?

Lexi sorriu.

— Nós vamos voar até Houston para uma festa. Byron quer, nós quatro lá.

— Não posso ir para Houston. — Ela estava lá para cuidar de Amélia, não para passear pelo Texas.

— Não seja ridícula. — Lexi deu-lhe um tapinha

no joelho de brincadeira. — Teresa irá cuidar de Amélia. Você precisa pesquisar para seu livro sobre os ricos, e eu preciso me aproveitar de um companheiro que tem seu próprio avião particular.

— Interesseira — acusou Devin, brincando.

— Ele me ajudou a subir no cavalo — contou Lexi com um sorriso malicioso. — Depois me ajudou a descer. E as mãos de Byron se demoraram nos meus quadris. Não sei por que isso foi tão sexy, mas foi. — Ela pôs a pequena toalha no colo. — Não beijo um homem desde Rick. E comecei a namorá-lo com 15 anos, portanto nunca beijei outro homem. E certamente nunca fiz amor com mais ninguém.

Devin piscou.

— Você está pensando em fazer amor com Byron?

Lexi enrubesceu.

— Talvez. Estou pensando em beijá-lo, pelo menos. Talvez amanhã, na festa. — Ela inclinou-se para frente, o olhar suplicante. — Você tem de ir, Devin.

Não querendo ir, Devin deu uma desculpa:

— Eu não tenho roupa apropriada.

Lexi sorriu.

— Iremos às compras.

— Mas...

— Byron já me disse que posso gastar o quanto eu quiser. Podemos parar em Dallas no caminho, ou chegar a Houston mais cedo. Vamos, Devin. Roupas de grife. Cartão de crédito de outra pessoa.

— Interesseira — repetiu Devin.

— Vai ser divertido.

Devin decidiu que não podia negar aquilo à sua amiga. Nunca vira Lexi tão feliz desde a morte de Rick. Compraria um vestido e agüentaria a companhia de Lucas.

A opinião dele á seu respeito não poderia piorar, de qualquer forma. Ela gemeu.

— O que foi? — perguntou Lexi.

— Nada. Eu irei para Houston.

— É Lucas?

Devin assentiu.

— É claro que é Lucas. Tudo é Lucas. Meu inimigo é Lucas.

— Por que você o odeia?

— Eu não o odeio. — Ela detestava a situação e as circunstâncias.

— É porque você o quer novamente e não pode tê-lo?

— Eu não o quero — negou Devin.

Lexi jogou a toalha sobre a cama.

— Aham — concordou sarcasticamente.

— E, se eu o quisesse, poderia tê-lo a qualquer momento.

— Tem certeza?

— Sim, tenho. Na verdade, eu já... — Ela parou. Mas de que adiantava fingir? — Eu fiz aquilo de novo.

— Dormiu com Lucas?

— Sim — admitiu Devin.

— E não me contou? Quando? Por quê? Como?

— Lucas me pegou em flagrante. Bem, quase me pegou. Bisbilhotando os e-mails dele. Eu estava procurando mensagens de Konrad.

Lexi assentiu, animada.

— Corajosa. Gosto disso.

Devin contou como tudo tinha acontecido, terminando com tristeza:

— Mas depois ele descobriu sobre os e-mails, e agora pensa... Que eu sou o tipo de pessoa que usa sexo como uma ferramenta para encobrir operações secretas.

— Eu acho isso admirável.

Devin franziu a testa.

— Que eu usei sexo dessa forma?

— Que você bisbilhotou os e-mails de Lucas.

— Li alguns, mas então não consegui mais. Percebi que aquilo era um absurdo. Eu estava prestes a fechar o programa, quando ele apareceu.

— Aposto que Lucas teria feito a mesma coisa — Lexi a defendeu com fervor.

— Você acha? — Não que aquilo lhe desse uma desculpa, mas seria bom pensar que ela não era a única cuja ética pudesse ser questionável.

— Não pense que Lucas é um anjo. Você não é perfeita. Nem eu. Estou pensando em dormir com um homem que acabei de conhecer.

— Parecido com o que eu fiz?

Lexi pegou as mãos de Devin e apertou-as.

— Nós somos humanas. Não é defeito ser humana. — Ela pausou. — Então, o que me diz sobre Houston?

Lucas percebeu que era improvável que visse alguma daquelas pessoas novamente.

Mas não podia evitar o desconforto de estar sentado numa poltrona cor-de-rosa na seção de lingerie de Desmonde, no centro de Houston, bebendo vinho branco e fingindo interesse na revista de moda que uma vendedora pusera no seu colo.

Ele olhou para Byron e sussurrou:

— Estamos numa loja feminina.

Byron recostou-se em óbvia satisfação.

— Eu sei como manter uma moça feliz ou não?

— Não podemos ir embora? Voltar mais tarde?

— Você nunca foi casado, certo, Lucas? — Byron sabia disso perfeitamente bem. — Confie em mim, sei o que estou fazendo.

— Mas não quero manter a moça feliz. — Lucas pôs a revista sobre a mesa na frente deles.

Estava disposto a ir à festa. Byron era um bom amigo, e Lucas entendia o interesse de Byron em Lexi. Mas não via motivo para ficar perambulando no centro de Houston, entrando em lojas femininas, enquanto Devin e Lexi escolhiam vestidos.

— Dê uma olhada naquilo — murmurou Byron, gesticulando a cabeça para o outro lado do salão. — Ela não é a coisa mais linda?

Saindo do vestiário num vestido azul até os joelhos, Lexi deu alguns passos exagerados, imitando uma modelo. Byron assobiou, e Lexi sorriu-lhe.

— Estas sandálias são uma necessidade —

observou a vendedora.

Lexi virou o tornozelo para dar a eles uma visão melhor de suas sandálias prateadas de salto alto.

— Gosta das sandálias, querida? — perguntou Byron.

— Adoro.

— Vamos levar as sandálias — Byron informou à vendedora. — E o vestido. Gostei do vestido.

— Este é o primeiro que experimento — protestou Lexi.

— Então experimente outros. — Byron baixou a voz quando se dirigiu à vendedora:

— Vestidos nunca são demais para as mulheres.

A moça sorriu-lhe, obviamente sentindo a gorda comissão.

— Concordo plenamente.

Devin apareceu em seguida, mas Lucas mal conseguiu vê-la num vestido preto antes que a vendedora a impulsionasse de volta para dentro do vestiário.

Então a mulher foi para a seção de lingerie ao lado, pegou um sutiã preto de renda e uma calcinha fio-dental e levou-os na direção do vestiário.

— Nada como tiras de calcinha para arruinar aquele Rue de Femme — anunciou para quem quisesse ouvir.

Lucas movimentou-se desconfortavelmente na poltrona.

Após alguns minutos, Devin ressurgiu. O vestido preto era simples, com um decote quadrado, alcinhas nos ombros que enfatizavam os braços delgados, justo na cintura, com uma saia reta que batia acima dos joelhos. Um vestido que normalmente não chamaria a atenção de Lucas. Mas Devin o estava usando, e tudo que ele podia ver era a imagem daquele lingerie sexy que sabia estar no corpo maravilhoso.

A vendedora a estudou.

— Este decote pede por diamantes — comentou-a.

A observação fez Devin levar uma mão ao pescoço, a expressão atônita.

Mas Byron deu um, tapa no próprio joelho.

— Eu comprarei — anunciou ele. — Traga os diamantes.

— De jeito nenhum — retrucou Lucas enquanto a vendedora se apressava para a seção de jóias.

— Eu não vou levar diamantes — Devin falou para os dois.

Lucas baixou o tom de voz para que somente Byron ouvisse:

— E você não vai comprar a lingerie de Devin. Se quiser comprar lingerie, compre para Lexi.

A vendedora voltou para Devin, três caixas de veludo nas mãos. Abriu a primeira, e as jóias brilharam sob as luzes da loja.

— Esta se chama espiral da aurora — disse ela. — Três diamantes coloridos em formas de gotas... Azul, amarelo e cor-de-rosa... Com entalhes brancos quadrados na corrente, num total de sete quilates.

Devin parecia sem fala enquanto a mulher fechava o colar ao redor de seu pescoço.

Byron inclinou-se contra a mesa que os separava.

— Suponho que você vai insistir em comprar os diamantes também?

Lucas sabia que devia se sentir irritado por estar

sendo colocado contra a parede, mas estava fascinado pela expressão no rosto de Devin. Tinha de admitir que o colar fosse magnífico.

— Deixe-me dar uma olhada mais de perto — ele falou para a vendedora, que deu um pequeno empurrão em Devin na direção de Lucas.

Devin deu alguns passos à frente para sussurrar:

— Não ouse encorajá-la.

— Está bonito em você.

— Bem, acho muito extravagante. — Devin falou alto o bastante para que todos ouvissem.

— Nós temos outras jóias... — começou a vendedora.

— Eu acho que é este — interrompeu Lucas. Estendendo o braço, tocou as pedras, roçando os dedos na pele quente e suave do peito de Devin. — É definitivamente este.

— Não — disse Devin.

— Oh, sim — contradisse Lucas. Não pensara em lhe comprar uma jóia. Mas de súbito a queria exatamente daquele jeito na festa da noite. Queria observar os movimentos sinuosos sob o vestido justo, ver-lhe o sorriso, ouvir-lhe a voz e fingir que aquele era um encontro romântico de verdade.

— Você vai conhecer o duque de Rothcliff — disse ele. — Estou expandindo nossa fábrica na Europa, e preciso que você o impressione.

— Isso é ridículo.

— É uma tradição. Eu uso o mesmo velho terno, e você é o outdoor para minha riqueza.

— Agora, este é um vestido de baile — exclamou Byron da poltrona ao lado deles.

Lucas olhou para cima e Devin virou a cabeça.

— Que tal? — perguntou Lexi, girando num vestido verde sem alças, com saia em forma de sino.

— Maravilhosa — respondeu Byron, e ganhou um amplo sorriso de Lexi.

— Não para o colar — Devin falou para Lucas.

Mas Lucas já tinha tirado o cartão de crédito da carteira.

— Sim para o colar — disse ele para a vendedora. — Sim para o vestido. E sim para tudo o mais que ela estiver usando.

Antes que Devin pudesse protestar, a vendedora já saíra com o cartão de crédito.

— Eu venci — murmurou ele para Devin.

— Venceu o quê? Lucas, você nem perguntou o preço.

— Estará na fatura.

— Você está se exibindo?

— Sim. Porque, até agora, acho que você não sabia que eu tinha dinheiro.

— Você é impossível. — Ela apontou na direção que a vendedora tinha ido. — Vá detê-la.

— Sim, certo.

— Lucas.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O que está fazendo?

— Estamos comprando roupas. O que, a

propósito, é muito mais divertido do que eu esperava.

Byron riu ao lado deles.

— Leve este também — ele falou para Lexi.

— E você, experimente mais coisas — disse Lucas, e, vendo o brilho de ultraje nos olhos azuis de Devin, acrescentou: — Eu tenho condições.

— É assim que você vai lidar com o dinheiro de Amélia?

— Amélia é muito pequena para diamantes.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Isso sairá do meu cartão de crédito pessoal, Devin. Eu não gasto dinheiro da corporação em encontros românticos.

— Lucas, eu estou realmente desconfortável com isso. — Com um suspiro, ela virou-se e desapareceu dentro do vestiário.

Byron lançou-lhe um olhar acusador.

— O que foi? — perguntou Lucas. — Eu comprei os diamantes para a mulher.

— Não acha que pode estar fazendo um jogo um pouco perigoso aqui?

Lucas virou-se para encarar o homem mais velho, reconhecendo a magnitude dos riscos.

— Acha que eu já não pensei nisso?

Devin nunca se considerara uma pessoa fascinada por astros, mas conhecer um membro da família real causava-lhe um friozinho na barriga. Descobriu-se satisfeita por estar num vestido chique, e pela confiança que o colar de diamantes lhe dava.

— Você faz muito esse tipo de coisa? — perguntou ela para Lucas enquanto eles iam do salão de bailes para a varanda do Clube de Campo Oak Point. A noite estava quente.

Luzes brancas decoravam as palmeiras. A varanda dava vista para um gramado que descia para um rio estreito.

— Jantar ou encontrar membros da realeza? — Lucas parou quando eles chegaram ao parapeito.

— Associar-se com pessoas importantes. — Mas ela já sabia a resposta. Lucas tinha um cargo importante numa empresa importante. Obviamente associava-se com pessoas importantes. — Esqueça.

— Você está linda — murmurou ele.

— Precisei de três profissionais para fazer meus cabelos e minha maquiagem.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Sem graça, Devin olhou para frente, apoiando os braços no parapeito.

— Você está flertando comigo?

— Certamente. — Ele moveu-se para trás dela, sussurrando no seu ouvido.

— Acha que essa é uma boa idéia?

— Acho que é uma idéia excelente. — Ele acariciou-lhe os braços desnudos. — Se flertarmos, há maiores chances de acabarmos na cama.

Ela abriu a boca para protestar, mas Lucas continuou:

— E, depois de fazermos amor, há mais chance ainda de brigarmos. E não gosto de como esse padrão termina.

Uma rajada de vento balançou as folhas das palmeiras enquanto música ao vivo vinha do salão de jantar.

Lucas tinha razão. A atração sexual entre os dois estava cada vez mais forte. Ela estava vestida em diamantes, numa festa chique com pessoas famosas, apreciando a noite quente com o homem mais sexy que já conhecera. Tudo que queria era jogar a cautela ao vento e flertar.

Mas, antes, devia-lhe honestidade.

Ela virou-se.

— Sinto muito, Lucas. Eu nunca deveria ter olhado os e-mails de Konrad. Eu estava errada, e sabia disso o tempo inteiro. E, por favor, acredite, eu ia parar. — Devin fechou os olhos. — Mas, naquele momento, o fim pareceu justificar os meios.

— Você está me pedindo para acreditar na sua palavra?

Ela reabriu os olhos.

— Sim, estou.

— Tudo bem.

— Você acredita?

— Sim. Agora, você pode acreditar na minha palavra?

Devin hesitou.

— Sobre o quê?

— Você está deslumbrante, e não tem nada a ver com o traje, os diamantes, a maquiagem ou os cabelos.

Uma onda de calor a percorreu.

— Mas admito que tenha um pouco a ver com sua nova lingerie.

— Como você sabe que eu o estou usando? — provocou ela.

— Sem marcas da calcinha no vestido. — Lucas olhou para seu decote. — E posso ver a renda do sutiã.

Devin arfou quando ele aproximou-se e deslizou uma das mãos pelas suas costas, abaixando-a até a curva de suas nádegas. Ela inalou o cheiro da pele dele, deleitou-se na vibração da voz profunda, e controlou-se para não se mover sob o toque.

Lucas inclinou a cabeça, entreabrindo os lábios.

— Aqui não — sussurrou ela.

— Com medo de chocar a realeza?

— Com medo de que você tenha mais que um beijo em mente.

— Eu tenho mais que um beijo em mente.

— Isso terá de esperar até chegarmos à fazenda.

Lucas apertou a mão em seu traseiro, pressionando-a contra seu corpo.

— Sem chance. — Ele gesticulou a cabeça para um lado. — Está vendo aquele prédio ali? É o Gulf Port Grand Hotel.

— Nós não ficaremos em Houston.

— Oh, sim, ficaremos. Você não pode me provocar assim, então esperar que eu volte ainda hoje para Dallas.

— Provocar você?

— A lingerie?

— Você comprou a lingerie.

— E você a está usando.

— Combina com o vestido.

Lucas olhou para o decote novamente.

— Você terá sorte se eu conseguir chegar ao hotel.

— E quanto a Lexi e Byron? O avião é dele.

— Não acha que eu poderia mandar meu próprio avião para cá? E Byron já tem uma reserva no hotel.

— Não é possível. — Devin recusava-se a acreditar que Byron pretendia seduzir Lexi.

Afinal, aparentemente, eles nem tinham se beijado ainda.

— Ele comprou-lhe três vestidos e um colar de esmeraldas. Não acha que Byron está esperando por um fim de noite romântico?

— Você me comprou um colar de diamantes — acusou Devin.

— Porque gosto de vê-la incendiada — brincou ele.

— Está tentando brigar?

— Absolutamente. — Lucas entrelaçou os dedos de ambos. — Por quê? Você quer brigar?

— Não — admitiu-a, então deu um sorriso sedutor. — E, para sua informação, eu vou me incendiar.

— Oh, Deus — exclamou Lucas, tremendo de desejo. — Leve-me para a limusine.

CAPÍTULO DEZ

Na banheira gigante da suíte do Gulf Port Grand Hotel, Lucas entregou a Devin uma taça de champanhe. Ele não se lembrava de já ter tomado um banho de espuma antes, mas adorava a sensação de Devin nua em seus braços. O pequeno corpo escorregadio estava aninhado entre suas coxas, e ela estava recostada contra seu peito, de modo que Lucas podia descansar o queixo sobre os cabelos fragrantes.

— O que nós estamos celebramos? — perguntou ela, aceitando o champanhe. Velas piscavam em cada canto do cômodo, lançando um brilho em sua pele.

Lucas tocou sua taça na dela.

— À mudança de nosso padrão — propôs.

— Nós definitivamente não estamos brigando.

E Lucas esperava que eles continuassem assim. Deu um gole do champanhe.

Devin fez o mesmo.

— Quem diria que teríamos de agradecer a Steve.

— Steve não merece agradecimento por nada.

Devin selecionou um morango da travessa de vidro sobre a extremidade da banheira, e colocou-o na boca.

— Posso imaginá-lo sozinho em sua cobertura, esfregando as mãos, inconsciente de que está se dirigindo para uma vida de solidão e desespero.

— Bela cena. — Lucas riu. — Gostei.

— Diferentemente de você e eu — continuou ela,

deslizando a perna molhada ao longo da coxa dele, — que estamos aproveitando nossa parceria ao máximo.

— Alegria para nós, desespero para Steve — concordou ele, circulando-lhe a cintura.

— E justiça para Amélia. — Devin inclinou a cabeça para trás. — Eu acho que Monica aprovaria isso.

— Konrad também. — Lucas observou os padrões que a luz das velas formava no teto. — Obrigado, Devin.

Ela virou nos braços dele.

— Pelo quê?

— Por concordar em escrever a carta. Por me dar uma chance.

— Você sente falta de Konrad? — Ela inclinou a cabeça contra o ombro largo, de onde podia ver-lhe o rosto.

— Muita — replicou Lucas. — Sinto-me solitário. Tenho sido cercado minha vida inteira por pessoas que querem alguma coisa de mim. Eu nunca soube em quem confiar quem eram os meus amigos. Mas Konrad estava sempre lá. Agora não está.

— Eu senti falta de Monica quando ela se casou — contou Devin. — E um lado mesquinho meu gostou quando ela deixou Konrad e voltou para casa.

— Você não é mesquinha — apontou ele. Ela era compassiva, protetora e amorosa, e Amélia tinha sorte por tê-la em sua vida.

— Talvez — respondeu Devin. — É claro, eu a teria apoiado se Monica tivesse decidido voltar para ele. Mas eu havia passado muito pouco tempo de minha vida sem ela. Até agora.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntou Lucas.

— Meu pai foi embora anos atrás. Com a secretária, se bem me recordo. Nunca perguntei à minha mãe o que aconteceu. E não tenho idéia de onde ele está. — Devin suspirou. — Minha mãe faleceu quando eu estava com 20 anos. Monica tinha 19. Amélia parece um milagre.

— Concordo — murmurou Lucas, sorrindo ao pensar em sua adorável sobrinha. — Eu lhe contei que troquei a fralda suja de Amélia ontem?

— Não acredito.

— É verdade.

Devin cutucou-o de brincadeira.

— Tem alguma prova?

— Pergunte para Teresa.

— Teresa trabalha para você.

— Acha que ela mentiria?

— Sim, se você lhe pedisse.

— Está me acusando de uma conspiração por causa de uma fralda suja?

— Você ficou pálido aquele dia na minha casa.

— Bem, eu endureci desde então.

Devin pôs a taça sobre a borda da banheira, e mergulhou a mão na água.

— Falando em endurecer...

Lucas arfou.

— Está brincando comigo?

— Não estou brincando. — Ela virou-se e sentou-se de pernas abertas sobre ele, os seios para fora da água, escorregadios, tentadores.

Com seu corpo respondendo imediatamente, Lucas largou a taça e segurou-lhe as nádegas, deslizando-a sobre a extensão de suas coxas. Então, puxou-a para um beijo apaixonado, envolveu os braços ao seu redor e preencheu-lhe o corpo com seu sexo.

Sussurrou o nome dela, seu corpo arqueando-se, seu coração se apertando.

— Lucas — sussurrou ela. — Oh, Lucas.

Ela o envolveu em seu pequeno corpo, e ele jurou que nunca mais a deixaria sair de sua vida.

Devin sabia que estava sendo influenciada por Lucas. Mas não conseguia evitar. Da grande varanda de Byron, estava observando-o rolar uma bola colorida para Amélia ao longo do gramado, enquanto a garotinha gritava em deleite e corria atrás da bola.

— Sei que ele parece ousado e arrogante — Lexi estava dizendo. — Mas ele é muito gentil e respeitoso.

Com o notebook à sua frente, Devin estava tentando escrever uma carta para a juíza pela última meia hora. Mas continuava se distraindo. Lexi era a última distração, sentada na frente de Devin, um copo de coca diet na mão.

— Está falando sobre ontem à noite? — perguntou Devin. Como Devin e Lucas, Lexi e Byron tinham passado a noite no Gulf Port Grand Hotel.

— Ontem à noite, ontem à tarde, esta manhã. Eu não sei o que pensar.

— Então, vocês dois...

O sorriso de Lexi confirmou a pergunta não terminada.

— Eu dormi com Byron. E foi incrível, Devin. Nem fiquei nervosa ou envergonhada.

— Isso é ótimo. — Devin estava feliz por sua amiga.

— Sim, é. — Lexi olhou para o espaço por um momento. — Não sei o que vai acontecer daqui para frente. Byron está falando sobre se mudar para Seattle por um tempo. Mas... Acabamos de nos conhecer.

Devin gesticulou para o pulso de Lexi.

— Deixe-me ver seu relógio.

Lexi olhou para o relógio de diamante, com uma delicada pulseira de ouro e esmeraldas.

— Não acho que isso é sério para ele.

— Eu acho — disse Devin. — Acho que levá-la à festa foi sério, trazê-la para cá foi sério. Lucas diz que Byron não saía com ninguém desde a morte da mãe de Lucas.

— Byron falou sobre ela, de que sente falta. Como eu sinto de Rick.

— Isso é doce.

Lexi gesticulou para Lucas e Amélia.

— Aquilo é doce.

— É surpreendente — comentou Devin. Era incrível como Lucas e Amélia haviam se afeiçoado, apesar do começo difícil.

— Então, como foi sua noite? — Lexi quis saber.

— Está brincando? Nós estávamos num hotel luxuoso. Champanhe, morangos, uma banheira enorme e uma vista magnífica da cidade.

— Não é isso que estou perguntando.

— Foi estranho — admitiu Devin.

Lexi inclinou-se para frente.

— Estranho como?

— Estranho porque pareceu tão normal estar com Lucas... Fazer amor com Lucas, conversar com Lucas, dormir nos braços deles, acordar para um banho e para tomar café da manhã com Lexi e Byron... Tudo parecera completamente normal. O que não fazia sentido. Uma vez que ainda estavam em divergência sobre o futuro de Amélia.

Ela olhou para a carta que começara. Bem, estariam em divergência. Mas somente depois que colocassem Steve em seu lugar.

— O que está escrevendo? — questionou Lexi.

— Uma carta para a juíza. Estou procurando as palavras certas. Quero derrotar Steve, mas não quero armar uma cilada para Lucas mais tarde.

— Você não acha que ele ainda lutará por Amélia?

— Oh, eu sei que ele ainda lutará por Amélia. Lucas acha que é a coisa certa a fazer.

— E Devin tinha de admirar isso. — Acha que é o único que pode protegê-la a longo prazo. Diz que Steve não é a única ameaça. Se eu for a guardiã, os malvados estarão sempre circulando.

— Mesmo se ele ganhar a guarda acha mesmo que Lucas manteria Amélia longe de você?

— Você está do lado de Lucas?

— Só estou dizendo que ele não é tão ruim quanto eu esperava — explicou Lexi. — E acho que Lucas gosta de você. E talvez devesse confiar nele.

Devin olhou para Lucas e Amélia, pensativa. Ele captou seu olhar e acenou. Então falou alguma coisa para Amélia, e a garotinha também acenou, emocionando-a.

Ousaria confiar em Lucas?

— Esse tipo de traição deveria ser crime. — Byron bateu o jornal de Seattle que chegara à fazenda por um courier sobre a mesa.

— Concordo — disse Lucas de sua poltrona diante da lareira, um copo de uísque na mão.

Steve tinha dado uma entrevista, fazendo uma série de acusações falsas sobre Konrad, nomeando Lucas como cúmplice, pintando Monica como uma vítima ingênua, e Amélia como usurpadora. Uma fotografia de Steve com a noiva acompanhava o artigo.

Eles estavam num evento beneficente, entregando um cheque generoso.

Lucas teria que voltar logo a Seattle, no mínimo para salvar sua reputação.

— Você precisa agir rapidamente — disse Byron.

— Eu sei. Devin está escrevendo uma carta para a juíza.

— Esta é uma vitória. O que ela diz na carta?

Lucas deu um gole do uísque.

— Ela estava escrevendo hoje. Não estou esperando milagres.

— Nem mesmo depois de ontem à noite?

Lucas lançou-lhe um olhar que o avisava que não iria responder. Não discutiria seu relacionamento pessoal com Devin. Embora a noite anterior tivesse sido espetacular.

Mas não somente por causa do ato de amor.

Lembrou-se do senso de humor de Devin, da

emoção nos olhos azuis quando ela falava de Monica e da mãe, da alegria de criar Amélia. E Lucas sentira ciúme. Queria ser parte do mundo de Devin, e apenas fazer amor com ela não era o bastante para levá-lo lá.

— Você sabe como eu me sentia sobre sua mãe.

Lucas olhou para Byron.

— Eu sei.

— Tínhamos nossos altos e baixos. Um caubói rude do Texas ousando cortejar uma das mulheres mais ricas do Noroeste Pacífico. Uma mulher dez anos mais velha que ele.

— Você não é rude.

— Não sou urbano.

Aquilo era verdade.

— Meu ponto é — continuou Byron — tudo valia a pena... As observações depreciativas, o sofrimento, as críticas... Porque um amor como esse não acontece todo dia. E, quando acontece, você não quer abrir mão.

Amor? Lucas congelou.

Byron achava que Lucas tinha se apaixonado por Devin?

Lucas estava apaixonado por Devin?

— Não tenho certeza com Lexi — disse Byron, bebendo o resto de seu drinque. — Mas conheço os sinais. E vou segui-la de volta para Seattle. Vou persegui-la até que ela me mande parar.

— Lexi? — perguntou Lucas. — Mas você acabou...

— De conhecê-la? Como falei Lucas, já passei por isso. É um sentimento raro.

— Você está falando sério.

— Pode apostar. Sou um homem sério. Agora, de volta a Steve. Ele está começando a me preocupar.

— A mim também — admitiu Lucas. Imaginara os piores cenários, e um deles poderia concretizar-se.

Um juiz poderia deserdar Amélia. Talvez Steve se casasse e tivesse um bebê, tomando o poder em suas mãos. Nesse caso, Lucas teria de vender suas ações da Pacific Robotics e recomeçar.

Quando pensava em recomeçar, imaginava Devin e Amélia como parte permanente de sua vida. Imaginou Amélia com 05 anos, com 10, na faculdade... Ela seria linda. Ele já sabia disso.

Devin consideraria deixá-lo por perto? Consideraria tornar o relacionamento deles verdadeiro? Sentia o mesmo que ele?

Lucas bebeu o resto do uísque.

— Espero que a carta de Devin seja realmente boa — comentou Byron.

Lucas duvidava disso.

— Eu tenho um plano reserva. — Na verdade, ele acabara de pensar naquilo.

— Que plano? — Byron quis saber.

— Devin. Eu. Bebês.

Byron bateu nos joelhos e riu.

— Acha que vai convencer aquela garota bonita a ter filhos com você?

Lucas lutou para não ser insultado. Talvez não

merecesse Devin, mas não era o pior homem do mundo.

— Terei de lutar por isso.

— E com que rapidez acha que pode conseguir essa façanha? — Byron bateu a mão no jornal. — Steve está lá fora, posando em público com sua noiva.

Lucas inclinou-se para frente, falando de forma clara e concisa:

— Se necessário, eu posso trabalhar muito rapidamente. Ora, Konrad fez isso.

E, se Lucas não precisasse de pressa, trabalharia devagar. Seria paciente e romântico, a fim de conquistar o amor de Devin.

Ironicamente, Lucas se sentia melhor do que em semanas, meses, talvez anos. Que Steve tentasse derrotá-lo. Lucas lutaria com tudo que possuía. E, de um jeito ou de outro, venceria. Porque seus objetivos haviam mudado. Ele desistiria da Pacific Robotics por Devin e Amélia.

— Mas esse é só um plano reserva — disse para Byron. — Veremos o que ela escreverá na carta.

Ao pé da escadaria da casa de fazenda, enquanto absorvia as terríveis palavras de Lucas, Devin segurava a carta assinada entre as mãos, e metodicamente a rasgou no meio.

Então, rasgou-a mais e mais. Choque e raiva a percorriam quando ela virou-se e subiu a escada em direção ao quarto de Amélia.

Podia estar com Lucas sob ordem judicial, mas certamente qualquer juiz do mundo entenderia por que ela tinha de deixá-lo.

Pausou do lado de fora do quarto de Amélia, tentando ordenar os pensamentos.

Lucas a estava usando. Engravidá-la era um plano reserva? Ele a seduzira, a conquistara, somente no caso de Amélia ser deserdada e ele precisar de outro bebê?

Como ela pudera ser tão tola? Lucas fingira o tempo inteiro porque precisava de Amélia, e, se isso não funcionasse, qualquer outro bebê serviria. Qualquer mulher serviria.

Ele devia ter controlado a náusea ao trocar a fralda suja de Amélia. E provavelmente controlara a náusea ao fazer amor com ela também. Lucas Demarco era um monstro imoral.

Ela poderia procurá-lo agora e acusá-lo, dizendo que ouvira tudo. Mas ele nunca admitiria. Continuaría mentindo, como sempre fizera, e Devin perderia sua chance de escapar. Não podia brigar com Lucas. Tinha de fugir dele.

Precisava pegar Amélia, fugir e esconder-se até que uma data fosse marcada para a audiência.

Então estaria à mercê da juíza.

Contaria a verdade. Demonstraria exatamente como Lucas e Konrad haviam se comportado.

— Devin?

Devin saltou ao som da voz de Lexi e de uma mão gentil em seu ombro.

— Você está bem?

Devin balançou a cabeça, lágrimas inundando seus olhos. Lexi virou-a.

— Querida, o que houve? Você está pálida.

Devin começou a chorar.

— Lucas acabou de contar a Byron qual é seu plano reserva.

— Plano reserva para o quê?

Devin abriu a porta e conduziu Lexi para dentro do quarto, sussurrando:

— Eu vou embora. Imediatamente. Você precisa me ajudar a fugir.

Lexi estava perplexa.

— Por quê? Eu não entendo.

— Foi uma trama. Exatamente como Konrad. Desde o começo, tudo se trata de dinheiro. Oh, como eu caí nisso?

— Querida, o que aconteceu?

Devin contou à amiga toda a conversa que acabara de ouvir entre Lucas e Byron.

Foi a vez de Lexi empalidecer.

— Então, Byron é cúmplice disso?

— Sim, essa é uma conspiração dos Demarco.

— Tem certeza? — perguntou Lexi.

— Absoluta.

— Então temos de sair daqui. Você pega Amélia — instruiu Lexi. — Há caminhonetes no pátio com chaves no contato.

— Vamos roubar uma caminhonete?

— Deixaremos um recado. Eles podem ir buscar o veículo no aeroporto. Vá.

— Certo — concordou Devin. Mas então hesitou.

Para onde elas iriam? E, se Devin escondesse Amélia contra a ordem judicial, estaria seqüestrando o bebê?

Lucas poderia usar aquilo contra ela?

É claro que poderia. E faria isso. E ela não podia arriscar comprometer seu caso.

Uma sensação de impotência a envolveu.

— A juíza disse que eu tinha de ficar na mansão Demarco.

Lexi pôs as mãos nos quadris.

— Bem, isso não vai funcionar.

— Não posso seqüestrar Amélia. Isso prejudicaria meu caso. Elas se entreolharam.

Não havia solução.

— E se conseguirmos que a audiência seja marcada imediatamente? — sugeriu Lexi.

— Não acho que isso é como marcar uma hora no cabeleireiro.

Lexi refletiu por um momento. Então estalou os dedos.

— O quê? — Devin não ousava ter esperança.

— Há outra pessoa no planeta que quer que a audiência aconteça logo. E aposto que ele tem os contatos certos para fazer isso acontecer.

O estômago de Devin contraiu-se.

— Steve.

Lexi assentiu. E Devin sabia que aquela era a única opção delas.

Na noite seguinte, no grande salão da mansão, Lucas mal podia conter sua frustração com Devin enquanto encarava três membros do quadro de diretores da Pacific Robotics.

Os três eram leais a ele, e os três estavam obviamente zangados e preocupados.

— Pensei que você tivesse tudo sob controle — disse Craig Grenville, o tom desgostoso, seu copo de uísque intocado na mesa ao lado.

— Eu tinha tudo sob controle. — Lucas fora pego de surpresa pelo desaparecimento de Devin.

— Mas ela sumiu — afirmou Peter Huntley, acabando o uísque do copo.

— Não imagino por que ela foi embora. — No começo, Lucas pensara que elas tivessem sido seqüestradas.

Mas, quando se tornara óbvio que ela partira de livre e espontânea vontade, ele começara a procurar motivos.

— Não há evidências de que Steve fez contato com ela — disse Lucas. — E nenhum dos repórteres nos achou no Texas.

— Precisamos de um plano "B" — Ivan Rusk falou. — Se Steve conseguir o controle, você sabe que estaremos todos despedidos no dia seguinte.

— Que plano "B"? — Seu advogado já o contatara com uma data antecipada para a audiência referente à guarda de Amélia. Tinha sido marcada para a próxima semana pela insistência do advogado de Devin. Então obviamente ia acontecer antes da petição de Steve para recorrer ao testamento.

Lucas não imaginava o que Devin diria na audiência. Ou talvez imaginasse. O fato de que ela fugira da fazenda de Byron no meio da noite dizia-lhe muito. Nada que ela falasse ajudaria o caso de Lucas ou de Amélia no que se referia à apelação do testamento.

Byron pôs a garrafa de uísque no bar e virou-se para os homens.

— Eu tenho um plano "B". Nós mandamos Bob, o veterinário da minha fazenda, castrar Steve.

Houve um momento de silêncio atônito, antes que Peter caísse na gargalhada.

Ivan e Craig o olharam como se ele tivesse enlouquecido.

— E, então — disse Peter, — Lucas pode fazer quantos filhos quiser.

— Se a hora da piada acabou, podemos voltar ao problema em mãos? — resmungou Craig.

Lucas escondeu seu sorriso atrás de um gole de uísque. Sabia que a sugestão de Byron era ridícula, mas isso não o impedia de gostar da idéia. Percebeu que queria ter aqueles filhos com Devin, o que era obviamente impossível.

— O que ela vai falar na audiência? — questionou Ivan.

— Ela conhece os riscos para Amélia — respondeu Lucas de forma evasiva.

— Talvez ela tenha descoberto a verdade sobre o casamento da irmã — sugeriu Craig.

— Não há verdade para ser descoberta. — Lucas quase gritou. — Konrad amava Monica.

— Você está protestando um pouco demais — apontou Craig.

Lucas o olhou com irritação.

— Konrad não está aqui para se defender...

— Entenda nossas posições — disse Ivan. — Steve sabe que somos leais a você.

Byron aproximou-se e posicionou-se atrás de Lucas.

— Espero que todos sejam leais à honra e à integridade. E isso é algo que vocês têm em comum com Lucas.

Peter ergueu o copo num brinde.

— Se Steve assumir o poder, eu me demito.

Lucas assentiu em apreciação para Peter, admirando a lealdade do homem.

Craig inclinou-se para frente.

— Não é tão simples assim.

— É simples assim — disse Peter. — Ou você está conosco, ou está contra nós.

— Código do oeste — murmurou Byron.

— Este não é um filme clássico. Mocinhos contra bandidos — protestou Craig. — E talvez ainda haja tempo para negociar com Steve.

— Ninguém vai negociar nada — afirmou Lucas com

— Fale por si mesmo. — Craig levantou-se. E, após um momento de hesitação, Ivan fez o mesmo.

Lucas ficou de pé para encará-los.

— Vocês dois obviamente fizeram suas escolhas.

— O sinal é claro — disse Craig. — A testemunha-chave de Steve irá apoiá-lo.

— Então, boa sorte para vocês, rapazes — ofereceu Byron em tom falso. — Espero que Steve receba-os de braços abertos.

Depois que os dois homens saíram, Peter suspirou.

— É bom ter os patifes fora do navio, suponho.

Lucas gemeu.

— O navio ainda está afundando.

Peter deu de ombros.

— Eu sei nadar.

Byron finalmente sentou-se.

— Pelo menos aqueles dois não estarão na água para roubar nossos coletes salva-vidas.

Lucas riu.

— Não acho que temos coletes salva-vidas. Acho que Devin irá segurar nossas cabeças debaixo d'água até que paremos de lutar.

— Você deve ter deixado Devin muito furiosa.

Lucas desejou que soubesse o que tinha feito. Se soubesse, poderia pelo menos tentar defender-se.

As ondas do mar batiam na praia de pedra do resort da ilha de San Juan, onde Devin estava escondida com Amélia e Lexi.

Sua advogada, Hanriah Snow, pegara a balsa de Seattle, e agora estava com elas no deck de madeira na frente do chalé, sombreado por enormes cedros que bloqueavam o sol quente do meio-dia.

— Seu único trabalho é falar a verdade — disse Hannah, cruzando as pernas bronzeadas sob um vestido branco. — A decisão depende da juíza.

Devin detestava o pensamento de ajudar Steve. Mas não mentiria para proteger Lucas. Não podia perder Amélia.

— A juíza entende por que eu fui embora?

Hannah assentiu.

— Eu também só preciso falar a verdade. Mas dei à juíza uma declaração escrita. Ela saberá que você não seqüestrou Amélia por mal.

Devin tremeu.

— Você não usou a palavra seqüestro.

Hannah sorriu.

— Certamente não. Conte-lhe sobre os repórteres, e que você teve de deixar a mansão num prazo curto.

Lexi movimentou-se no banco de balanço, onde estava aninhada num canto.

— E isso não é sombrear a verdade?

— Não, não é — concordou Hannah. — Eu também contei a ela sobre o Texas.

Devin inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu azul.

— Eu só quero que isso acabe.

Hannah levantou-se.

— Acabará em três dias. Você irá ao escritório na quinta-feira de manhã?

— Irei — concordou Devin. — Lexi ficará com Amélia.

— Ótimo. Ensaiaremos seu testemunho, então. Enquanto isso lembre que preocupação não vai ajudar, certo?

Devin assentiu. Estava tentando não se preocupar, mas tantas coisas estavam dando erradas em sua vida ultimamente...

— Quinta- feira, então?

— Estarei lá.

Hannah desceu a pequena escadaria para a estrada do resort, onde estava seu carro alugado.

— Espero não estar cometendo um grande erro — disse Devin para Lexi.

— Você considerou bem suas outras opções?

Devin não fizera nada além de considerar suas opções durante as últimas três noites.

Mas não havia alternativas viáveis. Não podia confiar em Lucas. Não podia confiar em Steve. E não podia cometer perjúrio por ninguém.

— Há barcos para o Canadá todos os dias da semana — apontou Lexi. — Apenas diga-a palavra.

Devin apreciava o apoio, mas fugir era outra opção inviável.

— Preciso acreditar que não perderei a custódia — declarou ela. Aquilo era a única coisa que a mantinha sã.

— Acredito piamente que você irá vencer— disse Lexi com firmeza. — Lucas vai parecer o manipulador que é e, no final, você vai ter ganhado experiência com tudo isso.

Devin forçou uma risada.

— O que não me mata, me deixa mais forte?

— O que não a mata, é alimento para seu próximo livro.

— Tem isso — concordou Devin.

Ela falara com seu editor na semana anterior, e eles estavam interessados na idéia de seu livro *Bons e ricos*. Também estavam dispostos a estender o prazo para *Trânsito confuso na era da informação*. Graças a Deus.

— Preciso achar outra família rica para estudar — apontou Devin.

— Talvez Byron... — Lexi parou.

Um calafrio percorreu Devin.

— Ainda pretende ver Byron?

Lexi meneou a cabeça vigorosamente.

— Não. Não sei no que eu estava pensando.

— Você quer ver Byron? — Devin ficou

embaraçada ao admitir que a felicidade de sua amiga nem lhe passara pela cabeça. Quanto egoísmo.

— Não — negou Lexi. — Como eu confiaria nele? Byron é cúmplice de Lucas. Eu não quero vê-lo.

Devin notou o rubor no rosto de Lexi, e o jeito que sua amiga olhava para baixo, não a encarando.

— Lexi? Você se apaixonou por Byron?

Lexi encontrou os olhos de Devin.

— Você se apaixonou por Lucas?

O coração de Devin disparou enquanto uma dor apertava seu peito.

— Eu não sei.

CAPÍTULO ONZE

Três dias depois, Devin desceu de um táxi diante do palácio da justiça de Seattle.

Endireitou o blazer e alisou a saia.

Antes que pudesse se mover, Lucas apareceu na sua frente na calçada, segurando-lhe o braço e puxando-a para um lado.

— Você enlouqueceu! — demandou ele.

Ela se preparara para encontrá-lo hoje, certificando-se de que sua raiva estivesse fresca, e suas defesas no lugar. Mas, no minuto em que o viu, foi tomada por emoção.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele. — Num minuto estávamos juntos, e, no seguinte, você desapareceu no meio da noite.

— Juntos? — repetiu ela, ordenando às pernas que se movessem. Prometera a si mesma que não falaria com ele diretamente. Tudo que aquele homem persuasivo tinha a dizer deveria ser dito na frente da juíza.

Ela andou em direção aos degraus.

Ele acompanhou-a, e Devin olhou ao redor, procurando seus advogados. Steve dissera que eles a encontrariam lá.

— Eu confiei em você — persistiu Lucas.

Devin enrijeceu o maxilar, recusando-se a entrar numa discussão.

— Você está ajudando Steve. Está me traindo. Traindo Amélia.

— Traindo? — A voz dela tremia com fúria. — Você me traiu. Eu era seu plano reserva Lucas. Você é pior que Konrad.

Lucas soltou-lhe o braço, e ela percebeu que ele tinha congelado.

Ótimo. Não queria falar com ele. Devin acelerou os passos. Uma vez que passasse por aquela porta, daria seu testemunho e ganharia a guarda de Amélia.

Mas Lucas a alcançou, o tom incrédulo.

— O que você disse?

— Eu ouvi sua conversa com Byron. "Devin. Eu.

Bebês."

— Você entendeu errado — disse Lucas, atônito.

Ela virou-se para encará-lo.

— Eu entendi errado. Monica entendeu errado. Quem mais entendeu suas conspirações desprezíveis errado?

— Meu plano reserva — declarou Lucas — era me apaixonar por você.

Devin ignorou o aperto no peito.

— Oh, você é bom.

— Eu estava dizendo a Byron que, se o pior acontecesse, e nós perdêssemos a Pacific Robotics, eu me sentia grato por ainda ter você. — A expressão de Lucas era aberta e franca, e, por um segundo, ela quase acreditou.

Mas, então, sacudiu-se mentalmente, virou-se e entrou no prédio.

Do lado de dentro, os advogados de Steve a escoltaram para a sala de audiência. Ela percebeu a equipe de Lucas se sentando, mas manteve o olhar fixo à frente.

A juíza começou a falar, mas Devin não conseguia concentrar-se. Suas palmas suavam, sua boca secara. Lucas estava mentindo sobre ter se apaixonado por ela.

Precisava se concentrar em Amélia, que estava no resort da ilha de San Juan com Lexi, onde elas haviam passado os últimos dias.

— Srta. Hartley? — chamou a juíza.

— Sim, Excelência?

— Por favor, sente-se no banco das testemunhas.

Devin levantou-se tremendo, andou até o palanque das testemunhas e jurou dizer a verdade.

Seu advogado começou, e as perguntas de abertura foram inofensivas. Ela relatou fatos, contando sobre o flerte entre Konrad e Monica, como ficara surpresa pela rapidez com que Monica engravidara, e que Monica não soubera sobre a herança até que ouvira Lucas e Konrad discutindo sua gravidez.

No meio de seu testemunho, Steve entrou na sala e sentou-se nos fundos. Havia poucos expectadores além dos advogados de ambos os lados.

O advogado de Devin deu-lhe uma piscadela encorajadora, então voltou a se sentar.

Um dos advogados de Lucas levantou-se.

— Sua irmã amava Konrad Demarco? — perguntou ele sem preâmbulos.

Devin inclinou-se para o microfone.

— Acredito que sim.

— O que a faz acreditar que ela o amava?

— Ela me disse que o amava.

— Monica estava animada com o casamento?

— Sim.

— Estava animada com a gravidez?

— Sim.

— Sua irmã acreditava que Konrad a amava?

Devin hesitou, tentando lembrar o que Monica falara sobre os sentimentos de Konrad.

Lembrou-se das fotos de casamento, lembrou-se

dos primeiros meses deles juntos, Monica abraçando o pescoço do marido, sorrindo, o jeito como os olhos de Konrad se iluminavam quando fitava a esposa, como se não existisse mais ninguém no mundo...

- Srta. Hartley?
- Desculpe-me. Qual era a pergunta?
- Sua irmã acreditava que Konrad a amava?
- Sim.
- Você diria que eles eram felizes juntos?
- No começo — admitiu Devin.
- O que mudou?

Devin olhou para Lucas brevemente.

— Ela descobriu que era tudo uma farsa. Lucas e Konrad queriam que Amélia herdasse os bens do avô.

O advogado aproximou-se, baixando o tom de voz:

- Como ela descobriu isso?
- Monica ouviu uma conversa entre Konrad e Lucas.
- O que eles diziam?
- Que derrotariam Steve, tendo Amélia.
- Alguma chance de sua irmã ter compreendido o significado de maneira errônea?
- Não.
- Alguma chance de ela ter ouvido as palavras fora do contexto?
- Não.
- Como pode estar tão certa?
- Passei o ano seguinte ajudando-a a superar a traição de Konrad.

Ela tentou não olhar para Lucas, mas sua atenção era atraída naquela direção o tempo inteiro.

- E o que Konrad fez durante esse ano?
- Ele tentou reconquistá-la — replicou Devin. — Tentou de tudo para ter Monica e Amélia de volta. Mas não conseguiu.
- Você acredita que Konrad era insincero?
- Sim.

O advogado olhou para Lucas, e Lucas meneou a cabeça de modo quase imperceptível.

Houve algum tipo de comunicação silenciosa entre Lucas e o advogado. Então o advogado voltou-se para Devin.

— Srta. Hartley, eu soube que você invadiu a conta de e-mails particular de Lucas Demarco.

Lucas começou a se levantar, mas outro advogado segurou-lhe o ombro para mantê-lo sentado.

- Eu não "invadi" a conta. — Não havia uma senha. Ela poderia ter aberto acidentalmente.
- Mas você leu os e-mails privados do Sr. Demarco?
- Sim.

— Por quê?

Ela engoliu em seco.

— Para provar que eu estava certa.

— E provou isso?

Devin respirou fundo, e tentou manter-se calma.

— Li um e-mail de Lucas para Konrad que dizia: "Estou contando com você." Eles falavam sobre Monica.

— E você interpretou que Lucas estava contando com Konrad para cortejar Monica, casar-se com ela rapidamente e ter um bebê para garantir a herança do avô?

— Sim.

— Era isso que o e-mail dizia? Especificava a trama, ou simplesmente dizia: "Estou contando com você"?

— "Estou contando com você" — repetiu Devin.

— Então, por tudo que você sabe, Lucas poderia estar contando com o fato de que Konrad comprasse um litro de leite no caminho para casa?

O advogado de Devin levantou-se.

— Protesto, Excelência.

— Negado — disse a juíza.

O advogado continuou:

— Eles podiam estar se referindo a qualquer coisa.

— Talvez. Mas...

— Por que ele tentaria reconquistá-la? — perguntou o advogado, pegando Devin de surpresa.

— Perdão?

— Por que Konrad, já tendo se casado e engravidado Monica, claramente preenchendo os requisitos do testamento do avô, passaria quase todos os minutos do ano seguinte tentando reconquistá-la?

Devin hesitou. Mais uma vez, seu olhar voou para Lucas. Por alguma razão, ele não parecia mais agressivo. Parecia quase compassivo. Estaria com pena dela?

— Konrad a queria de volta porque a amava — declarou o advogado.

— Especulação — disse o advogado de Devin.

— Reformule a declaração — ordenou a juíza.

O advogado aproximou-se de Devin, falando deliberadamente devagar:

— Se Konrad tivesse amado Monica, e ela tivesse entendido erroneamente a conversa entre ele e o irmão, e, se Monica o tivesse deixado, o que você esperaria que Konrad fizesse?

Devin pausou. Sabia que caíra numa cilada. Mas não podia escapar.

E o advogado estava certo. Konrad tinha feito tudo que um homem apaixonado faria.

Devin não podia ter certeza de que ele não amara Monica. Nem podia ter certeza de que ele a manipulara.

Subitamente, Devin percebeu a verdade.

Lucas estava certo. Estivera certo o tempo todo, e ela não podia mentir sobre isso.

Olhou diretamente para Lucas.

— Eu esperaria que um homem apaixonado tentasse reconquistar sua esposa.

Lucas lançou-lhe um sorriso fraco. Ele parecia

lamentar as circunstâncias, quando, na verdade, deveria estar comemorando.

Uma exclamação estrangulada veio dos fundos da sala, quando Steve ergueu as mãos em desgosto.

— Repito a pergunta — disse o advogado para Devin, — há alguma chance de Monica ter entendido errado a conversa entre Konrad e Lucas?

— Sim — admitiu Devin, piscando contra as lágrimas. Lucas iria vencer e tirar-lhe Amélia. E ela teria de suplicar a ele por cada segundo que passasse com sua sobrinha.

O advogado olhou para Lucas, que assentiu.

— Por que você tirou Amélia da segurança de Demarco no último fim de semana? — perguntou o advogado.

Lá estava. O último prego no seu caixão. Ela respirou fundo.

— Eu descobri que Lucas estava me manipulando. — Devin parou. Lucas a faria admitir publicamente que eles tinham tido um caso?

— Porque ouviu uma conversa?

Ela assentiu.

— Alguma chance de ter entendido erroneamente?

Devin começou a menear a cabeça. Mas então parou as palavras anteriores de Lucas soando em seus ouvidos. *Você entendeu errado. Meu plano reserva era me apaixonar por você.*

Ela o olhou. Seria possível?

— Srta. Hartley? — continuou o advogado. — Lembre que está sob juramento. Você está apaixonada por Lucas Demarco?

— Excelência — protestou o advogado de Devin.

— Eu não vejo a relevância disso — declarou a juíza.

— É relevante; eu lhe prometo — disse o advogado de Lucas.

A juíza hesitou enquanto o coração de Devin disparava no peito. O que ela poderia dizer? Não queria mentir sob juramento, mas seus sentimentos por Lucas não eram da conta de ninguém.

Enquanto todos esperavam, Lucas levantou-se e entregou um bilhete para seu advogado. O homem leu e sorriu.

A juíza estendeu a mão e o advogado entregou-lhe o bilhete.

Então a juíza sorriu e assentiu, devolvendo o papel.

Devin preparou-se para a pergunta.

— Srta. Hartley está...

— Sim! — gritou ela. — Estão satisfeitos? — Ela olhou para a juíza. Que tipo de coisa era aquela para se fazer com uma mulher?

O advogado de Lucas entregou-lhe o bilhete.

Rubra de mortificação, Devin baixou os olhos para o papel e leu:

Custódia total para Devin Hartley. Aqui e agora. Se ela corresponder ao meu amor. Se ela concordar em se casar comigo.

Devin piscou e leu novamente, confusão misturando-se com raiva e choque.

— Mais uma pergunta — disse o advogado. — Devin, isso é um "sim"?

Devin olhou para as pessoas ao redor. Olhou para Lucas, e a enormidade da situação abalou-a. Ele a amava. Ele a amava?

Tudo o que ele dissera. Tudo o que fizera. Seus

dias e noites juntos, a afeição de Lucas por Amélia... Era tudo verdade?

— Cinco minutos de recesso — declarou a juíza, batendo o martelo.

Então Lucas estava correndo para Devin, erguendo-a do banco de testemunhas e envolvendo-a em seus braços.

— Eu amo você — disse ele com emoção. — E amo Amélia. E quero me casar com você. — Então falou por sobre o ombro de Devin: — Excelência, nós podemos dispensar o caso, ou algo assim?

A juíza encontrou os olhos de Devin, e arqueou as sobrancelhas numa pergunta.

Devin sorriu com alegria.

— Eu estarei livre às 15h — disse a juíza. — Caso precisem de alguém para casá-los.

Devin sorriu enquanto Lucas ria. Steve saiu da sala de audiência.

— Às 15h está bom para mim — disse Devin, passando os braços em volta do pescoço de Lucas. — Contanto que você possa trazer Lexi e Amélia para cá a tempo.

Ela respirou fundo; visualizando os anos gloriosos à frente deles.

— Eu o amo tanto — confessou, absorvendo o calor e força de Lucas.

Ele a beijou apaixonadamente.

— Eu a amarei para sempre.

A juíza bateu o martelo mais uma vez.

— Oficial, ligue para a floricultura. E alguém encontre alianças para estas pessoas.

Devin girou a aliança simples de prata no dedo da mão esquerda enquanto esperava que Lucas terminasse de ler o roteiro de *Trânsito Confuso na Era da Informação*. Ele lhe comprara um novo anel de diamante alguns dias depois do casamento apressado, mas ela preferia o original, ainda que tivesse sido comprado por vinte dólares na loja de souvenir na frente do palácio da justiça.

Um pequeno fogo queimava na lareira de pedra do grande salão da mansão. Amélia tinha comemorado seu primeiro aniversário na semana anterior. Estava andando com firmeza agora, puxando tudo das prateleiras mais baixas e forçando os empregados a recolocarem tudo no lugar.

Lucas virou a última das páginas impressas.

— Então? — perguntou Devin, sentada numa poltrona, ansiosa sobre a reação dele.

Ele a fitou e deu um sorriso travesso.

— Não ouse me fazer esperar — ralhara ela.

Lucas levantou-se, aproximando-se.

— Eu aceitaria seu conselho — murmurou. — Especialmente a parte sobre dedicar tempo para apreciar as pessoas que você ama. — Ele pegou-lhe as mãos e levantou-a. — Irei apreciar amá-la aqui e agora.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Mas Devin derreteu-se quando ele inclinou-se para beijá-la.

— Verdade? — Ele a puxou para mais perto. — Você dá o melhor conselho que já ouvi. E seu livro claramente declara que devo tornar o ato de fazer amor uma prioridade na minha vida.

Ela sorriu, pensando na noite anterior, e nas anteriores.

— Acredito que você já fez isso.

— Bem, tecnicamente ainda estamos em lua de

mel.

— Estamos casados há mais de três meses.

— Li em algum lugar que a lua de mel dura no mínimo cinco anos.

— Não no meu livro.

— Então você deveria acrescentar essa parte. — Lucas beijou-a, deslizando uma mão por baixo de sua blusa e subindo-a por suas costas.

Amélia já estava dormindo, mas alguns empregados ainda vagavam pela casa.

— Lucas, tire as mãos de meus botões.

Ele riu então a campainha tocou.

Passos soou no corredor quando um dos empregados foi atender. Lucas beijou-lhe o topo do nariz, sussurrando:

— Mais tarde.

Devin concordou silenciosamente, então reconheceu a voz de Lexi.

— Eles voltaram? — perguntou para Lucas. — Por que não me contou?

— Eu não sabia.

Naquele momento, Byron e Lexi entraram no salão. Devin apressou-se em direção à sua amiga.

— Como foi a lua de mel? Gostou do Taiti?

Lexi mostrou um braço nu.

— Veja meu bronzado.

Devin abraçou-a.

— Você está fabulosa, saudável, descansada.

Os dois homens apertaram as mãos, e Lexi riu.

— Não muito descansada.

— Ela dormiu no avião — disse Byron, abraçando Devin, enquanto Lucas abraçava Lexi.

— Primeira chance que tive em duas semanas.

— Ela exagera — disse Byron.

Devin deu um passo atrás.

— O que vocês decidiram? Quanto tempo ficará em Seattle?

— Contratei um novo administrador para a fazenda — replicou Byron com um brilho misterioso nos olhos.

— Então podem passar bastante tempo em Seattle? — questionou Devin, esperançosa.

Em vez de responder, Byron olhou para Lucas.

— Steve me ligou.

— O que ele queria?

— Vender a parte dele da Pacific Robotics.

Lucas o estudou.

— Não. — Mas um sorriso estava se formando no seu rosto. — Você não fez isso.

— É claro que fiz — confirmou Byron. — Ele parece achar que vai se der bem na América do Sul. Estava procurando uma venda rápida para levantar capital, então dei isso a ele.

— Isso tem de ser aprovado pelo quadro de

diretores — murmurou Lucas.

— Estou certo de que terei o apoio de Amélia. — A garotinha adorava o tio Byron.

Lucas sorriu.

— Aposto nas suas chances.

— Isso significa o que penso que significa? — Devin estava ficando impaciente.

Lucas puxou-a contra seu corpo e beijou-lhe a testa.

— Significa que eles irão morar em Seattle. Byron será meu sócio nos negócios, e nós todos seremos felizes para sempre.

Fim

CORAÇÃO SEDUTOR

Olivia Cotes

Ela se resignara com a sua reputação de mulher fatal, mas até o rei achava que a sedução fosse uma, ou talvez a única, de suas armas. Mas ela o desculpara. Ele estava velho, doente, e tão desesperado para resolver seus problemas, para garantir o futuro do seu reino... Além disso, ele lhe propusera uma causa que valeria a pena. Embora a sedução não estivesse na lista de artifícios que iria usar, todos sairiam ganhando se ela conseguisse: o rei teria seu filho de volta; a reconciliação deixaria o referido filho mais feliz; Castaldini recuperaria um negociador de peso para ajudar o regente a tirar o país do buraco; e ela conseguiria estabilizar a sua empresa.

Mas o maldito príncipe não respondera aos seus telefonemas. Ela concluía que só poderia haver um motivo: como costumava fazer com todos, ele mandara investigá-la e descobrira a sua má reputação através de boatos maldosos. Com certeza, ele a condenara, baseado apenas numa sujeira sem fundamento. Furiosa, ela cobrara um favor a alguém que trabalhava com ele e conseguira a sua agenda para a semana seguinte. Além de impossível de controlar, Durante também tinha o hábito de promover eventos onde convencia milionários a doar muito dinheiro para as causas de sua preferência. Ela pretendia encontrá-lo e lhe fazer uma oferta irrecusável.

Este fora o plano. E, até agora, ela só conseguira balbuciar três frases e ganhar um olhar desconcertante. Precisava obter resultados, mas antes precisava recuperar sua capacidade de agir, ou pelo menos religar o piloto automático que a fizera funcionar durante meses. Um dos dois parecia ter funcionado, porque ela por fim conseguiu se mexer.

Gabrielle abriu a porta do salão e ficou atordoada com a boa música e com a agitação dos convidados, mas o que mais a perturbou foi o poder do olhar que a fitava intensamente. Ele esperava por ela como se tivesse certeza de que ela o seguiria. Não que ela fosse conseguir, porque as pessoas que pretendiam falar com ele não lhe davam espaço. Só de olhar para ela, do outro lado do salão, ele

lhe tirava o fôlego. Ela começou a pensar que seria ótimo não ter oportunidade de falar com ele a sós. Gabrielle era uma mulher de negócios madura, que passara pela batalha de um casamento e de um divórcio, e que sempre fora assediada pelos homens. Para seu desgosto, pensara ter visto e vivido de tudo, mas o príncipe D'Agostino parecia estar acima de todos os homens que ela conhecera. Classificá-lo junto com os outros seria o mesmo que comparar um tubarão com um peixinho. Algo lhe dizia que ela não iria conseguir que deveria desistir, e teve que reunir suas forças para desgrudar os olhos dos dele e resolver sair. Quando chegava à porta, ela ouviu um sussurro macio soar às suas costas.

— Não fuja.

A lógica dizia que o efeito estereofônico do som vinha do sistema de alto-falantes.

Mas não existia lógica: apenas o efeito que a voz exercia sobre ela, as reações que lhe causava. Gabrielle tinha certeza de que ele falava com ela. Voltou-se e o viu sobre o estrado, diante do microfone, olhando-a fixamente.

— Senhoras e senhores — ele disse. — Obrigado por pagarem os dez mil do convite, mas já que estão ficando impacientes, vou me apressar em conseguir verdadeiras contribuições de todos. Vocês têm a lista do leilão, mas em vista de alguns imprevistos, eu fiz algumas modificações. O primeiro item a ser leilado... Serei eu.